REVISTA DA SEMANA

N. 32 ★ 11-8-51

CR$ 3.00 EM TODO O BRASIL



Beanstalk

REGD

ANDAIME ROMEU E JULIETA AUTOMÁTICO HIDRÁULICO

Um grande aparelho para consertar tetos, paredes, colocar lâmpadas, consertar fios e trabalhos de consertos em geral.

FABRICAÇÃO INGLÊSA





Funciona com um só operário, o qual faz funcionar a bomba hidráulica para subir ou descer.

Pode trabalhar em paredes com a base inteiramente aberta.

Pode passar por portas pequenas de 198x77 cms. de largura, pois é desmontável.

SEGURANÇA — Construído cientìficamente para dar absoluta estabilidade — material sólido e resistente; permite livre movimento do operário no seu trabalho.

Há um dispositivo para evitar movimento do aparelho durante o serviço.

Muito fácil de transportar ocupando pouco espaço.

É fàcilmente montado e DESMONTADO em trailers para serviços públicos de iluminação, pintura e reparos em túneis, etc..

Modelos:	Pequeno	Médio	Grande	Gigante	
Capacidade	100/150	100/150	100/150	100/150	Kgs.
Altura total	457	610	732	853	Cms.
Elevação manual	1,3 Min.	2 Min.	2,30 Min.	2	Min.
Descida manual	½ Min.	45 Seg.	1,30 Min.	3,20	Min.
Medida da plataforma ...	68x68	68x68	68x68	68x68	Cms.
Largura entre pés da base	129x129	175x175	222x222	268x268	Cms.
Base encolhida	167x64	233x69	294x107	375x105	Cms.
	—	84x84	—	—	
Distância mínima entre a plataforma e a parede	30	48	61	91	Cms.
Pêso líquido	230	305	380	420	Kgs.

Milhares de aparelhos em uso em várias partes do mundo

PREÇOS E INFORMAÇÕES

ESCREVER A

MIDDOWS LIMITED

CAIXA POSTAL, 3441

RIO DE JANEIRO

REVOLUÇÃO DE SAIAS

EVA NA ACADEMIA

NÃO E' A PRIMEIRA VEZ QUE O ASSUNTO E' DEBATIDO ★ O PROJETO OSVALDO ORICO PROVOCA DISCUSSÃO ★ FALAM OS ACADÊMICOS: UNS CONTRA, OUTROS PELA CONSERVAÇÃO DOS ESTATUTOS, POUCOS FAVORÁVEIS ★ FALAM AS INTERESSADAS ★ TÔDAS AS QUE OUVIMOS SÃO FAVORÁVEIS, MAS NÃO CANDIDATAS ★ VATICÍNIO DO REPÓRTER: SERÁ REJEITADO O PROJETO

Reportagem de JORGE LYRA

NÃO é a primeira vez que o tema é debatido — devem as mulheres entrar na Academia Brasileira de Letras? Já em 1911, o maior polemista brasileiro, Carlos de Laet, propusera o nome de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, se não nos falha a memória, para o quadro de correspondentes. Essa primeira tentativa fracassou, pois que a Academia, por grande maioria, refutou a proposta, sob a alegação de o Estatuto de Machado de Assis impedir a eleição de mulheres. Mas não foi a última tentativa já que, tempos mais tarde, Clóvis Bevilacqua, o maior dos nossos juristas, agitava novamente o assunto, tentando inscrever D. Amélia de Freitas Bevilacqua, sua espôsa, na vaga de Alfredo Pujol. Essa nova tentativa também fracassou — a Academia, por maioria considerável, rejeitou a proposta, o que fêz com que Clóvis abandonasse a Casa de Machado de Assis. Agora, volta o assunto a debate, agitando os meios intelectuais de todo o país — devem as mulheres entrar na Academia?

Sabe-se que a nossa Academia de Letras foi inspirada na Academia Francesa, a qual não permite, em seu seio, a presença do chamado sexo frágil. Por outro lado, a Academia de Ciências de Lisboa, a Real Academia de Madrid, a Academia de Londres, a de Itália, dentre as mais importantes do mundo, não admitem mulheres em seus quadros. Mas, pergunta-se, temos uma Academia regida pela bitola estreita de suas congêneres, ou teremos a coragem inaudita de ser dos pioneiros do mundo, quebrando o velho tabu? Devemos compilar "modus



D. CECÍLIA Meireles acha que a palavra «brasileiros» se adapta também ao sexo feminino.



D. LÚCIA BENEDETTI: "A ACADEMIA É UMA CASA SONOLENTA, EMPOEIRADA, COM MILHARES DE GATOS ESPICHADOS AO SOL..."

vivendi" do orbe, ou devemos ditá-los? E' bem verdade que o artigo 2º do Estatuto da Academia, redigido por Inglês de Sousa, inspirado na prudência do clássico Machado, diz textualmente: "só podem ser membros efetivos da Academia *os brasileiros...*", cujo texto tem sido sempre invocado para quebrar tôdas as tentativas para a entrada das filhas de Eva no "augusto sodalício".

Espirito vivo e irrequieto, o sr. Oswaldo Orico acaba de propor a seus pares a reforma do Estatuto de Machado de Assis, visando a entrada das mulheres. E é numa atmosfera de grande expectativa por parte da opinião pública e, em particular, dos intelectuais, especialmente dos femininos, que, dentro em pouco, vai ser discutido o projeto.

OPINAM OS ACADÊMICOS

Na Academia, entre um chá e outro, conseguimos ouvir a palavra de alguns imortais sôbre o tão discutido assunto. Interpelado por nós, o ex-ministro, professor Pedro Calmon, um dos mais jovens acadêmicos, irradiante simpatia, disse-nos:

— A única objeção é o Estatuto de Machado de Assis...

— Mas, professor, — insistimos, — pessoalmente o senhor é pela entrada das mulheres?

— Sou pela equiparação da mulher na dignidade plena de seus direitos. Ninguém discute as possibilidades e os direitos do talento feminino. Mas o Estatuto...

Deixamos o ex-ministro, que já se despedia dos seus pares, e procuramos ouvir a opinião do sr. Cláudio de Sousa. Aproximamo-nos sutilmente e perguntamos:

— Permite-nos uma pergunta, acadêmico?

— Se é sôbre a entrada das mulheres, todos já sabem a minha opinião: sou contra. Já disse isso aos jornais.



CARNEIRO LEÃO e Celso Vieira são pela conservação do Estatuto. Logo... contra.

Obtemperamos que já tomáramos conhecimento da mesma, mas que, sendo de uma revista a quem êle ainda não falara, julgáramos de bom alvitre ouvir sua opinião. Mas êle, saindo à francesa, para encerrar o assunto, murmurou qualquer coisa que pudemos anotar:

— Já existe uma Academia Feminina e lá homem não entra...

Seria interessante ouvir a opinião do presidente Aloysio de Castro. Enquanto êle apanhava o chapéu para retirar-se, abordamo-lo:

— Que acha presidente...

— Sôbre a entrada das mulheres, — concluiu êle rindo — não posso falar por ser o presidente. Quem quiser, — disse fazendo blague, — que adivinhe o meu pensamento...

E retirou-se, sorrindo pela boa resposta que nos dera. Enquanto se retirava o presidente, abordamos um grupo onde discutiam, sôbre outro assunto, os senhores Macedo Soares, Manoel Bandeira e Viana Moog.

— Somos da REVISTA DA SEMANA e desejávamos saber sua opinião sôbre a momentosa questão...

— Da falta d'água — disse Manoel Bandeira.

Por um momento ficamos titubeando, mas o sr. Viana Moog nos tirou do apêrto:

— Da entrada das mulheres?

— Sim, sim — balbuciamos.

— Sou favorável — disse êle. — A cultura e a inteligência não têm sexo.

Grande resposta, indiscutivelmente, do sr. Viana. E, enquanto tomávamos nota, o sr. Manoel Bandeira dizia:

— A minha opinião é... reservada.

Dirigimo-nos, então, ao sr. Macedo Soares:

— Qual seu pensamento, embaixador.

— Eu voto com o Bandeira.

Enquanto êles voltavam à vaca fria, nós partíamos em demanda do grupo onde estavam os srs. Viriato Corrêa e Clementino Fraga. Velhos conhecidos do sr. Viriato, do simpático e paternal autor da "Marquesa de Santos", tomamos a liberdade de interromper a conversa:

— Dr. Viriato, queriamos sua opinião sôbre...

— Sou favorável, inteiramente a favor das mulheres — disse êle sorrindo a bom sorrir.

No momento em que anotávamos tão valiosa resposta, notamos que o sr. Clementino se esgueirava. Porém, mais ràpidamente do que êle pensou, apro-

PEREGRINO Jr., enquanto admirava a estátua de Poincaré, disse: «Ainda não tenho opinião formada».

PEDRO CALMON, um dos brotos da Academia, reconhece o valor da mulher, mas é pela conservação do Estatuto.

O PRESIDENTE Aloísio de Castro: «Quem quiser que advinhe meu pensamento...»







MÚCIO LEÃO é, por tabela, contra as mulheres, porque é pelo Estatuto de Machado.

CLÁUDIO DE SOUZA, completamente contra: «Na Academia Feminina homem não entra».

BARBOSA LIMA: «Ainda é cedo para falar; depois da discussão, quem sabe?»











A ESCRITORA DINAH S. de Queiroz não é candidata e acha que seria muito incômodo pedir voto a homem.

RACHEL DE QUEIROZ pergunta: «Por que só os homens hão de aproveitar as delícias acadêmicas?»

ximamo-nos e fizemos a pergunta; pelo inesperado do nosso ataque, não pôde esquivar-se:

— Sou contra.

— Mas por quê?

O sr. Viriato aproximou-se e o tirou da situação incômoda:

— Pronto, tire um retrato de nós dois. Um contra — êle; outro a favor — eu.

Aceitamos a sugestão e mal batemos a chapa tentamos abordá-lo novamente, mas êle pôde salvar-se dêsse outro contra-ataque porque o sr. Peregrino Jr. ia saindo e desejávamos colhêr também sua palavra.

— Então, professor Peregrino, como vai o Diário bomba à Peron?

Êle sorriu amàvelmente, bateu-nos nas costas e, como já tomara conhecimento de nosso propósito, ditou:

— Ainda não tenho opinião formada. O assunto ainda não foi debatido e só com a discussão haverá luz. Vamos aguardar um pouco.

O sr. Múcio Leão falava ao telefone. Máquina em punho, esperamos que êle terminasse a palestra e, depois de bater a chapa, inquirimo-lo:

— Que acha sôbre a entrada...

Não nos deixou terminar e disse:

— Sou favorável, em tese. Mas sou pela conservação dos Estatutos. Depois, apontando o acadêmico-político Barbosa Lima, perguntou:

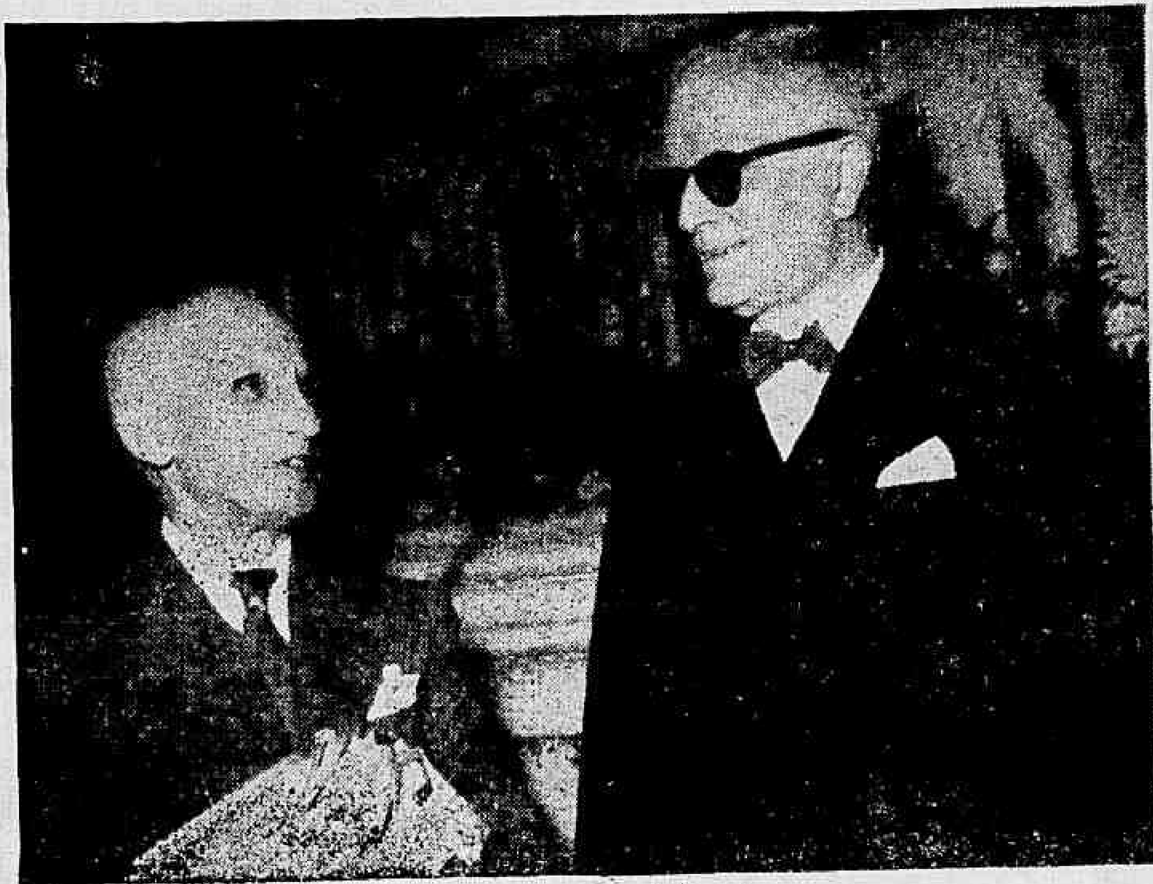
— Já ouviu o Barbosa?

Não ouviramos, aceitando portanto o conselho. Feita a pergunta, êle respondeu:

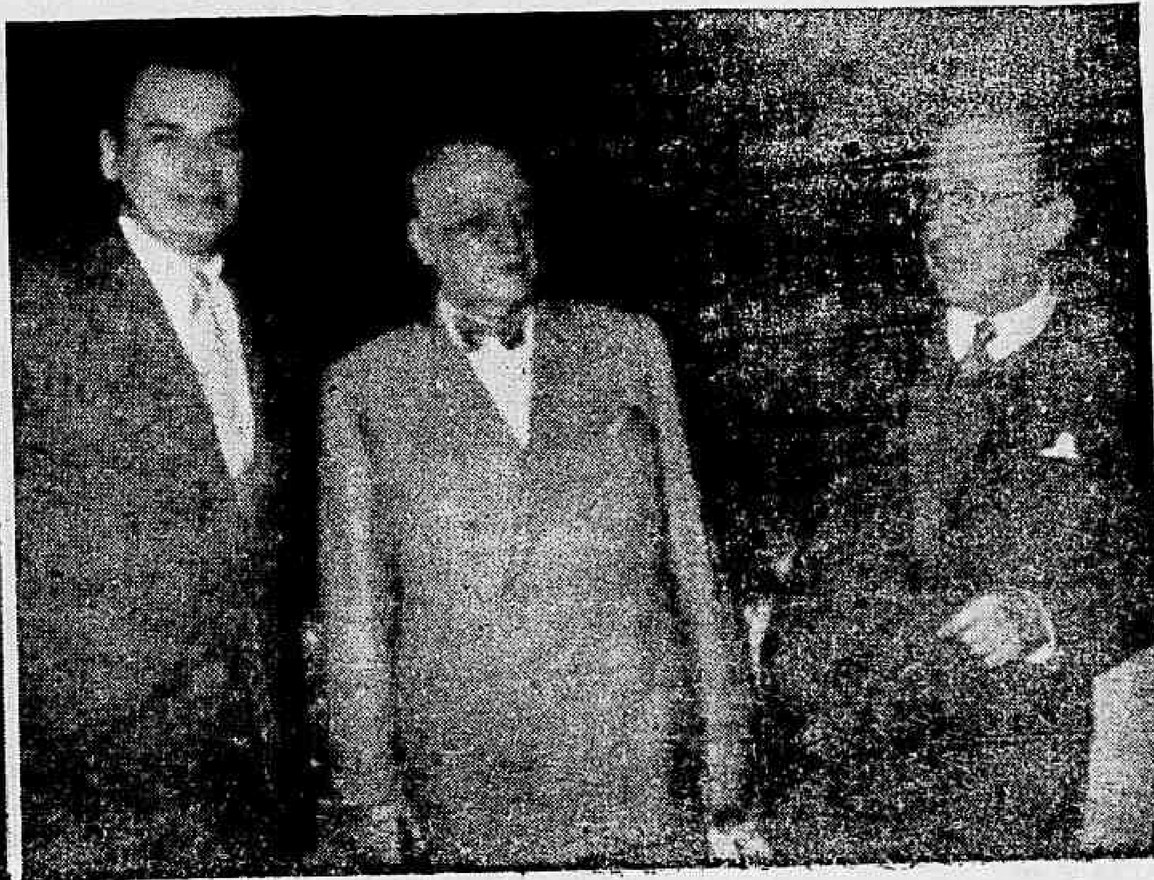
— Ainda é cedo, meu filho. Depois da discussão me procure...

Noutro grupo, os senhores Celso Vieira e Carneiro Leão conversavam alegremente. Perguntamos aos dois ao mesmo tempo e o sr. Celso Vieira respondeu pelos dois:

(Cont. na pág. 56)

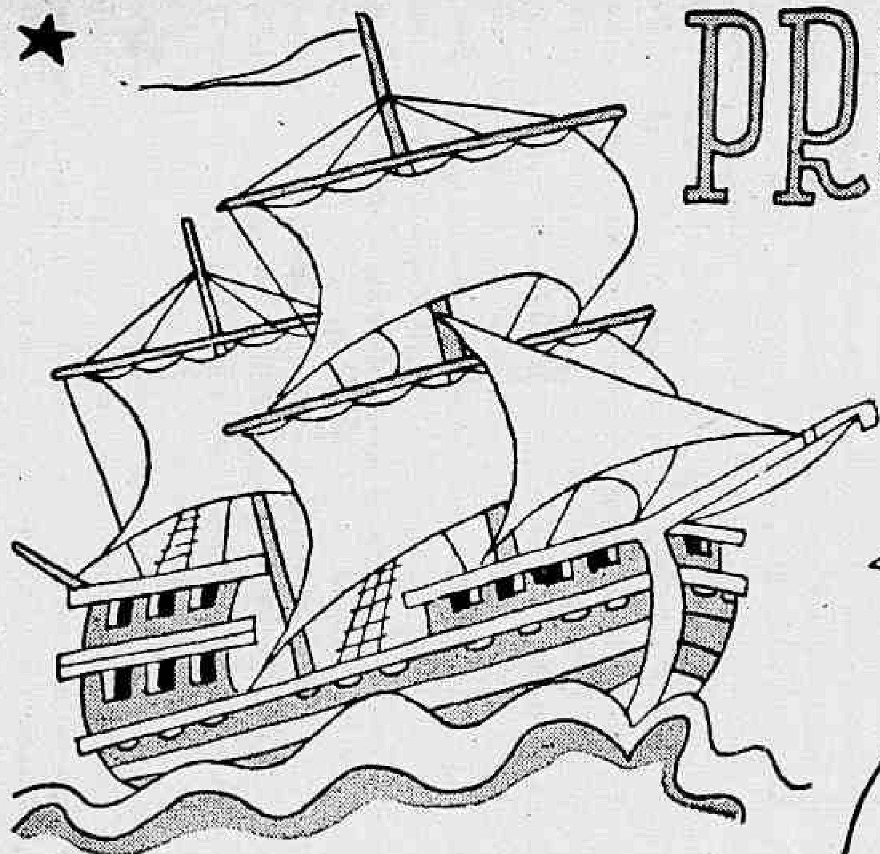


VIRIATO É TOTALMENTE favorável à tese, enquanto seu colega Clementino Fraga, totalmente contra.

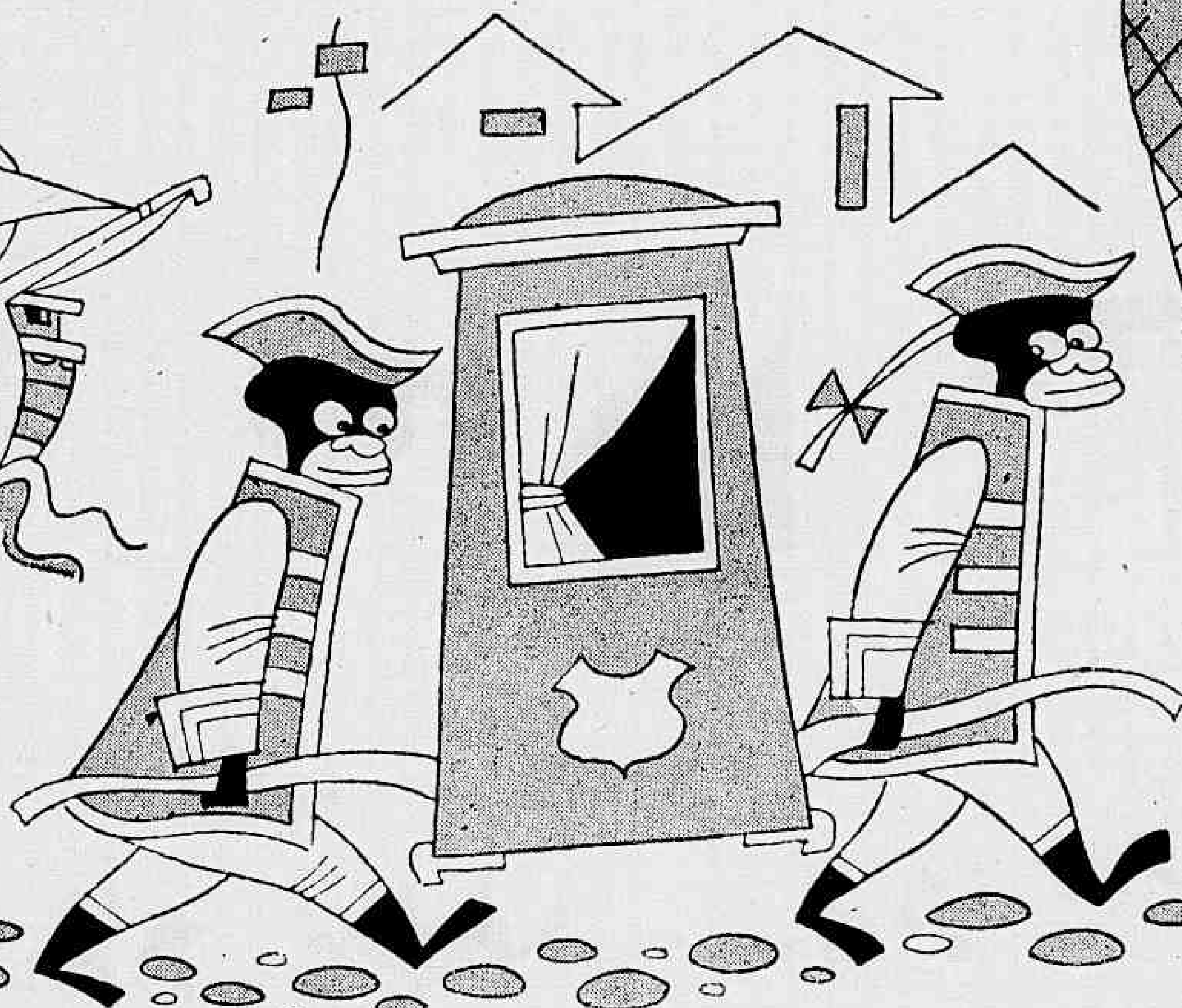


VIANA MOOG, favorável, porém Macedo Soares e Manuel Bandeira são reservados.

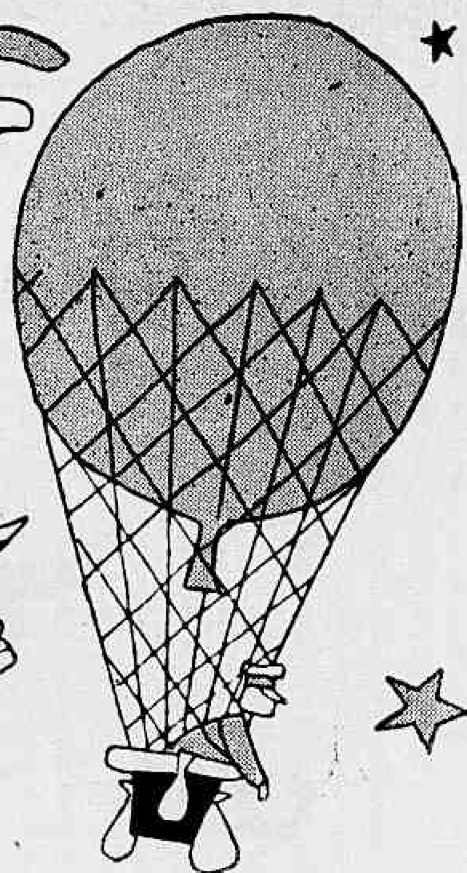
PROGRESSO...



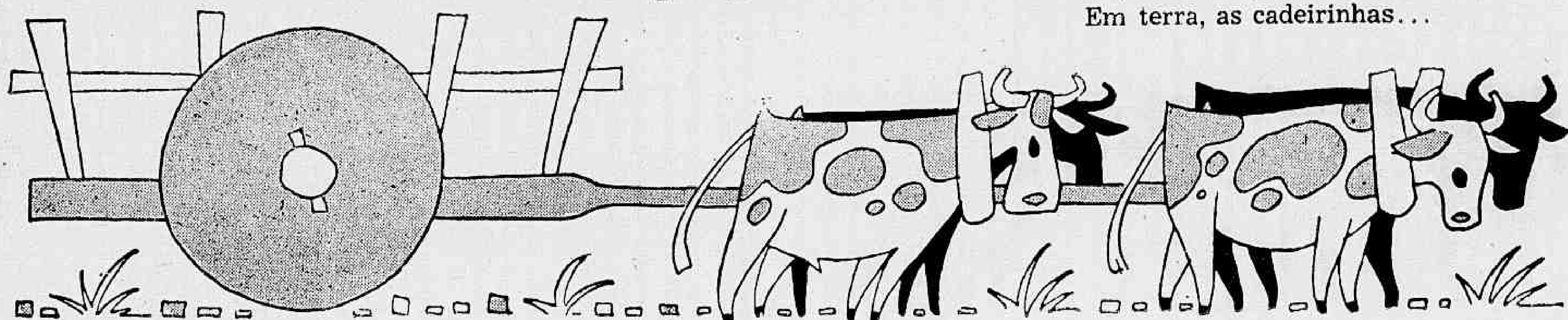
Outr'ora as caravelas navegavam meses a fio na travessia dos oceanos.



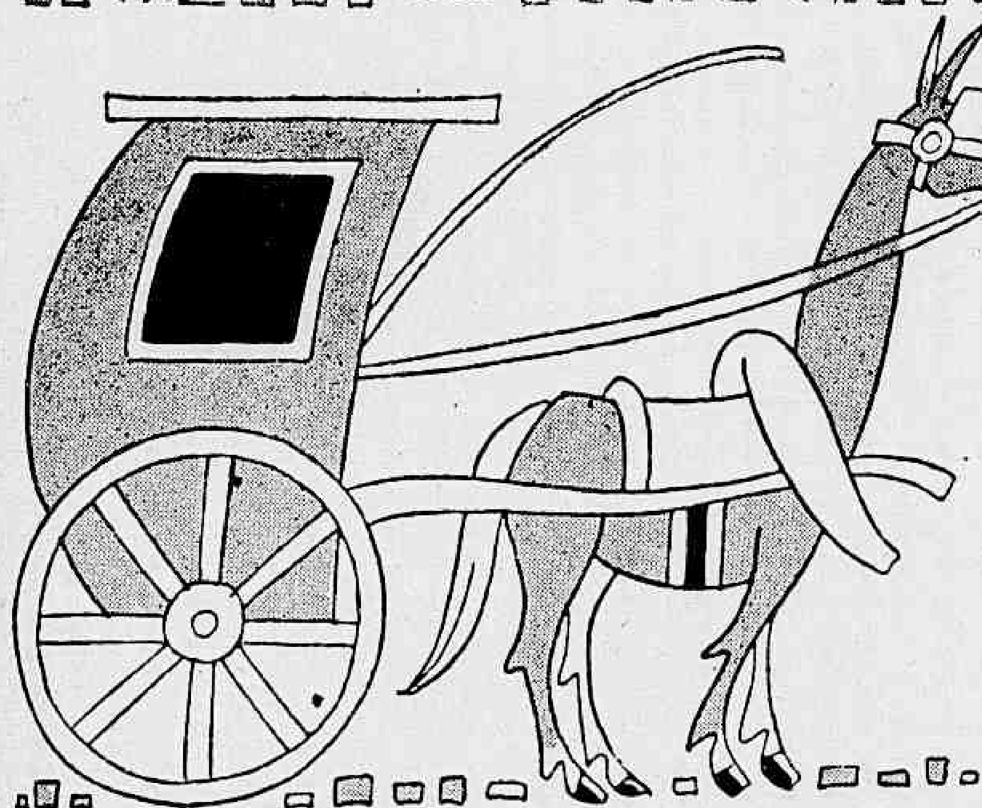
Em terra, as cadeirinhas...



O aerostato veio muito depois.



E o carro de boi, que ainda vara os sertões.

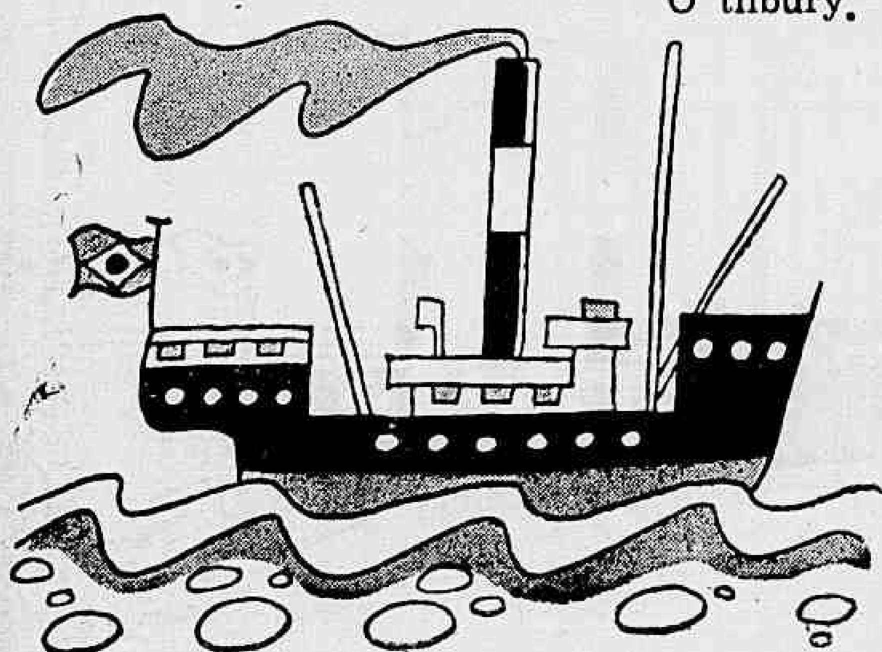


O tilbury.



Os cavalos, que os bandeirantes também montaram.

Mais tarde vieram os navios a vapor...





Mas hoje tudo é velocidade!

Há os automóveis...

ANO LI * N.º 32 REVISTA DA SEMANA 11 - 8 - 1951



A GRANDE SOLUÇÃO

NA manhã de segunda-feira, 30 de julho último, depois de terem alguns engenheiros procedido a uma série de observações locais, chegou ao Largo da Lapa um grupo de operários com seus apetrechos de trabalho e a tarefa começou. Curiosos estacionaram de perto, indagando de que se tratava: era, com certeza, mais um buraco, desta vez aberto em lugar absolutamente impróprio, de passagem obrigatória para os veículos e pedestres, mas que fazer? Já se habituou o carioca a saltar buracos — e a vida acabou sendo o maior dêles para quase todos. Há os que preferem contorná-los, com muito engenho e arte; são os privilegiados. Mas acontece que os apetrechos de trabalho daqueles homens eram diferentes, estranhos, e os operários, dessa vez, não vinham por conta da Light, como costuma acontecer, e sim da Prefeitura. Ora, sabe-se que a Prefeitura também abre buracos, não é só a Light. Êsse, porém, junto ao lampadário do Largo da Lapa, aqui pertinho da redação, deu para intrigar; e quando os homens instalaram aquela sonda bonita, foi que a curiosidade aumentou. Poço de petróleo não era, que Lobato está longe, e bate-estacas para o levantamento de arranha-céu, ainda menos, pois ainda ninguém se lembrou de erguer mastodontes no meio das praças. Pode muito bem a lembrança aparecer mais tarde, que todos os absurdos têm seu dia, mas por enquanto não se registrou.

E o buraco foi aberto, o asfalto foi quebrado e a sonda começou a entranhar-se, solo abaixo. Já a êsse tempo uma tabuleta fôra colocada ali perto, para acabar com a bisbilhotice dos basbaques: pois era isso mesmo, o que menos se podia esperar, o início de um serviço de exploração e sondagem do subsolo para a construção do Metropolitano. O Metropolitano, enfim! O encantado, o quimérico Metropolitano porque todos vivíamos ansiosos, sonhando com êle, pensando morrer sem que nossos olhos pudessem vê-lo aqui no Rio! Aí está, pelo menos, o primeiro passo para que deixe de ser quimérico e se transforme numa realidade. Pode ainda demorar tempo, e vai demorar anos, pouco importa, essencial é que a primeira perfuração está sendo feita, embora para sondagens, simples "test" dos trabalhos definitivos que virão mais adiante, mas, de qualquer modo, abençoado atravancamento, ditosa aglomeração de basbaques daquela segunda-feira memorável!

Teremos, finalmente, a grande solução para o decantado problema do tráfego numa capital de quase três milhões de almas, com perspectivas para muito além do dôbro. Tôdas as outras soluções a que se entregam os diretores de trânsito são transitórias, sem trocadilho. A grande solução, a única, a definitiva, só pode ser essa, embora sabendo que seus realizadores vão encontrar obstáculos até pouco tempo julgados irremovíveis, mas hão de vencê-los, como aconteceu em outros lugares. Não ignoramos que neste subsolo, à pequena profundidade, muita água será encontrada, pois vivemos numa cidade à beira-mar, contornando montanhas e só quem ainda não viu o Rio das alturas, poderá desconhecer a desfavorável situação topográfica que se encontra para semelhante proeza. A dez minutos de automóvel, de qualquer ponto da metrópole e a reduzida velocidade, encontramos uma ponta de praia, desde o Leblon ao subúrbio mais remoto. E os nossos antepassados embarcavam para Teresópolis por mar: não é preciso dizer mais nada. Pois, assim mesmo, teremos o Metropolitano, a menos que essas primeiras sondagens façam arrefecer o entusiasmo de seus promotores, o que se afigura improvável. Os serviços de sondagem do Largo da Lapa estão iniciados e algum dia voltaremos para casa furando as entranhas da terra, miolo a dentro, deixando o panorama deslumbrante aqui em cima, para os turistas e outros bichos.

Talvez nesse dia, por mais distante, a Batalha do Rio de Janeiro esteja terminada e vencida, mas até então, muitas vítimas o noticiário das gazetas há de ainda registrar. E muitos cabelos hão de enbranquecer na cabeça dos diretores de trânsito. Seja de que maneira fôr, essencial é que venha a grande solução — e alguém está levando a sério o problema neste instante. Nossos netos hão de achar uma graça infinita relendo estas linhas, daqui a meio século, pois não...

CELESTINO SILVEIRA

SUMÁRIO

REPORTAGENS:

Eva na Academia (Jorge Lyra) 3/5
Flamengo o maior! (Levy Kleiman) 11/13
Um «caso» outonal na vida de Chevalier (Antônio Rocha) 17/21
Vamos comer baleia (Newton Viana) 22/25
O Navio da Saudade (Abdias Rodrigues) 29/33

LITERATURA:

Semana Literária (Edmundo Lys) 14/15
Tião (Walter B. Maia) 28
Velha cadeira de balanço (Edgar S. Machado) 40
Uma poetisa desconhecida (Lyse) 41

ATUALIDADES:

A grande solução (Celestino Silveira) .. 7
Tio Sam protege um pilôto japonês (Jack W. Smith) 35/37

SEÇÕES PERMANENTES:

Semana em Revista 8/9
Personagem da Semana 9
Palavras Cruzadas 16
Tudo isto aconteceu 52/53
Puxe pelo cérebro 56
A REVISTA há 50 anos 58

CURIOSIDADE:

Um demônio sem saias 26/27

CINEMA:

Anjo de Vingança 48/49

TEATRO:

Vivien Leigh, Cleópatra de dois autores 38/39

HUMORISMO:

Progresso (Theo) 6
Êste mundo e o outro (Darcy) 34

FEMININAS:

Estampados 41
Modelos Variados 42/43
Criações Sugestivas 44/45
Week-End na Cozinha 46/47

FOLHETIM:

O Professor de Golf 55

ILUSTRADORES:

Jerônimo Ribeiro — Zaluar — Ramon — Rafael — A. Lima.

FOTOS:

Jorge Lyra — Arnaldo Vieira — José Santos — Antônio Rocha — Abdias Rodrigues — Newton Viana — Keystone — Avulsas — Arquivo.

NA CAPA:



BABY LAKE (Foto Keystone) (Vide pág. 26, «Um demôni sem saias»)

A SEMANA

MÁ NOTÍCIA

JORNAIS do dia 23 de julho último trouxeram uma das mais tristes notícias para o carioca: a emergência de ficar um bairro às escuras, uma semana em cada mês, em tôda a capital federal. Bairros como o Méier, Madureira, Copacabana, Catete, Tijuca, verdadeiras capitais dentro de uma capital, sem luz pública durante sete dias. Tudo isso porque os reservatórios de Ribeirão das Lajes continuam lamentáveis, cresceu sensivelmente o número de consumidores de um ano para cá e não há meios de as chuvas acertarem com as reprêsas que dão fôrça hidráulica. Que fazer? O jeito é diminuir o consumo de energia elétrica, que se eleva atualmente a 5.700.000 de kilowats diários. O Rio já se iluminou com os delicados e suaves raios da lua, o que aconteceu durante vários séculos em várias cidades do nordeste. Maceió, por exemplo, até antes do govêrno Costa Rêgo, embora servida por iluminação elétrica boa, servia-se da lua para economizar energia. Era do contrato. Bastava que a folhinha dissesse que a lua era crescente ou cheia, para que não houvesse luz pública. Sucedia, porém, que o tempo às vêzes estava chuvoso, e a lua em nada servia. Mas ninguém podia reclamar. Era do contrato. Costa Rêgo, ao assumir o govêrno, acabou com essa poesia e dispensou os serviços gratuitos da lua, que estava trabalhando de graça para a Emprêsa Alagoana. O Rio irá gozar, por algum tempo, dos maravilhosos efeitos lunares. Duas classes vão ficar radiantes: os namorados e os gatunos...



★

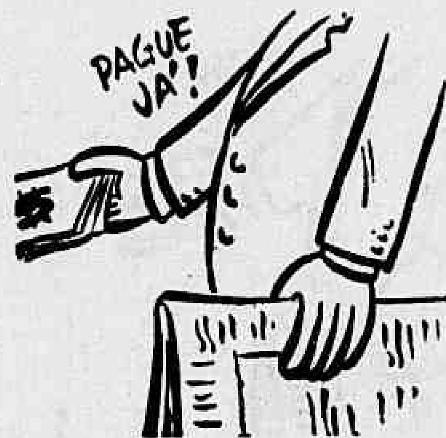
É BARATO, OU NÃO É?



JOÃO Melquiades Florentino das Mercês está para casar-se com uma jovem do interior de Minas. Atualmente, João Melquiades mora numa pensão na rua do Catete, pela qual paga seiscentas pratas mensais, sem café pela manhã. Resolveu sair dessa solidão e casar-se. Pelo menos terá para quem trabalhar. Mas o diabo é que o Melquiades tem andado de seca a meca e ainda não conseguiu um quarto para êle e a futura espôsa. O menor preço que lhe fizeram foi Cr$ 1.200,00, sem café nem mobília. Que fazer? Adiar o casamento? Seria uma decepção e muita gente lá da terra da noiva criaria o boato de que êle estava era provocando o desmancho do casamento. Já o ano passado espalharam isso. Então, o nosso herói pensou em morar em hotel. Muito mais prático e evitaria de comprar móveis, trens de cozinha, ligar o gás e a luz, suportar apartamentos apertadíssimos e caros, criadas, açougueiros, padeiros, etc. Um hotel! Que idéia genial tivera Melquiades! Conversando com um amigo sôbre seu plano, êste o felicitou e disse que sabia de um excelente hotel de ambiente atrativo, quartos modernos e alegres, com banho e chuveiro particular, rádio grátis, água corrente geladinha e... televisão! E ainda mais: situado a curta distância a pé, dos teatros e lojas principais. Preço: 120,00 a diária para casal! O noivo casou-se no dia seguinte; mas, quando foi procurar o informante para saber onde ficava essa maravilha da civilização, o Macário lhe mostrou o anúncio. Era, de fato, aquilo mesmo. Só tinha que em Nova York...

★

O VALOR DA IMPRENSA



SE a imprensa estivesse sempre a serviço das boas causas, da defesa dos menos favorecidos, das campanhas construtivas, que de progressos não haveria neste país! Se a nossa educação social e política abolisse o ataque injurioso, as explorações escandalosas, as calúnias, o mexerico sem pudor e desse à nossa imprensa a fôrça moral de uma das maiores armas da humanidade, nossa terra seria muito mais culta, mais civilizada e mais feliz. A imprensa a serviço das causas justas sempre produz os seus melhores frutos, embora o pessimismo continue a afirmar que "tudo está perdido"... Veja-se o caso da Sra. Nair Café. Viajava ela no "Afonso Pena", quando foi o navio torpedeado por um submarino alemão. Durante 24 horas lutou contra a morte por afogamento, tendo ainda conseguido salvar uma criança de seis anos. Já exausta, prendendo a criança desfalecida entre os tornozelos, fora d'água, foi socorrida pelo "Tenessee". Em virtude do esfôrço dispendido, os músculos de uma das pernas ficaram distendidos e a gangrena sobreveio, sendo necessária a amputação. Sofreu a heroína mais doze intervenções cirúrgicas, sendo indispensável internar-se na Clínica Margo", nos Estados Unidos. Não dispondo de recursos, aguardou uma lei que lhe concedia Cr$ 200.000,00 para o tratamento. Mas, embora votada, nunca recebeu um tostão. Pôrto da Silveira, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, escreveu um artigo sôbre o caso. Getúlio leu e mandou pagar. Esta a função da imprensa e dos jornalistas.

EM REVISTA

PETRÓLEO NO MARANHÃO



QUE grande notícia, leitor! O Serviço de Petróleo da Bahia vai realizar perfurações pioneiras na cidade de Carolina, Estado do Maranhão. A localização do poço resultou de estudos a que procederam turmas de geologia e geofísica, que vêm operando naquela região desde 1946. Para assistir ao começo da perfuração, seguiu para aquela cidade o engenheiro Pedro Moura, chefe dos Serviços do Conselho Nacional do Petróleo na Bahia, cujo setor abrange o Maranhão. Também seguiu para a grande terra de Gonçalves Dias, o Sr. Luiz da Silva Vilar, que durante alguns anos trabalhou naquela região. Esta a notícia que nos deu a imprensa, em fins de julho, conforme telegramas vindos da Bahia. O Brasil está, em verdade, despertando do seu longo sono hibernal, a dormir em berço esplêndido. Mas o "eternamente" dos versos de Duque Estrada já não mais se justifica. O Brasil desperta e procura no seio de suas entranhas o petróleo, o mais eficiente meio de tornar-se uma nação forte, rica e capaz de emancipar-se econômicamente. O Maranhão, pela sua natureza geológica em algumas zonas, deixa supor que possui ricos horizontes petrolíferos, o que se dá em vários outros Estados do norte e nordeste. Mas, não seria interessante que o govêrno federal organizasse um serviço de exploração do ouro de aluvião daquele Estado, especialmente no vale do Maracaçumé, zona aurífera de grande rendimento e que ainda está inexplorada pela presença de índios selvagens?

★

BUZINA

VEM-NOS de S. Paulo esta notícia: "A Diretoria do Trânsito da capital paulista começou o seu programa de enérgicas providências contra o uso excessivo das buzinas de automóveis pelos respectivos motoristas. Inicialmente, a campanha terá caráter educativo, passando, em seguida a multar-se os infratores, que já transformaram a cidade em verdadeira metrópole do barulho". Muito bem. E que dizer do Rio? Já notou o leitor que até para despertador servem as buzinas dos carros? Durante muito tempo, em Copacabana, ali pelas alturas do pôsto dois, tôdas as madrugadas vinha um "Cadillac rabo-de-peixe", encostava ao meio-fio da Av. Atlântica e iniciava o solo em lá natural para todo mundo ouvir num raio de dois mil metros. Não sendo os nossos bairros visitados pelas rondas policiais, o cidadão prestimoso, em falta de um violão e uma boa garganta para cantar modinhas românticas, destampava a buzina daquele lindo veículo, sim senhor, mas muito incômodo para os que nada têm que ver com os amôres matinais dos namorados. Felizmente, chegou a estação do frio e o madrugador automobilista não mais compareceu ao seu pôsto com a gentileza muito individual de despertar sua Stela. O inverno carioca tem dessas utilidades. Com o próximo verão, com certeza, a sinfonia voltará. Queira Deus que, a essas alturas do equinózio, o Major Côrtes corte a côrte do cortesão notívago, proibindo-o de perturbar o sossêgo público. Êle e mais uns cem mil...

★

A MAIS BELA CAMPANHA

MAIS de vinte mil cursos de alfabetização de adultos estão funcionando por todo o vasto território nacional. Não pode haver mais bela e meritória campanha do que esta: a de ensinar a ler, escrever e contar, aos adultos analfabetos dêste país. O movimento não é apenas mantido pelo Ministério da Educação e se distribui pelos Estados e Territórios, custeados por organizações particulares, igrejas, associações e voluntários individuais. Dando-se a cada um dêsses cursos uma freqüência média de trinta alunos, temos 400 mil brasileiros que estão começando a conhecer os efeitos da civilização, entrando ainda em tempo na corrente dos verdadeiros cidadãos de uma pátria que precisa de eleitores e de espíritos esclarecidos para resolver os seus intrincados problemas. Costuma o homem simples do interior dizer que "papagaio velho não aprende a falar", empregando uma alegoria para justificar sua indiferença diante da instrução primária. Nada mais errado. Isso só se justifica nas pessoas incapazes de reagir em face da ignorância. Papagaio velho também aprende a falar. E são justamente os que mais fazem figura. O homem do interior, vivendo uma vida muito limitada, entre seus afazeres cotidianos no campo e a visita semanal às vilas e cidades, num *toma lá dá cá*, não percebe que êsse mesmo mundo seria mil vêzes ampliado se êle, o analfabeto, viesse a adquirir mesmo uma cultura primária. E muito teria o "papagaio velho" que aprender...

A PERSONAGEM DA SEMANA

ENTRE os grandes homens de ciência que, embora filhos de outras plagas, vieram trabalhar no Brasil e aqui se radicaram e morreram, está a figura do sábio Orville Adelbert Derby. Passou a 23 de julho último o primeiro centenário do nascimento dêsse cientista, homem apaixonado pela terra brasileira. Geólogo, antropologista, arqueólogo, mineralogista, geógrafo, era natural do Estado de Nova York. Em 1870, aos dezenove anos, integrando uma comissão científica, veio estudar a geologia brasileira nos rios Tocantins e Tapajós. Tal foi o êxito, que foi laureado e distinguido pela "Cornell University", nomeado assistente da cadeira de Geologia. Em 1874 voltou ao Brasil na "Segunda Expedição Morgan". Descobriu e classificou fósseis em Freré e Itaituba, realizou investigações arqueológicas na ilha de Marajó. Coroados de êxitos os seus estudos, voltou à pátria a fim de concluir o Curso na "Cornell University", sendo nomeado instrutor de Geologia. Criada a "Comissão Geológica do Império do Brasil" em maio de 1875, foi chamado com urgência ao Brasil, para trabalhar como assistente do prof. Hartt. Derby realizou então estudos em Sergipe e Bahia, seguindo para o Amazonas a fim de concluir trabalhos iniciados antes. Em 1878 foi nomeado Diretor da Seção de Geologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde passou doze anos de continuados trabalhos. Publicou o sábio 174 estudos científicos sôbre a geologia brasileira, abrangendo ilhas e o continente, minas de carvão, depósitos de fosfatos, história, clima, sêcas, etc.. Seu túmulo está no "S. João Batista", construído com pedras classificadas por êle em terras do Brasil. A 23, grandes comissões de professôres e intelectuais, cientistas e mestres, foram levar ao grande e saudo morto, as homenagens do Brasil. Derby faleceu a 27 de novembro de 1915, desfechando um tiro no ouvido.

1851 — 1951

Orville Adelbert Derby

Casada ou Solteira

Quando levar uma quêda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

FALTA

PAG_ 11

FALTA

PAG_ 12






HOMENAGEM

Flagrantes colhidos no Copacabana Palace Hotel por ocasião do banquete oferecido pelas classes conservadoras ao Dr. Ricardo Jafet.





O goal que deu o título de Campeão do Início ao Flamengo. Indio burlou de cabeça, a vigilância de Pedrinho. Aluísio corre para apanhar a bola.

presidente em exercício da Confederação Brasileira de Desportos, sr. Mário Pollo, projetou e realizou em 1916 uma festa esportiva, uma *avant-première* do campeonato carioca de futebol, com a disputa de uma série de pequenas partidas entre todos os clubes concorrentes ao título da cidade, pelo sistema eliminatório. A renda do Torneio foi destinada ao Patronato de Menores. Hoje, a arrecadação das bilheterias é dividida entre os órgãos representativos da crônica esportiva, como homenagem do esporte aos divulgadores gratuitos da causa esportiva.

O PRIMEIRO INÍCIO

No dia 16 de abril de 1916 foi disputado, no campo do Fluminense, o primeiro certame dêsse gênero. A arrecadação foi um sucesso para a época: sete contos e seiscentos mil réis, traduzindo em cruzeiros, sete mil e seiscentos. Disputaram o certame relâmpago, que compreendeu seis jogos: Fluminense, América, São Cristóvão, Andaraí, Flamengo, Bangu e Botafogo. Sagrou-se vencedor o Fluminense que, na final, derrotou o América por 1x0, "goal" de autoria do centro-avante inglês Harry Welfare.

VASCO, RECORDISTA DE INÍCIOS

Nos 31 torneios Inícios disputados desde 16 de abril de 1916 até 29 de julho de 1951, foram vencedores onze clubes, muitos dos quais já não existem ou deixaram a prática do futebol.

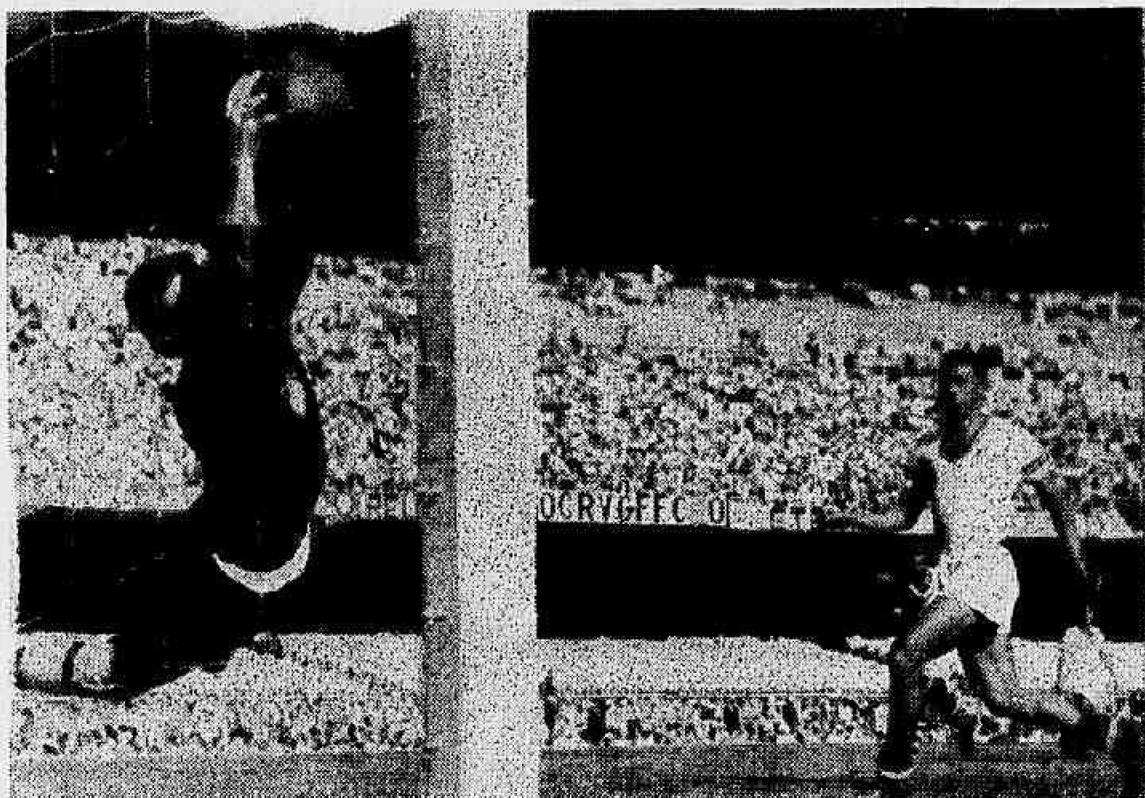
Será interessante recordar que no ano seguinte à criação do torneio de apresentação, ou seja, em 1917, o certame não foi realizado, em virtude de ter caído um temporal na data marcada, e por falta de datas posteriores. Também em 1933, 1935, 1936 e 1937 não foram realizadas as festas do futebol, em virtude da cisão que dividiu os clubes da cidade em duas correntes.

O Vasco da Gama possui o maior número de títulos, nove ao todo. Venceu em 1926, 1929, 1930, 1931, 1932, 1942, 1944, 1945 e 1948. O vice-campeão em cetros do Início é o Fluminense, com sete: 1916, 1924, 1925, 1927, 1940, 1941 e 1943. No terceiro pôsto, o Flamengo, campeão em 1920, 1922, 1946 e 1951. Na colocação imediata, com dois títulos: Botafogo, em 1938 e 1947, o São Cristóvão, em 1918 e 1928, e o Bangu, em 1934 e 1950. Um título apenas possuem Carioca (1919, Palmeiras (1921), Mackenzie (1923), Madureira (1939), e, finalmente, o América (1949). Dêstes, o Palmeiras não existe mais, enquanto que o Carioca e o Mackenzie dedicam as suas atenções ao basquetebol.

COMO SE DISPUTA UM INÍCIO

Cada partida dura vinte minutos, com mudança de campo aos dez minutos. Caso o jôgo termine sem abertura da contagem, cada time tem direito a cobrar três penalties, tantas séries quantas sejam necessárias para indicar o vencedor. Antes, as partidas se decidiam pela vantagem nos escanteios, as penalidades com que se punem os recursos da defesa mandando a bola, em último recurso, pela linha de fundo, a fim de evitar

(Cont. na pág. 57)



Empolgante defesa de Castilho num chute de Tesourinha. Pinheiro assiste.



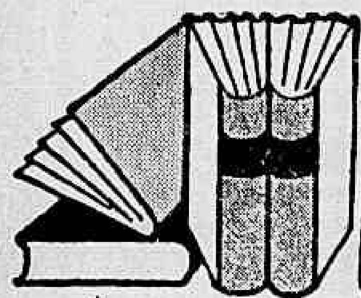
Jôgo final. Beto e Pavão impedem uma carga do Bangu: Moacir e Décio.



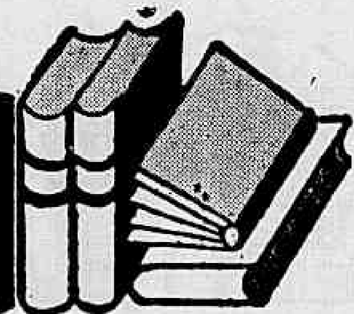
O primeiro goal do Flamengo no Fla-Flu. Hermes supera a perícia de Castilho



O Bangu derrota o São Cristóvão. Décio, num salto, cabeceia; mas não foi goal



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS



Wilson de Carvalho, que acaba de publicar «Poemas Desiguais».

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

O CLUBE de Poesias de São Paulo sofreu uma limpeza no seu quadro de sócios. Setenta e tantos poetas foram expulsos do seu regaço. E o número de sócios ficou reduzido a trinta e três sòmente, talvez os futuros organizadores de uma pretensa Academia Goncourt. Permaneceram no Clube de Poesias de São Paulo: Reynaldo Bairão, Antônio Cândido, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Menotti del Picchia, Oliveira Ribeiro Neto, Guilherme de Almeida, Almeida Salles, José Escobar Faria, Edgar Braga, José Tavares de Miranda, José Geraldo Vieira, Almansur Haddad, Geraldo Vidigal, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, Carlos Burlamáqui, Kopke, Alcântara Silveira, Geraldo Pinto Rodrigues, Rossini Camargo Guarnieri, Cassiano Ricardo, Cyro Pimentel, Domingos Paoliele, Osmar Pimentel, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Mário da Silva Brito, Oswaldo de Andrade, Fernando Góes, Joaquim Pinto Nazário, João Accioli, José Paulo Pais. Entre os excluidos, estão: Afonso Schmidt, André Carneiro, César Mémolo Jr., Judas Isgorogota, Paulo Bonfim, Antônio Rangel Bandeira, Afrânio Zucoloto, Dora Ferreira da Silva, Vicente Ferreira da Silva, Luís Martins, Paulo Mendes de Almeida, Corrêa Júnior, Radhá Abramo, Luís L. Coelho, Helena Silveira, etc., etc....

JOSÉ Geraldo Vieira, nestes próximos dias, fará uma conferência, patrocinada pelo Clube de Poesia de S. Paulo, suborrdinada ao tema: «A Poesia de Milosz».

DIA 9 DE JULHO, Maria de Lourdes Lebert realizou o seu aguardado recital de poesia. Esta notável declamadora, que teve o Teatro Cultura Artística completamente lotado, apresentar-se-á novamente, ao público paulistano, no dia 15 de agôsto, no auditório do Museu de Arte, com um programa completamente novo. Ainda êste mês, Maria de Lourdes Lebert realizará um recital de declamação na cidade de Santos.

VERA HUSEMAN promete, ainda para êste ano, o seu romance de estréia. Trata-se de um livro de caráter psicanalítico, muito se esperando desta escritóra tão jovem e tão talentosa.

HILDA HILST, que em 1950 estreou na literatura brasileira com o livro de poemas «Presságio» (com ilustrações magníficas de Darcí Penteado), lançará dentro de alguns meses a sua segunda obra, intitulada: «Poemas Segundos».

GERALDO VIDIGAL apresentará ainda êste ano o seu segundo livro de versos líricos, intitulado «Cidade». As ilustrações estão a cargo de Darcí Penteado.

ACHA-SE QUASE pronto o romance de Lígia Fagundes Teles, «Idade Perigosa». A conhecida escritora seguiu para a sua fazenda, a fim de terminar o anunciado livro que, provàvelmente, ultrapassará as suas obras anteriores

ACHA-SE entre nós o poeta argentino Mário Trejo. Trata-se de um escritor de vanguarda, que será brevemente editado pelas Edições Alarico.

ÍNDICE CULTURAL

O ÍNDICE CULTURAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, a ser publicado mensalmente, representa o balanço das atividades artísticas e intelectuais, nos quatro gêneros: conferência, exposições, estréias teatrais e concertos. Tem ainda uma indicação, de sentido bibliográfico, sôbre as principais colaborações dos suplementos literários de domingo. Com isso, ficam os interessados habilitados a conhecer as atividades das principais instituições (de letras e artes) e certas fontes preciosas de estudo (conferências e artigos). Trata-se de uma iniciativa da Prefeitura, no setor da Difusão Cultural, iniciativa que se deve a Celso Kelly, destinada à distribuição no Rio e nos Estados e, ainda, às missões Diplomáticas do Brasil no estrangeiro. Acaba de sair o fascículo correspondente a junho. As entidades culturais, desejosas de evitar omissões, deverão colaborar enviando o seu noticiário à sede do Departamento, rua Manoel de Carvalho, nº 10.

DOIS POEMAS DE REYNALDO BAIRÃO

(da Suite para ser lida todos os anos a 3 de julho)

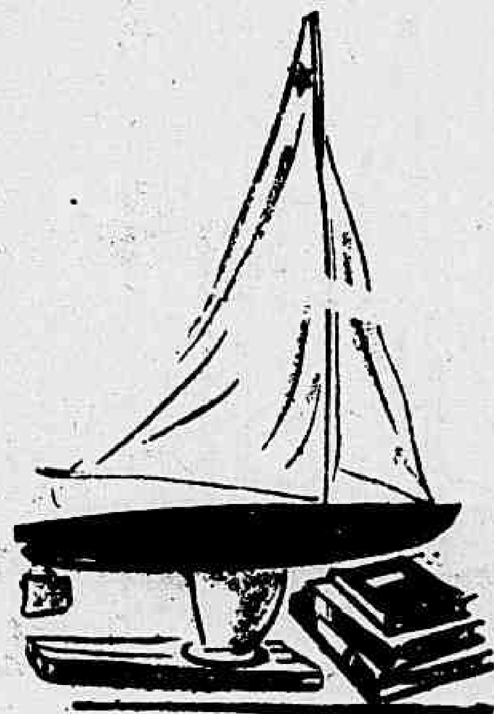
POEMA III

A letra fugiu do papel
e a virgem escondeu o seu rosto.
Chorava o adolescente
o sal do seu batismo.
Entretanto,
alguém desapareceu em seus dedos.

POEMA XIX

Enquanto o homem se vestia,
a criança tirava o casaco
e se enterrava no absinto sonhador.
O espelho escondeu
a imagem do passado fracassado.

Mas o relógio
marcava sempre a mesma oração.



Fora do Prelo

POESIAS — José Caó — Editôra A Noite — Rio de Janeiro. Entre os livros de poesias surgidos ùltimamente, esta coleção de poemas de José Caó, que nos parece obra de estréia, revela firmes qualidades de vocação lírica. Versejando em metros livres, não se cingindo mais, como é natural, aos velhos preconceitos da artinha, José Caó se apresenta como um novo de técnica segura e dono de verdadeira inspiração, atingindo nos seus poemas de comunicativo lirismo, instantes de grandeza invulgar. Podemos dizer que o poeta tocou o mistério profundo da poesia, evitando, sempre, um hermetismo formal e uma linguagem cifrada, estando no número dos que podemos chamar poetas fáceis.

Por certo, encontramos, neste livro, aqui e ali, um tom de descaso pela seleção de temas, melhor, uma despreocupação da originalidade e menor exigência da autocrítica, o que torna a obra um tanto desigual, em sua fôrça. A verdade, porém, é que esta coleção de versos nos apresenta um autêntico poeta, confirmado através de páginas onde, ao alto pensamento, se casam altas harmonias.

★

O COFRE PARTIDO — Nilo Bruzzi — Editôra Aurora - Rio. Mais um livro de poeta Nilo Bruzzi e, ainda, mais um livro de prosa e de crítica, melhor, de ensaios, êste «O Cofre Partido».

Reúne aqui, Nilo Bruzzi, alguns estudos despretensiosos, de um tom evocativo quase sempre, em que recapitula obras e vultos contemporâneos, estudos de grande utilidade, para o melhor conhecimento de uma época de nossas letras ainda mal esclarecida — além de mal vista — aquela em que se agitou a geração precedente à do modernismo, de que alguns expoentes foram, mesmo, os mais inflamados chefes da «revolução sem sangue» — no feliz achado de Menotti del Pichia.

Homero Prates, Múcio Leão, Djalma Andrade e, no capítulo que se intitula «Os raros momentos da Sensibilidade», muitos outros injustiçados de nossa crítica aparecem, nestes ensaios afetuosos, em que o espírito «chargeur» do autor reponta a todo o momento e, em particular, quando nos pinta as figuras dos escritores e poetas que recorda, em frases de estima e de compreensão, reunindo uma galeria de valores expressivos, inexplicàvelmente olvidados pelos historiadores literários. Destacamos entre os breves estudos do capítulo referido, as palavras que consagra a Horácio Cartier, a quem o jornalismo absorveu na faina cotidiana e que, entretanto, nos livros que nos deixou, de poesias e de contos, impôs a marca do escritor de raça e de vocação, do poeta singular, de estro ardente e original inspiração, vasando seus versos em forma lapidar.

Outra página comovida e justa, dedica êle a Heitor Lima, grande poeta que se exilou do mundo lírico, por imposições do terrível cotidiano. Assim, numerosas outras figuras, merecedoras de maior interêsse do que o que lhes tem consagrado nossa crítica, no geral de confraria, apressada em consolidar apenas a glória dos escritores presentes, amigos e compadres, com receio de que a posteridade justamente os esqueça.

O livro de Nilo Bruzzi vem resgatar muitas de nossas dívidas. E se esmalta de uma virtude muito grata no terreno em que caminha — o afeto: o autor nos dá aqui uma prova simpaticíssima de sua capacidade de estima pelos confrades dessa república tão dividida das letras, ao mesmo tempo que faz honra a alguns raros e singulares espíritos, cujo convívio evoca com os direitos da mais legítima saudade.

★

BAS FOND — Arnaldo Brandão - Pongetti - Rio. Outro livro de versos que, sem ser comunista ou prestista, também é muito fraco, o «Bas Fond», de Arnaldo Brandão, que dá como sub-epígrafe «explicativa» de seus poemas esta designação: — «Versos Existencialistas». O mau gôsto evidente de tal designação, visando um fácil sensacionalismo, seria perdoável, se o autor não fôsse, como está explicado, no livro, aluno da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

O que encontramos nestes poemas não tem nenhuma ligação com o sistema ético ou com as manifestações estéticas do existencialismo. Apenas os temas procurados pelo poeta e as aparências exteriores de que os reveste, darão a impressão do que objetivou o autor. Entretanto o que colhemos, mesmo nessas aparências e nesses temas, não autoriza a qualificar de existencialismo esta poesia, a não ser com a leviandade com que se chamam existencialistas aos espetáculos da praça Tiradentes. Só porque o poeta se compraz com as variações do baixo mundo, onde aliás não descobre qualquer originalidade, aonde vamos reencontrar velhos clichês, velhas figuras e velhos ambientes, já demasiado explorados — não lhe podemos conceder o direito de intitular-se existencialista.

O que é pior, contudo, é a absoluta ausência de lirismo, de qualquer tom de poesia nestes versos, pura prosa descritiva quase sempre, grafada linha a linha, como os versos, porém sem nenhuma substância poética, sem qualquer mistério, sem beleza, de uma técnica primária, da qual não participa nem o número nem a harmonia. E, por sôbre isso, o propósito indisfarçável do escândalo, apresentando uma experiência juvenil ainda muito deslumbrada com as misérias dos prostíbulos. E, assim, podemos concluir esta nota com as palavras com que inicia o prefácio de seu livro o poeta Arnaldo Brandão: «Quando Sartre imaginou o seu existencialismo, com tôda a certeza, não pensou no que iria resultar a sua doutrina». E' o que podemos repetir aqui, porém, se considerarmos existencialistas êstes poemas, e repetir com melancolia. Entretanto, esclareçamos o poeta: Sartre com certeza pensou, sim. Quem não pensou nisso foi o poeta.

★

MÁSCARAS HUMANAS — Violeta de Sá — G. T. L. — Rio. — Outro romance de escândalo, porém de escândalo barato e sem qualquer qualidade que o possa recomendar, porque é mal escrito e de fabulação primária, é êste «Máscaras Humanas». Entretanto o livro está em segunda edição, tendo sido lançado com um barulho em que estêve envolvida gratuitamente a polícia, como depreendemos desta notícia que enriquece — é o caso — a orelha do Volume: «MÁSCARAS HUMANAS NÃO FOI APREENDIDO — O romance da escritora Violeta de Sá embora picante, não é objeto de nenhuma providência da Polícia — Nos meios intelectuais correu um boato de que a polícia estava apreendendo o livro «Máscaras Humanas», da escritora paraibana Violeta de Sá. Entretanto êsse boato passou, exatamente como boato que era, pois o livro está sendo vendido normalmente nas livrarias, nem, segundo o que apuramos na polícia, está sendo cogitada qualquer medida contra o livro. Trata-se de uma novela de enrêdo um tanto escandaloso, mas contra o qual nada tem a Delegacia de Costumes, pois se trata de produção artística. — «A Notícia», 21-3-51».

«Máscaras Humanas» aparece avalizado por dois prefacistas... Nas primeiras páginas, o sr. Murilo Fontes proclama o gênio vocacional da romancista e seus propósitos morais, embora a liberdade com que trata o assunto escabroso. A seguir, tem a palavra o sr. Renato Travassos que declara reconhecer qualidades na autora, porém muito avisadamente dá o conselho de que estude, para aprender a escrever. Estamos com o sr. Travassos, à parte os elogios com que redoira a pílula.

UMA ROMANCISTA



A romancista Maria de Lourdes Teixeira, em um desenho de Darcy Penteado.

EMBAIXADOR OLEGARIO MARIANO



O CONVITE feito pelo Presidente da República ao poeta Olegário Mariano, para o cargo de Embaixador do Brasil, em Portugal, repercutiu, entre as mais seguras demonstrações de simpatia, quer entre nós, quer, sobretudo, em Portugal, onde Olegário Mariano goza de imensa popularidade e de invulgar prestígio. E' o caso de felicitarmos o Brasil pela escôlha, mas Portugal, pelas suas figuras mais representativas, invoca o direito de estar de parabens, quando lhe vamos mandar o príncipe de nossos poetas, como o melhor de nossos embaixadores na terra portuguêsa.

★

Solilóquio do Imortal (Anônimo)

Ainda hoje o livro de Machado (1) *[abrindo,*
sinto pulsar, medroso, o coração,
por ver que os meus colegas vão [partindo,
cada qual embolsando o seu "getão"!

Chegam, de passos lépidos, sorrindo
ao ver o Almeida (2) *de "envelope" [à mão,*
mas... disfarçam, depois, e vão fu- [fugindo,
evitando o recinto da sessão...

Outros, fazendo esfôrço extraordinário,
vão saindo, à procura de Cesário (3),
para o chá com torradas que êle faz...

Imagino o velho Alves, furibundo,
no seu balcão de nuvens do outro [mundo,
— xingando como um doido os [imortais!

(1) *Contador da Academia.*
(2) *Pagador da Academia.*
(3) *Antigo funcionário da Academia.*

"ACAIACA"

Está em circulação mais um número da revista mineira «Acaiaca», edição esta dedicada ao município de Pouso Alegre, reunindo copiosa matéria de informação sôbre aquela comuna e a linda cidade sul-mineira, sua geografia, sua história, suas atividades em todos os campos, particularmente, no campo literário. Um belo número fartamente ilustrado e com escolhida colaboração.

"Mamãe, quando é que vou começar a usar Kolynos?"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente o ácidos bucais. Esses ácidos são a causa principal das dolorosas cáries. Numerosas provas científicas, realizadas por famosas Universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destrói até 9 % das bacterias que formam os ácidos causadores da cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja o dentes escovando-os com Kolynos depois de cada refeição.



1. *Logo que despontar teu primeiro dentinho, come arás a usar Kolynos. Tens que proteger-te desde cedo contra os ácidos bucais que provocam as cáries.*



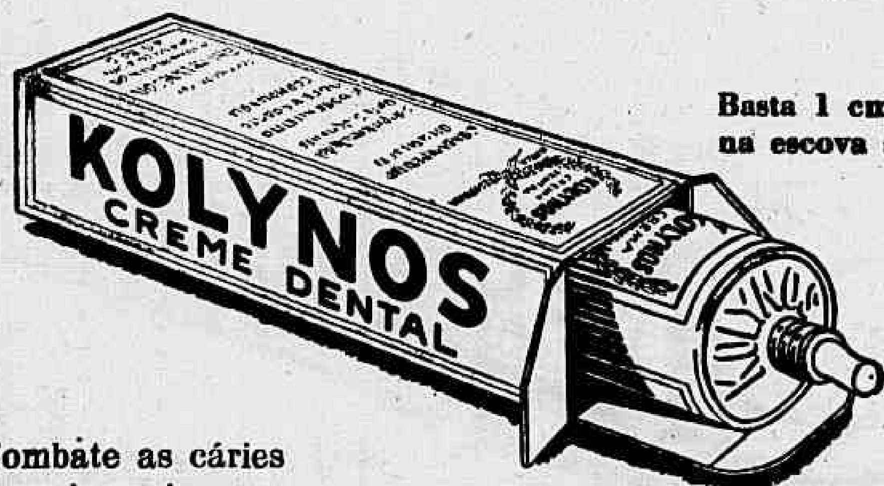
2. *Não chores, meu bem! Mamãe te fará usar Kolynos e não te ás que sofrer. Kolynos destrói as bacterias que produzem os ácidos, causadores das cáries.*



3. *Além disso, Kolynos te tornará mais bonitinha, porque Kolynos clareia os dentes, perfuma o hálito, limpa melhor tua boquinha e embeleza teu sorriso.*



4. *Por tudo isso, mamãe te fará usar o creme dental Kolynos. Serás uma Kolynos-ista, e, se o continuares usando, quando tiveres 18 primaveras, sorrirás tão feliz como agora.*



Basta 1 cm. na escova seca

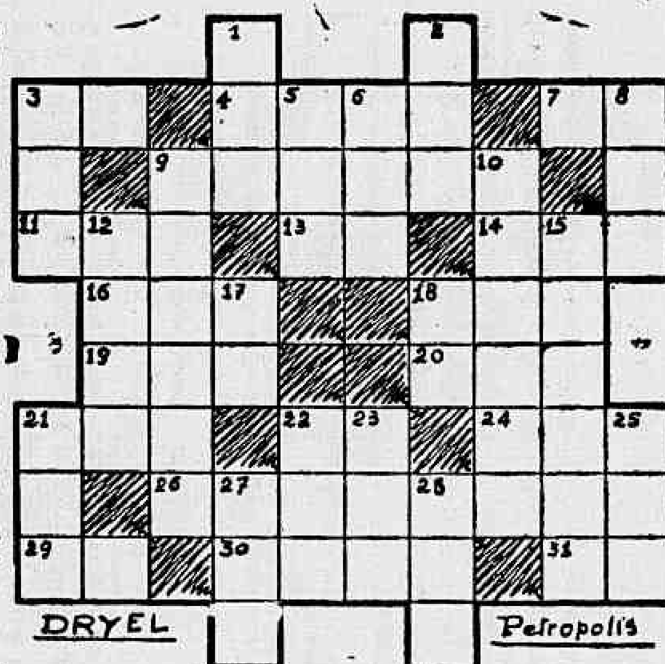
Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais.

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-419-P

PALAVRAS CRUZADAS

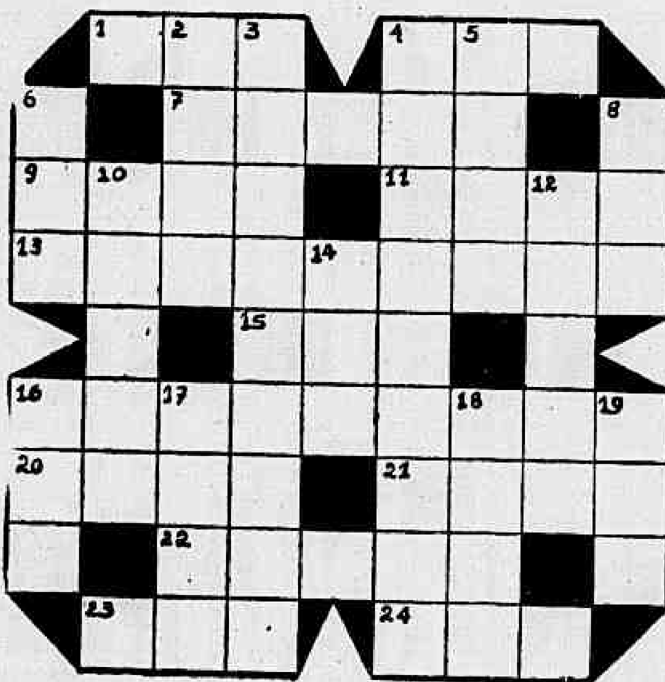
PROBLEMA N. 65 — PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 3. Simbolo do metal que tem por pêso atômico 114,8 — 4. Lugar anexo às fábricas de açúcar, no qual se guardam as canas antes de utilizadas — 7. Simbolo da prata — 9. Megera — 11. Espécie de mangueira do Gabão — 13. Designação de qualquer divindade escandinava — 14. Deus — 16. Inseto diptero, cuja única espécie se encontra na Alemanha — 18. Filho de Noé — 19. Cidade do Iraque — 20. Aranha Amazônica — 21. cinzas — 22. Divindade greco-romana — 24. Anel — 26. Zurrar — 29. Planta sarmentosa e aromática da índia — 30. Ave da familia dos Psitacideos — 31. Nome que os antigos egípcios davam ao princípio da energia humana durante a vida.

VERTICAIS: — 1. Antigo título do governador de Argel — 2. Tronco genealógico — 3. Que está no lugar mais fundo — 5. Furor — 6. Tapeçarias francesas antigas e valiosas — 8. Espécie de antílope africano — 9. Falo demais — 10. Deitar no chão — 12. Formosa — 15. Título dado aos chefes de algumas tribos muçulmanas — 17. Desinência verbal — 18. Entre nós — 21. Cidade da Nova Caledônia — 22. Ave da familia dos Cuculideos — 23. Potentado — 25. Cabana de índios — 27. Encontro das abóbadas que descansa na emposta — 28. Planta medicinal.

PROBLEMA N. 65 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Curso de água natural — 4. Oceano — 7. O mesmo que arqueiam — 9. De preço elevado — 11. Palavra inglêsa que significa trilho de estrada de ferro — 13. Veado novo de pontas agudas como adagas — 15. Órgão secretor da urina — 16. Comparar — 20. Purgatório dos maometanos — 21. Grande tronco de madeira — 22. Ilha da Oceania no mar de Sonda, pertencente a maior parte a Portugal — 23. Bondosa — 24. Cloreto de sódio.

VERTICAIS: — 2. Mulher fantástica — 3. Parte da geografia que estuda as montanhas — 4. Tremor do mar (pl.) — 5. Gostai — 6. Mau cheiro — 8. Anel — 10. Transferir para outro dia — 12. Dar as cores do arco-íris — 14. Cidade da Escócia — 16. Casal — 17. Mamífero roedor — 18. Mulher do filho — 19. Título abissínio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 64 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Tacar — Cabal — Erica — Atora — Ri — Amido — Ac — Ela — Aro — Uba — Soma — Agir — Aclasta — Sarã — Erra — Ero — Cal — Aar — Cá — Párea — Sã — Apear — Mirar — Sálio — Atira.

VERTICAIS — Teres — Arilo — Ci — Acá — Rama — Cado — Ato — Bo — Arabi — Lácar — Irmanar — Amaro — Ugara — Aca — Até — Secas — Arapá — Rasar — Arara — Caro — Lema — Pai — Ait — El — Ri.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Atara — Mar — Acaba — Cãs — Magricela — Ai! — Ob — Dardarias — Adiar — Sua — Alp — Salão.

VERTICAIS: — Alagarias — Amai — Rã — Arcebispo — Amada — Cá — Brida — Al — Salsa — Côr — Ad — Aral — Au — Lã.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

AMOR OU AMIZADE?



APESAR DE SESSENTÃO, Chevalier é ainda um cavalheiro jovial e camarada, especialmente com os rapazes da imprensa. Gosta de alimentar-se bem e jurou pelos seus deuses e deusas da França que a cozinha brasileira muito lhe agradou. Aqui o vemos dando nesse sentido uma prova...

UM "CASO" OUTONAL NA VIDA DE CHEVALIER?

RUMORES DE UM CASO AMOROSO ENTRE CHEVALIER E LADY PATACHOU ★ JEAN BILLON, ESPÔSO DA CANTORA, ENCARREGA-SE DOS DETALHES, ENQUANTO CHEVALIER A ACOLHE SOB O SEU MANTO PROTETOR ★ FOI A LONDRES SÒMENTE PARA APRESENTÁ-LA AO PÚBLICO BRITÂNICO ★ PASSA O TEMPO COM O FILHO DA CANTORA QUANDO ESTA NÃO SE ENCONTRA EM PARIS ★ O SEXAGENÁRIO "CHANSONIER" ADOTOU O LEMA DE GRETA GARBO: "I WANT TO BE ALONE" ★ VIAJANDO JUNTOS PELAS AMÉRICAS

Reportagem de ANTONIO ROCHA

NÃO estivesse a cantora Lady Patachou, atualmente no Rio atuando no Vogue, viajando em companhia de seu espôso, ainda seria muito mais ventilada e comentada a hipótese de um romance entre Maurice Chevalier e ela.

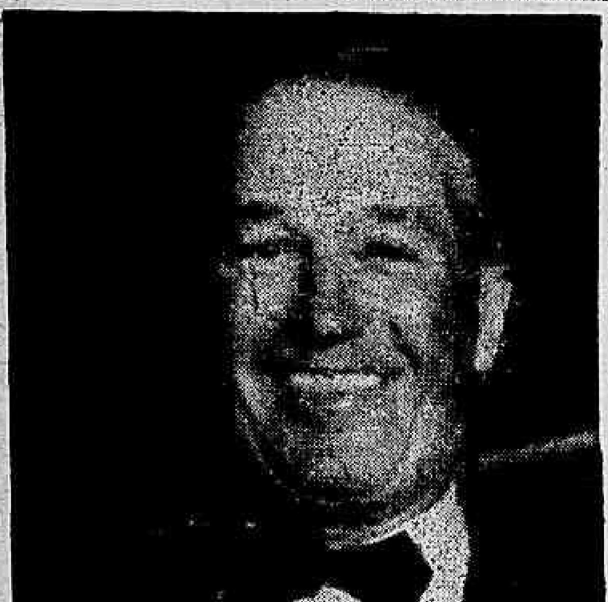
No entanto, muito se está dizendo a êsse respeito. A imprensa só bate nesta tecla, mas, quando perguntados a respeito, Maurice e Patachou dizem ser pura amizade. Pode ser, não resta a menor dúvida, mas é de estranhar que só andem juntos e se tratem mùtuamente de "mon chou".

O *chansonier* procura evitar o assunto a todo o custo. Quando nos avistamos, no "foyer" do Vogue, pedimos-lhe para tirar algumas fotografias suas em companhia de Lady Patachou. Êle acedeu imediatamente e entramos no elevador.

— Como encararia o senhor, Monsieur Chevalier, a idéia de fazer um filme no Brasil, dirigido por Cavalcanti? — perguntamos em inglês, enquanto subíamos, usando do devido respeito aos mais velhos.

O *chansonier* respondeu automàticamente, parecendo não ser aquela a primeira vez que alguém lhe formulava tal pergunta:







LADY PATACHOU, espôsa de Joan Billob, foi lançada por Chevalier. Tem um cabaré em Paris onde costuma, sair pelas mesas cortando gravatas de quem não faz côro que ela ordena. Sua tesoura afiada mete mêdo aos turistas. Em baixo, um romance proibidíssimo. Será mesmo romance?







NA «BOITE» VOGUE, em Copacabana, Chevalier assiste a uma exibição de madame Billon (Lady Patachou) e como sempre está gostando. Ambos projetaram esta viagem às margens do Sena, em noite de luar bonita...

ENQUANTO LADY PATACHOU dá conta do seu número. Ela não chega a ser pròpriamente, uma cantora, mas tem sua graça. Conta-se que em Paris um brasileiro vingou-se inconvenientemente da gravata tesourada...

— Gostaria multíssimo se a história me agradasse. Não nutriria nenhum receio, pois reconheço a capacidade de Cavalcanti, tendo visto os seus trabalhos anteriores, filmados em França e Inglaterra.

A verdade é que, poucos dias mais tarde, Chevalier efetuou uma visita ao sr. Getúlio Vargas, em companhia de Alberto Cavalcanti, o que torna possível tal hipótese.

A porta do elevador foi aberta sùbitamente e nos encaminhamos a passos largos para o apartamento da excêntrica cantora. Ela mesma abriu a porta, vestindo um *negligée* azul e um sorriso para o velho cantor.

Êle mesmo se encarregou de comunicar o nosso propósito e ela mergulhou em seu quarto para emergir alguns minutos depois, a fim de tirar a fotografia. Terminado o trabalho, perguntamos a



MAURICE DIZ-LHE qualquer coisa ao saborear sua xícara de café, enquanto a pupila parece estar pensando em ir buscar a tesoura para cortar-lhe a «borboleta». Pelas dúvidas é bom usar uma gravata velha!



NÃO HOUVE NENHUM romance entre Patachou e Chevalier. A prova está na cordialidade que há entre Jean Billon, espôso dela, recebendo uma gentileza do hipotético rival. A maledicência costuma viajar de avião!



CHEVALIER TEM suas origens como operário e mostrou-se satisfeito ao visitar o restaurante do SAPS, na Praça da Bandeira.

Chevalier se nos poderia declarar algo a respeito dêste "romance", ao que êle desconversou, dando uma pálida imitação do conhecido "slogan" de Greta Garbo:

— I'm sorry, but *I want to be alone*.

Sem outra alternativa, despedimo-nos, sendo conduzidos à porta por Jean Billon, o marido da cantora. Aproveitamos a ocasião para lhe perguntar o que pensava de sua espôsa. Uma expressão de espanto se estampou em seu rosto, sorriu e perguntou:

— Como artista ou como mulher?

— Como artista, naturalmente...

— Bem, responderei de ambos os modos. Ela é uma grande artista e u'a mulher como poucas...

Jean Billon sorriu novamente e cerrou a porta, enquanto caminhávamos para o elevador. Recordamo-nos da glória que há cêrca de oito lustros Chevalier vem gozando e afluiram à nossa mente alguns detalhes de sua vida.

Segundo êle mesmo, a sua carreira está transformada em três etapas distintas. A primeira fase antes da Primeira Guerra Mundial; a segunda antes de 1939 e a terceira atualmente.

No primeiro volume de suas memórias, **"Ma Route et Mes Chansons"**, êle fala da primeira fase.



PAUSA PARA meditação do famoso cançonetista, ao entrar numa das nossas elegantes «boites». Elegantes como as de Paris.

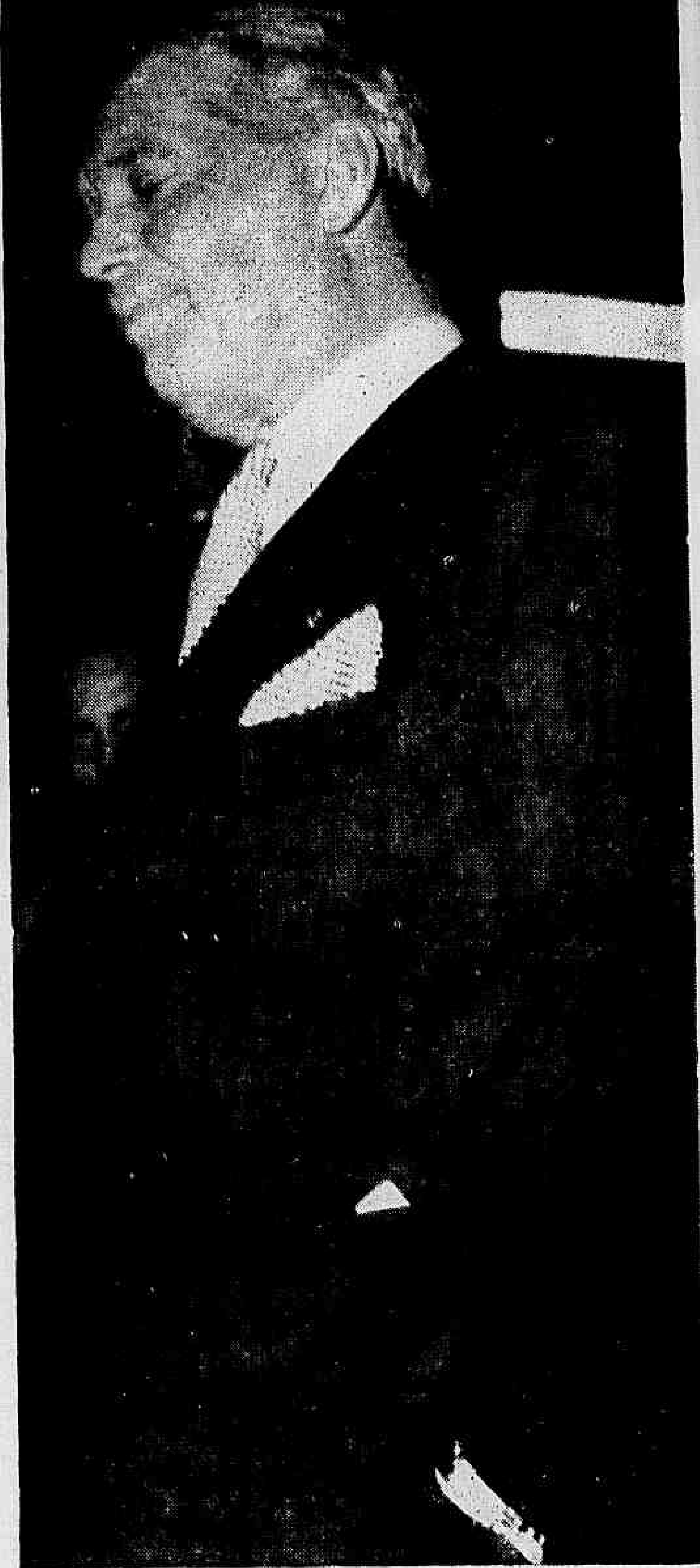
Não esconde os detalhes de sua vida como amante e *partner* de Mistinguett, que considera a sua mãe artística. Ela, mais idosa do que êle e já portadora da fama, foi quem o ajudou a solidificar a sua popularidade.

O deflagrar da I Guerra Mundial no seio da Europa, marcou a sua separação de Mistinguett e da fama conseguida à sua sombra. Maurice se alistou no exército, partindo para o "front". Mas, pouco depois, foi removido para um hospital devido à um ferimento sofrido em campo de batalha.

Reiniciou, então, a segunda fase de sua carreira artística. Chevalier não mais era simplesmente o *partner* de Mistinguett, passando a ser Maurice Chevalier. Criara a sua própria personalidade, muito embora não tivesse chegado ainda ao "climax" de sua carreira, que viria mais tarde com a representação da opereta "Dédé".

Efetuou uma *tournée* à Inglaterra e ao voltar a França, mais experiente e cada vez mais ambicionando um sucesso total, aceitou o papel que o consagraria, em "Dédé".

Chevalier foi surpreendido de repente pela popularidade. Julgava que ainda teria de lutar muito para a conseguir, e isto o deixou estonteado e temeroso quanto à sua solidez. Temia que a cada



OSCARITO TIROU a sua «casquinha» da popularidade do ilustre confrade europeu. Que tal se a du-

instante o público descobrisse o êrro que cometera, elevando-o ao estrelato, transformando-o em seu ídolo, uma vez que não se julgava possuidor de qualidades para tal.

Êste temor cada dia aumentava mais de proporções, transformando-se em verdadeira neurose. Chevalier, não mais suportando, retirou-se para uma clínica a fim de descansar. O público — aquêle mesmo público que o transformara em seu ídolo — murmurava que Chevalier fôra arruinado pela desorganizada vida de teatro, pelas mulheres (e êle sempre foi querido delas) e pela bebida.

A pouco e pouco o *chansonier* foi reconquistando a sua personalidade. O temor se foi extinguindo à medida que os dias passavam. Chevalier sentiu vontade de representar, de cantar, e compreendeu que não mais poderia viver afastado do público. Tentou uma volta ao mundo artístico, ensaiando um espetáculo para os doentes da clínica. Reconquistada a confiança regressou a Paris disposto a se incorporar na personalidade de ídolo do público.

Contraiu matrimônio com Yvonne Vallée. O terceiro grande amor de sua vida. O primeiro, sua mãe. O segundo Mistinguett. O terceiro Yvonne. Realizou *tournées* através da Europa e o seu nome começou a ser ouvido na América.

Em "Londres, Hollywood e Paris", segundo volume de suas memórias, não esconde o seu temor em partir para Hollywood. Por isso, retardou a sua ida. As primeiras propostas, em 1926, não



A ESPÔSA DE MR. FRED, secretário de Chevalier, também compareceu ao almôço do SAPS e gostou da gororoba carioca...



p'a fôsse contratada para um filme feito aqui mesmo? Talvez Oscarito acabasse levando a melhor...

encontraram eco. Mas, devido à insistência de Yvonne e seus encorajamentos, finalmente, Chevalier partiu para os Estados Unidos em 1928.

Em Nova York foi novamente prêsa de um terror indefinido ao assistir aos espetáculos de Al Jolson, às fantásticas montagens de Zigfeld, George Gessel, Ed Wynn. Ali via tudo perfeito. Os cantores pareciam todos possuir gargantas de ouro, enquanto êle reconhecia que sua voz não era lá das melhores. Os dançarinos eram verdadeiros mestres e êle se julgava sòmente um amador. Quanto a representar, nunca o tentara antes.

Com êsse estado de espírito, partiu para Hollywood. Segundo a tradição da meca do cinema, ofereceu-se uma elegante "cocktail party" para o apresentar à sociedade cinematográfica. Chevalier foi convidado a cantar um número. Com um mêdo sem proporções comprimindo-lhe o coração, postou-se no meio do salão e notou que todos os olhos estavam pregados em sua figura.

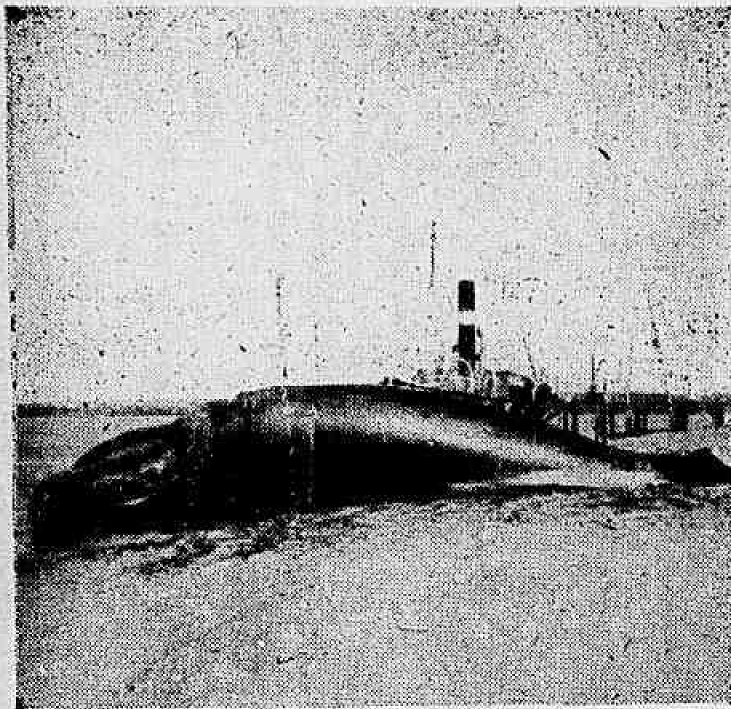
Ao terminar foi premiado com uma salva de palmas como nunca esperara receber. Pela primeira vez, Maurice Chevalier compreendeu Maurice Chevalier e a razão de seu sucesso. Não se tratava de grande voz ou capacidade de dançar, mas sim de *personalidade, desembaraço* e *simpatia*. Aquêles aplausos, se outros méritos não tiveram, pelo menos o livraram definitivamente de seus complexos.

Mais uma vez, em Hollywood, Chevalier viu-se

(Cont. na pág. 54



— «OH, OH, OH... que saudades que eu tenho da aurora da minha vida!» — parece dizer Chevalier ao olhar esta foto aos 20 anos...



VAMOS COMER BALEIA

A indùstria da baleia na Paraiba

CINQUENTA BALEIAS POR MÊS ★ TUDO SE APROVEITA ★ UMA BALEIA PODE DAR TRÊS MIL QUILOS DE CARNE

Reportagem de NEWTON VIANA

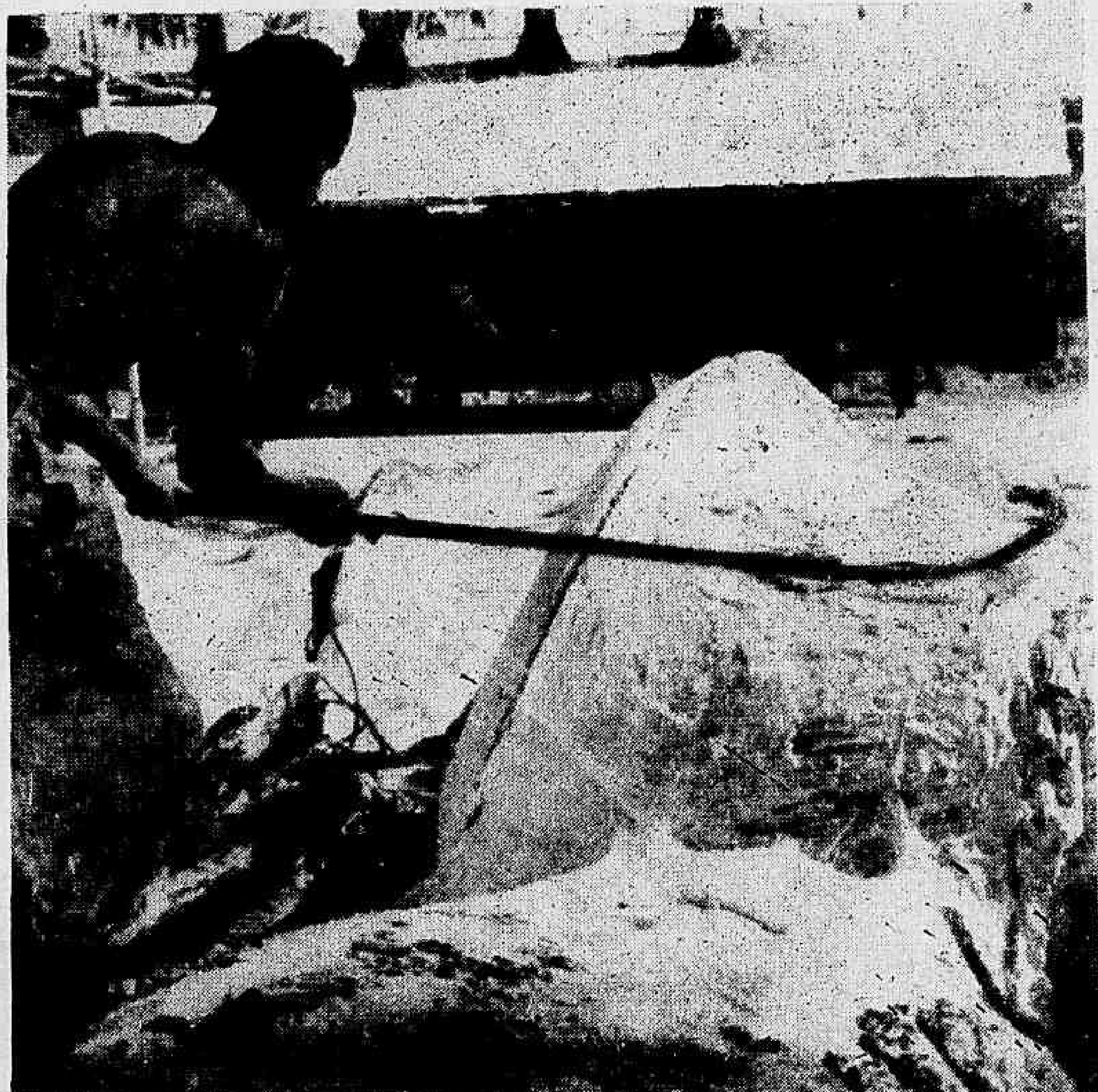
DESDE muito se descobriu que a carne de baleia pode ser preparada para fins manufatureiros, adotando-se o método de preparação usado na fabricação de carne da baleia em conserva, que em suma, é o seguinte:

A carne a ser preparada deve ser raspada, a fim de que sejam removidos quaisquer elementos que se encontrem em sua superfície exterior, os quais, por acaso, se tenham tornado secos ou oxidados na armazenagem. Qualquer espaço entre partes separadas de um bloco de carne, em que o ar teve acesso, precisará também ser ajustado, pela mesma razão.

Uma vez feito isso, a carne pode ser usada para a preparação de alimentos domésticos, enlatados ou secos. A carne deve então ser cortada em pedaços,

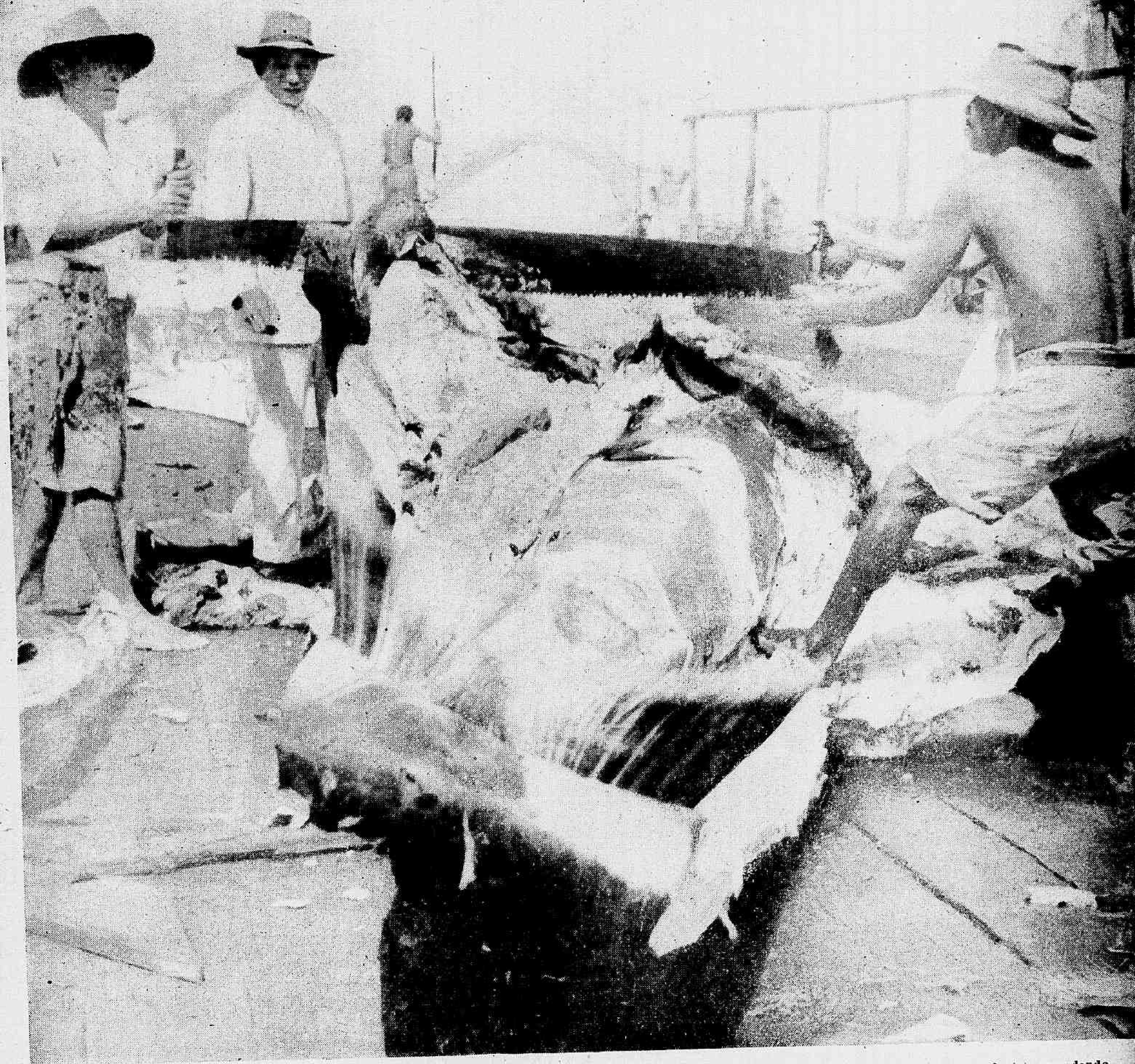
UMA BALEIA adulta pesa, mais ou menos, de 140 a 150 toneladas. **Sua carne, devidamente tratada e enlatada é de sabor magnífico e pode mesmo constituir excelente elemento para as cozinheiras.**











TRABALHADORES no tratamento da baleia recém-pescada, serram a cabeça de [illegible] grande espadarte. Na outra foto, a baleia branca (espadarte) **aguardando os empregados pa** o esquartejamento.

aproximadamente de uma polegada quadrada ou em tiras mais compridas, porém, não mais largas do que uma polegada.

Essa carne é então escaldada em tinas abertas durante 15 a 20 minutos. O tempo utilizado deve ser suficiente para remover todos os traços de côres vermelhas dos centros dos pedaços, e deve, portan-to, ser mais determinado, de preferência, pela obser-vação do que mesmo pelo espaço de tempo acima aludido. A carne, ao entrar nas escaldaduras, va-riará a sua temperatura, variando também a du-ração da escaldadura.

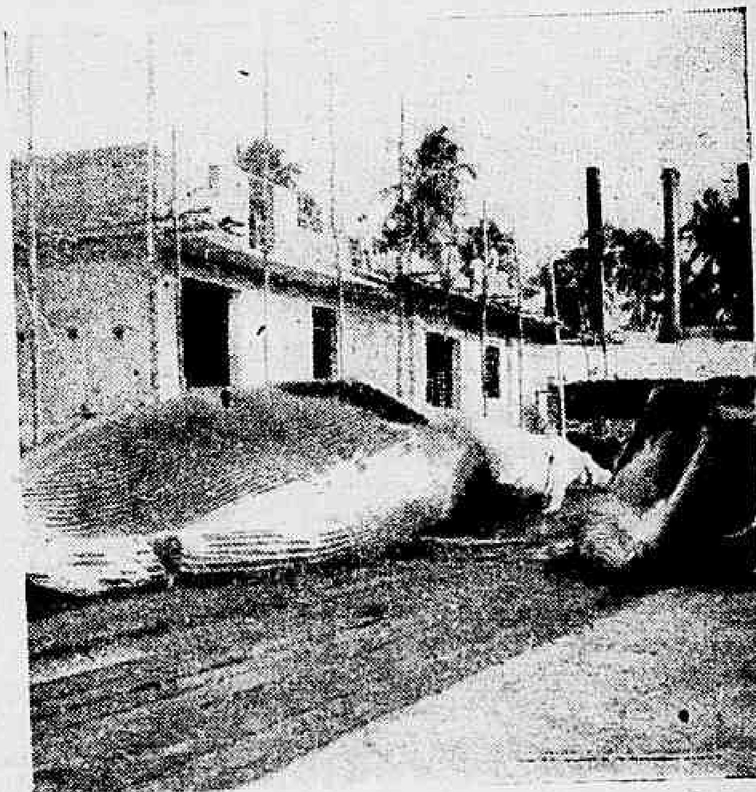
Devem ser tomadas precauções especiais, afim de se verificar se os vasos estão inteiramente limpos, pois se forem escórias, que devem ser eliminadas, es-pecialmente as que ficam às bordas dos vasos de es-calcar e que ràpidamente se oxidam, afetando o sabor da carne que fôr preparada subsequentemente.

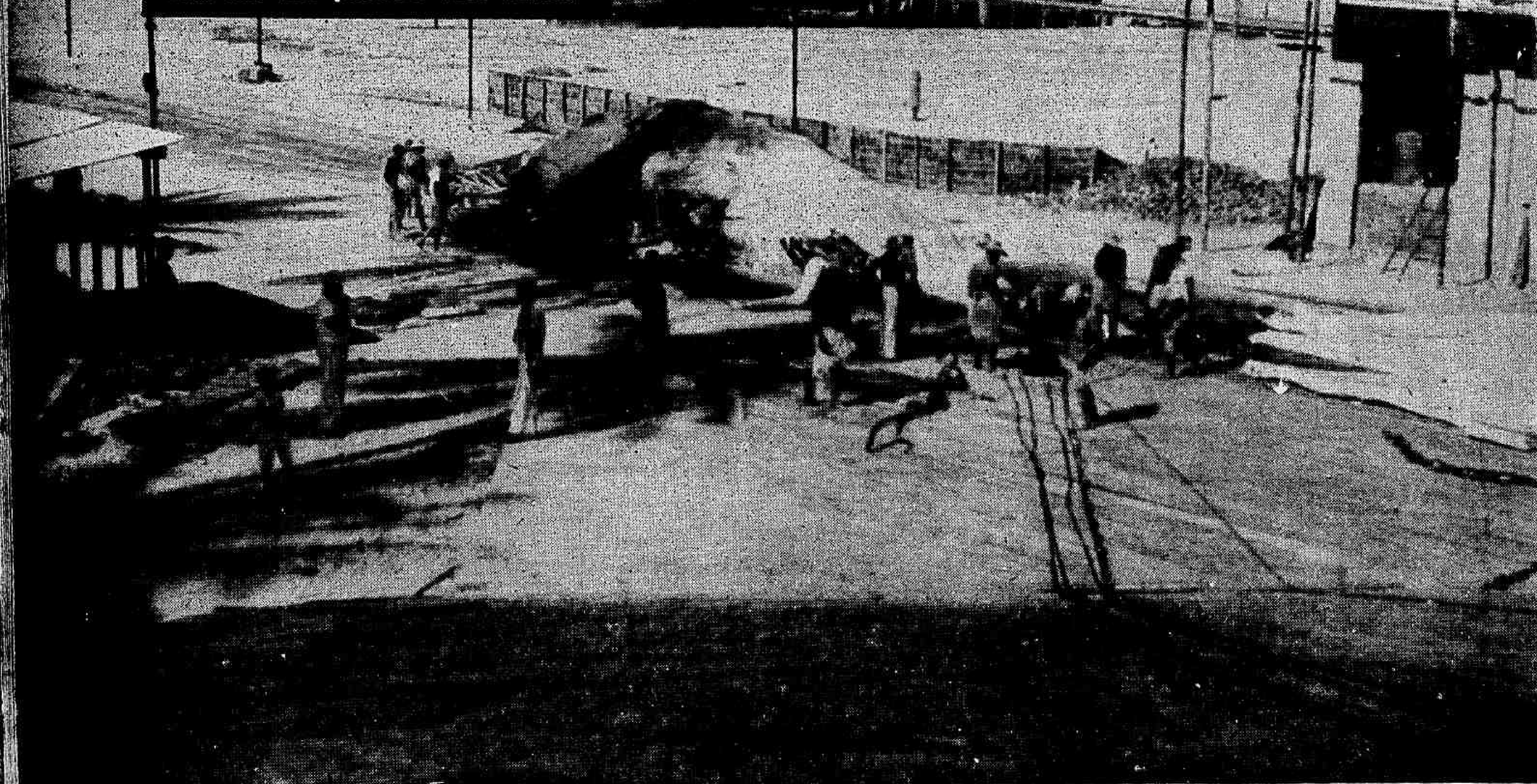
Ao ser retirada da escaldadura, a carne deve ser colocada em um segundo vaso de escaldar durante três minutos, com água fervendo para dar-lhe outro banho. Ela pode então ser refrigerada, borrifando-se água fria sôbre a mesma e misturando com sal-moura, banha e outros ingredientes, que são pre-parados da seguinte maneira:

Para uma libra de carne preparada e acabada, a salmoura (pickle), consiste de: água 1/2 onça; ni-trato de sódio, 0,04 grs.; açúcar, 1,. grs.; sal, 5, 6 grs.; glutamate monosódio, 1,4 grs.; angostura a-marga, 0,2 g's.

A salmoura acima é adicionada a uma mistura de carne finamente cortada ou moida, que deve ser 20% do pêso total do produto acabado, e 12 a 15% das tripas ou bofes de primeira qualidade. Estas, misturadas, e adicionadas à salmoura, formam uma substância creme, que ràpidamente adere à carne fria (gelada) e cobre tôdas as particulas. A mistura pode ser então colocada em bandejas ou latas co-muns, que podem ser usadas continuamente. Êstes receptáculos devem ser colocados nos esterilizadores usados para produtos enlatados. A única precaução necessária é uma tampa sôlta, para evitar que o sereno caia sôbre o produto.

Então a carne é tratada da mesma maneira que





CERCA DE CINQUENTA homens especializados dão conta de uma baleia e num dia, não podendo ficar adiado.

PESCADA A BALEIA e trazida para o pátio de beneficiamento, grandes turmas de trabalhadores entram de rijo sôbre o enorme cetáceo, cada um com sua tarefa especializada. Não se pode deixar nada para o dia seguinte, sob pena de correr o risco de perda.









um produto em conserva, durante 1 a 1 1/2 hora, a dez libras de pressão de vapor, sendo que a principal precaução é a de diminuir a pressão do vapor vagarosamente no final do professo, a fim de que não haja possível fervura do produto decorrente da pressão reduzida, antes que se realise o congelamento.

Verificar-se-á que o produto resultante já sugou a salmoura e é de côr agradável. Ao mesmo tempo a fibrosa carne grosseira tornou-se mole, flexível e pode ser usada em pasteis ou salsichas.

A carne pode ser então congelada em blocos, ou, caso se deseje, pode ser acondicionada em grandes caixas, caixas estas que também podem ser usadas como receptáculos para cozinhar a carne, caso se queira usar êsse tipo de receptáculo, sendo mesmo mais conveniente acondicionar a carne fria dentro da caixa do que fazê-lo depois de preparar.

As notas acima transcritas são um esbôço geral dos métodos utilizados para conserva e que estão sendo desenvolvidos pela Associação Britânica de Pesquisas de Indústrias Manufatureiras Alimentícias, em Leatherhead, a quem os interessados devem solicitar mais detalhes. As informações acima destinam-se a servir de indicação dos métodos gerais, mas que, certamente, variarão de acôrdo com os requisitos da fáblica e oficinas disponíveis entre os diferentes fabricantes.

A perda no pêso, da baleia, regula entre 40 e 50%, na escaldadura; porém o pêso das gorduras e outros elementos permanece o mesmo durante o processo.

A indústria da carne de baleia, como elemento de nutrição e alimento do povo, no Brasil, já foi muito ativa e progrediu bastante. No Rio de Janeiro já se consumiu bastante carne de baleia, havendo em Santa Catarina importante Companhia para sua pesca e beneficiamento. Mas, como a indústria se destinava mais à produção do óleo, antigamente, obtendo mais mercado do que hoje, uma vez que tôda a iluminação pública era com azeite de baleia, o que também se dava com a particular, o óleo do cetáceo tinha saida imediata e cada vez maior procura. Com o gás, a eletricidade, o carbureto, etc. o emprêgo do azeite de baleia saiu dos combustores e ficou reduzido a outros fins industriais.

Contudo, é muitíssimo futuroso o comércio, através da indústria da pesca da baleia em larga esca-

la, e uma baleia de 20 a 25 metros deixa um lucro liquido de 130 a 150 mil cruzeiros. Mas, pergunta o leitor, haverá tanta baleia, assim, aí pelos nossos mares? Se há! Uma emprêsa de pesca, com dois ou três navios, trabalhando de julho a fins de setembro, época propícia a tal pesca, pode arpoar e trazer para suas instalações manufatureiras, pelo menos, umas 150 baleias. Ora, deixando cada um dêsses mamíferos, de 130 a 150 contos de réis de lucro liquido, faça-se a conta e veja-se o quanto é lucrativa a indústria da pesca da baleia em nossos mares.

Mesmo que a carne não encontre mercado, a transformação das baleias em óleo dá lucros compensadores e mercado imediato. Uma baleia preta pode dar de 60 a 120 tambores de óleo, ou seja um total de 10.800 a 21.600 quilos de azeite, tomando-se o pêso de um tambor na base de 180 quilos.

No nordeste do nosso país, a Companhia de Pesca Norte do Brasil, está progredindo muito e seus produtos encontram colocação sem nenhum esfôrço. A parte técnica está entregue a dois especialistas noruegueses, pois, como se sabe, é a Noruega um dos países do mundo mais dedicados a essa indústria. Dos ossos das baleias os industriais da Paraiba, fazem adubos de grande rendimento, os quais são empregados em campos agricolas pertencentes a diretores da mesma Companhia.

Quem vai apreciar o processo de tratamento das baleias em «Costinha», vis a vis ao pôrto de Cabedelo, na Paraiba, fica admirado diante de certas particularidades da baleia. A cabeça dêsse monstro, por exemplo, chegando a medir de 5 a seis metros de comprimento por 3 a 4 de largura, não tem dentes, sendo a proteção realizada por 700 lâminas de vários metros de altura, a que chamam «barbas», e que servem às baleias como filtradores para seu alimento de peixes, espécie de «peneira» que evita a entrada de peixes maiores. E para que isso? Para evitar que um bocado grande estrangule a baleia à sua deglutinação, uma vez que, apesar de sua enormíssima bôca, seu esofago é estreitíssimo. O mesmo sucede com os seus olhos, que são pouco maiores do que os de um boi. O conduto auditivo é pequeníssimo e impenetrável à água. A baleia não é peixe, e sim, mamífero, com respiração pulmonar, dá leite e, segundo dizem os arqueólogos, já foi animal de quatro pés...






CHOVA OU FAÇA SOL, o serviço tem que andar rà[illegible]mente. Uma baleia adulta é tratada por cinco dezenas de homens, tudo feito manualmente, com [illegible]rras, foices, machados, tudo muito afiado. Os ossos são convertidos em adubos de grande valor para a agricultura.

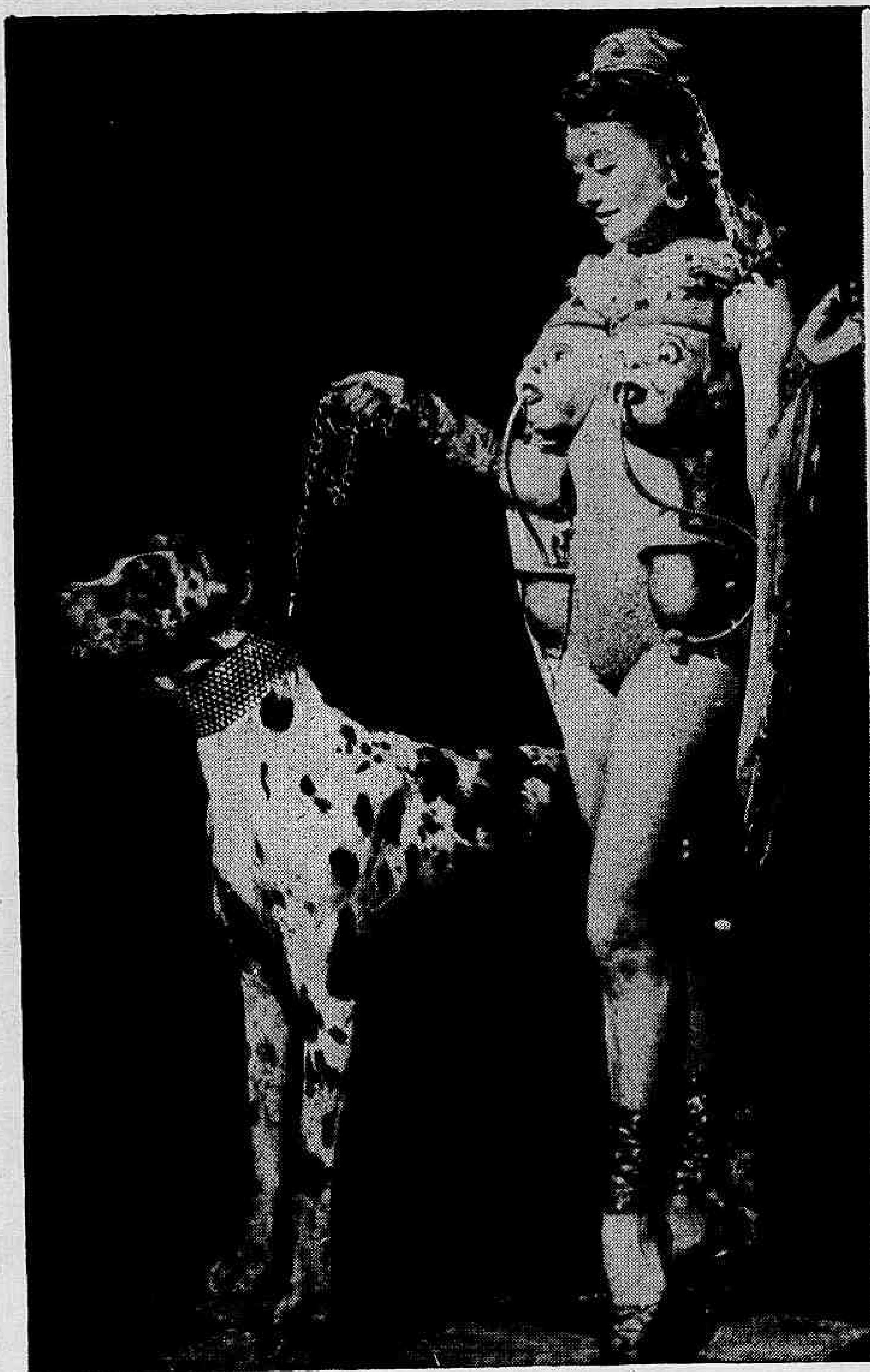


A CAUDA de uma baleia negra, com mais de vinte metros de comprimento. Compare-se com o homem ao lado



NO "QUARTIER LATIN" DE NEW YORK, BALY LAKE DOMINA AS PLATÉIAS

Nem no Quartier Latin legítimo, em Paris, surgiu ainda manifestação existencialista de tanta emoção para o "touriste" incauto...



COM O SEU belíssimo cão «Great Dune» ela aparece no palco, como uma moderna Diana, a caçadora de corações.



AGUARDANDO SUA entrada para a cena, a encantadora Baby Lake posa para a objetiva do repórter.

UM DEMÔNIO SEM SAIAS

UM SHOW QUE REMOÇA OS ESPECTADORES ★ A EXCÊNTRICA FANTASIA DE UMA ARTISTA

Fotos KEYSTONE



ESTA artista dos «Night - Clubs» de Nova York, e que trabalha no «Latin Quarter», chama-se Baby Lake. E' não sòmente encantadora como ainda tem criações que valem um espetáculo. Os latinos muito gostam dessas excentricidades cênicas, especialmente quando levadas a efeito por estrêlas de grande beleza plástica e um palminho de rôsto fascinante como o desta endiabrada miss Lake. Um filósofo estudioso das correntes literárias diria que ela está fantasiada sob as inspirações existencialistas, embora Baby Lake saiba tanto de existencialismos como um poeta romântico de leis de Einstein. Ela sabe, porém, que americanos, noruegueses, brasileiros ou indianos, gostam de vê-la a trabalhar nos mais fabulosos «nightspots» da maior cidade do mundo. Dizem os antigos que a mulher «é um diabo de saias»; mas, evidentemente esta miss Lake não precisa vestir saias para ser um demônio tentador. A saia é o menos depois que as mulheres passaram a vestir «slacks», tanto às praias como durante o dia em compras pelos bairros elegantes das cidades cosmopolitas. Miss Lake, com tôda a sua graça jovial e a malícia de seu olhar de Diana caçadora mesmo sem o seu grande dinamarquês, é o ponto convergente dos olhares dos senhores mais sisudos de Nova York, fazendo inveja a muitos outros que não têm a ventura de vê-la no palco aqui desta parte do hemisfério. E' de Baby Lake a capa da REVISTA DA SEMANA da presente edição.



NO SEU CAMARIM, Baby Lake descansa um pouco de sua atuação intensa

Tião

TIÃO era um negro alto, magro, de ombros caídos, o rosto fino e os olhos melancólicos. A pele escura tinha o tecido cheio de rugas precoses.

Trabalhava na loja do velho Levi e tôdas as manhãs, antes de abrir, costumava esperar à porta. Não importava que tempo fizesse, estava sempre lá esperando, com um cumprimento amável nos lábios para o "seu" Alfredo, o gordo e rotundo gerente, ou para o velho Levi e sua mulher, que muito raramente, nesses dias, vinham abrir a loja.

Gostava acima de tudo de D. Ruth, a sua patroa. Para ela, tinha sempre um cálido sorriso. E a velha, com um jeito todo seu costumava perguntar-lhe como ia passando a mulher.

— "Oh, está muito bem, D. Ruth" — respondia êle. "Sempre me pergunta como a senhora está."

D. Ruth sorria um ligeiro e delicado sorriso.

— "Agradeça-lhe em meu nome, Tião, e diga-lhe que me sinto bem melhor."

Para Tião, D. Ruth era a pessoa mais atenciosa que já conhecera. Era baixa e gorducha, os olhos fundos nas órbitas, e um coração bondoso, o que era bem raro nos últimos tempos. Desde que começara a trabalhar ali, logo percebeu que ela o fazia sentir-se como um verdadeiro homem, não como um cidadão de segunda classe ou alguma máquina, sem coração, sem um cérebro, sentimentos, prazeres ou aborrecimentos. Os outros na loja (exceto o caixa, que se parecia com D. Ruth) eram amigáveis e benévolos — até um certo ponto. Depois disso, as pequenas coisas surgiam, pequeninas caixas resultantes de restrições e cláusulas não escritas — como naqueles tempos dos olhares desconfiados lançados as suas costas.

Trabalhava na loja há alguns dias, quando certa importância em dinheiro desapareceu da caixa registradora. Começaram, desde então, os olhares enviezados, as conversas sùbitamente interrompidas à sua aproximação. Aquilo enervara-o. Tornara-se um sugeito constrangido, suscetível, e o seu trabalho afetara-se. Estava prestes a se demitir doemprêgo, quando D. Ruth veio a êle uma tardinha e perguntou-lhe que tal lhe parecia o seu trabalho.

Tião baixou os olhos, mordeu os lábios.

— "D. Ruth..." — começou mas ela o interrompeu ràpidamente.

— "Não é o melhor trabalho do mundo, Tião. Sei disso. Mas, espero que goste dele. Estou satisfeita pelo modo como você faz as coisas. E, compreenda, você aqui não será sobrecarregado com mais trabalho do que uma pessoa pode suportar. Terá, também, as suas férias regulamentares, sua gratificação anual, como todos os outros empregados. Com o tempo, pode esperar um aumento no seu salário."

Ficou em sua frente, encarando-a um momento, sem saber o que dizer. Depois, voltou-se e saiu. Pensativo, dirigiu-se aos fundos da loja e fumou um cigarro. E àquela noite, declarou à mulher:

— "A D. Ruth é uma pessoa muito humanitária."

O seu trabalho era duro — espanar, limpar e arrumar caixas de chapéus de todos os tamanhos e feitios; escovar diàriamente as roupas expostas nos manequins. Além disso, quando chegavam os carros com novos suprimentos, ajudava na descarga. Seis meses mais tarde, no envelope do seu pagamento, constatou um aumento. E um dia, pouco antes do Natal, quando se encontrava no porão arrumando os estoques, ouviu que o velho Levi e D. Ruth desciam as escadas.

Escutou as palavras do velho:

— "Bem, Ruth. Todos os abonos já estão prontos, exceto o de Tião. Sabe no que estou pensando? Darei a êle algum dinheiro, sim, para não dizer que ficou sem as suas festas, e uma garrafa de vinho. Gostará do vinho, acredite-me."

Tião esfriou. Enquanto esperava, mal podendo respirar, D. Ruth falou, numa voz sumida e doente:

— "Que coisa para se dizer, Levi! Isto é simplesmente vergonhoso!"

— "Ora, essa. Que mal há nisso, Ruth?"

— "Como pode você dizer isso do Tião? Como pode falar assim?

— "Está bem, está bem, minha velha."

— "Mas, como pode dizer uma coisa dessas?"

— "Desculpe-me, minha velha. Olhe o seu coração. Esqueçamos isso."

— "Que desculpe que nada, Levi. Você dará ao Tião um mês de ordenado, como faz com todos. Além disso, deixará que êle escolha uma roupa que lhe sirva. O coitado está precisando muito. Tenho vergonha de sua atitude, meu velho! Tião é um dos nossos melhores empregados. E é nessa base que deve ser julgado!"

Não foi pelo mês de gratificação ou pela roupa. Sentia-se contente com aquilo, de certo; mas, foi o tom de voz ofendido de D. Ruth, que mais significado teve para êle. Era como se o marido dela houvesse insultado o homem mais respeitável da comunidade. Era o ressentimento contra um homem que havia falado negligentemente de outro homem. E Tião jamais esqueceria a memória daquela voz revoltada. Muitas vezes, enquanto aguardava à porta a abertura da loja, recordava-se e pensava em D. Ruth, intimamente agradecido e pedindo a Deus que ela estivesse se sentindo melhor de sua "angina pectoris", esperando ansiosamente tornar a vê-la caminhando em direção do estabelecimento, para abrí-lo, pensando nas coisas que poderia fazer — se ela viesse — para que se sentisse em confôrto.

Eram exatamente êsses pensamentos que lhe inundavam a cabeça, naquela explêndida manhã de verão, quando o gerente chegou, meia hora atrazado, para abrir a loja. Empertigou-se para saudá-lo, nas o sorriso desapareceu-lhe dos lábios, instantaneamente, ao reparar na extrema palidez do gerente.

— "Ela morreu, Tião" — declarou

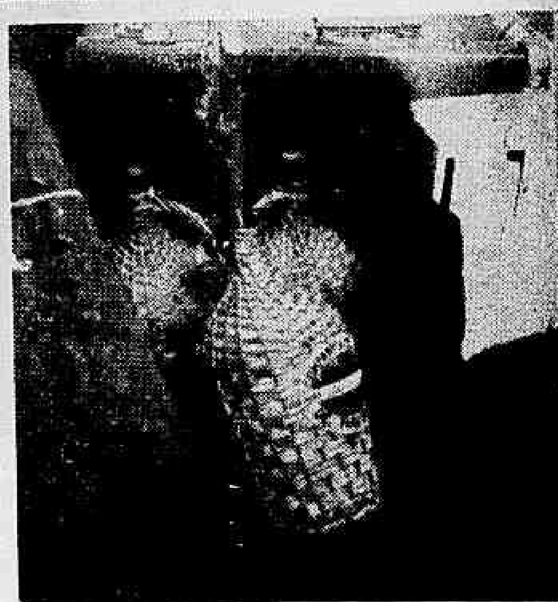
(Cont. na pág. 50)



Conto de
WALTER B. MAIA

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO

O SERPA PINTO ESTÁ NO CAIS



DIA DA CHEGADA do «Serpa Pinto» ao Rio de Janeiro, é considerado dia de festa. Centenas de pessoas da colônia portuguêsa vão ter ao cais a fim de receber os que chegam. Outros vão apenas matar saudade, pois ver o velho barco português, é rever Portugal — dizem.

O NAVIO DA SAUDADE

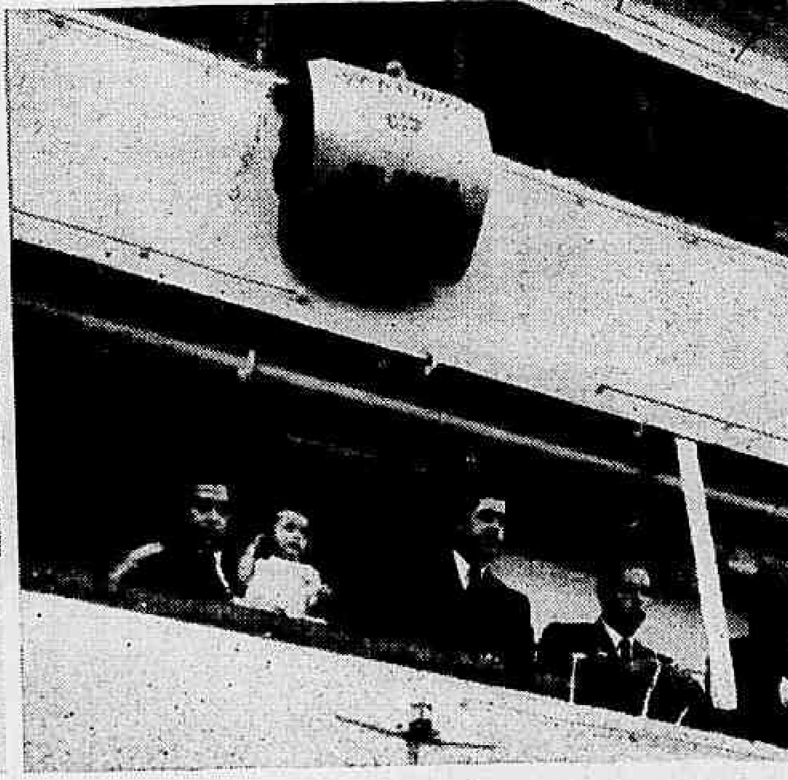
VERDADEIRA FESTA A CHEGADA DO VELHO BARCO PORTUGUÊS AO RIO DE JANEIRO ★ OS QUE CHEGAM E OS QUE DESEJAM PARTIR SE ABRAÇAM ENTRE SOLUÇOS E LÁGRIMAS ★ BACALHAU E VINHO, A BAGAGEM OBRIGATÓRIA

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

O "Serpa Pinto" está no cais. Sim, esta é a frase que corre de bôca em bôca entre a familia lusitana quando o velho barco lança ferros na baía de Guanabara. Muito antes de atracar, o navio é visitado. Lanchas de vários tamanhos conduzem os visitantes até ao largo da costa. E' deveras interessante ver como tudo se passa. Se o desembarque está marcado para as 10 horas, muito antes o cais já está repleto de gente. São os portuguêses saudosos que vão esperar os parentes e amigos que vêm a bordo do navio da saudade — como é chamado. Outros, os que não esperam ninguém, também vão até lá para matar saudades. Tomam a lancha, que custa apenas 10 cruzeiros, e lá vão rodear o navio. Os homens acenam lenços brancos; as mulheres atiram beijos. Na hora do desembarque, a emoção é geral. Por vêzes, há soluços convulsivos de uns ante a alegria de outros. Indiferentemente, o navio traz boas e más noticias. Aqui, são dois namorados que se abraçam; ali, a



AINDA a bordo do navio os imigrantes olham a terra brásileira, que passará a ser a sua segunda pátria

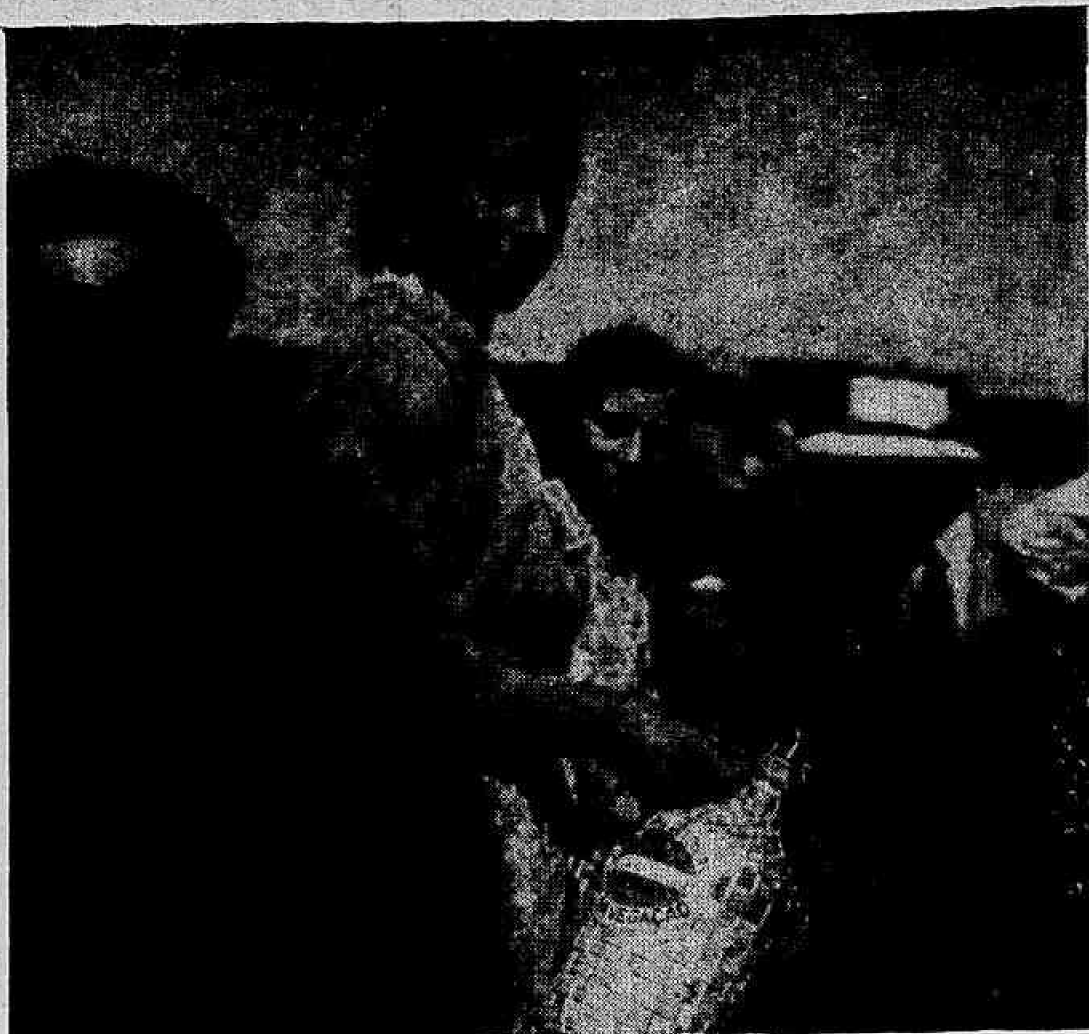


A ANSIEDADE é grande, tanto dos que chegam como dos que esperam rever os entes queridos.



TIPOS característicos da raça lusa acenam sorridentes aos que os esperam no cais.





FLAGRANTE FEITO a bordo do «Serpa Pinto». Entre os diversos passageiros encontrava-se um padre. Ao desembarcar todos levam na mão o seu garrafãozinho de Vinho do Pôrto. Com um olhar de inteligência aparece uma linda senhorita filha de portuguêses. No c de imigrantes saboreiam uma boa bacalhoada. Adian



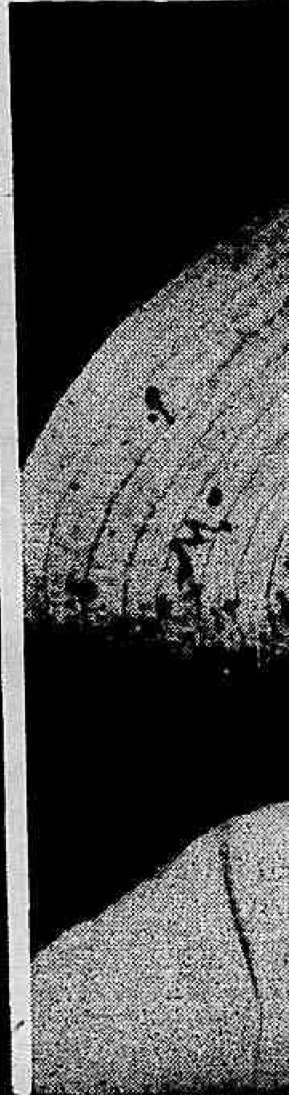




terra. Finalmente, em baixo o comandante do navio, juntamente com um membro da colônia portuguêsa, posa para a REVISTA DA SEMANA. A seguir novamente o comandante com o cônsul de Portugal, no Rio de Janeiro, e um dos tipos mais característicos Cada visita do «Serpa Pinto» ao Rio, é ur









...ntro dois velhos amigos se abraçam, enquanto um casal ..., mãe e filha bebem o delicioso vinho, vindo lá da boa



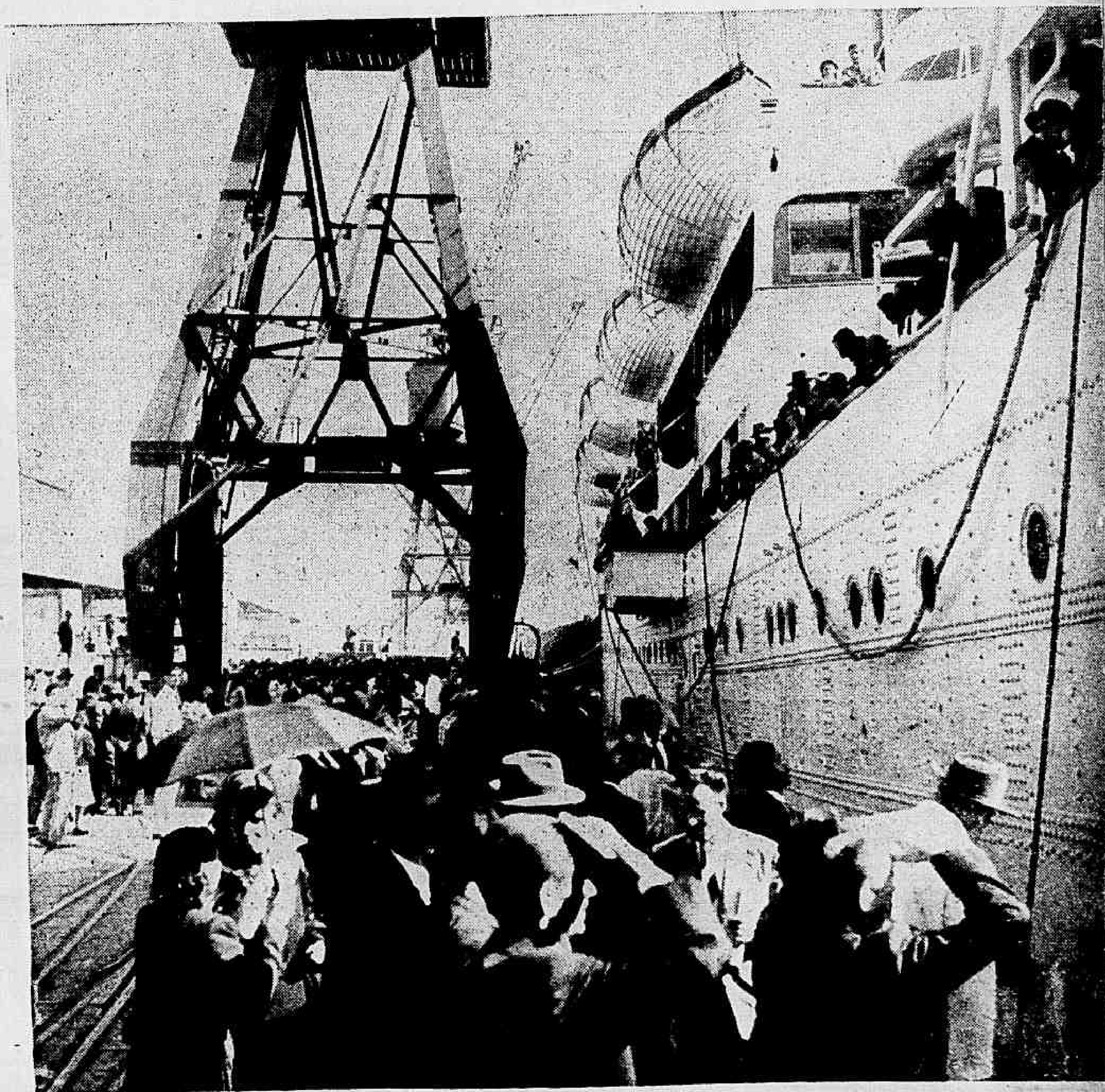
...a raça lusa, que veio no bojo do querido barco. ... festa para a colônia e um motivo de curiosidade.



O SERPA PINTO ESTÁ NO CAIS



O FLAGRANTE de cima foi colhido no momento exato em que o navio atracou. Em baixo tem-se uma idéia melhor, pois as possantes cordas estão sendo atiradas. Foi um momento de grande emoção.

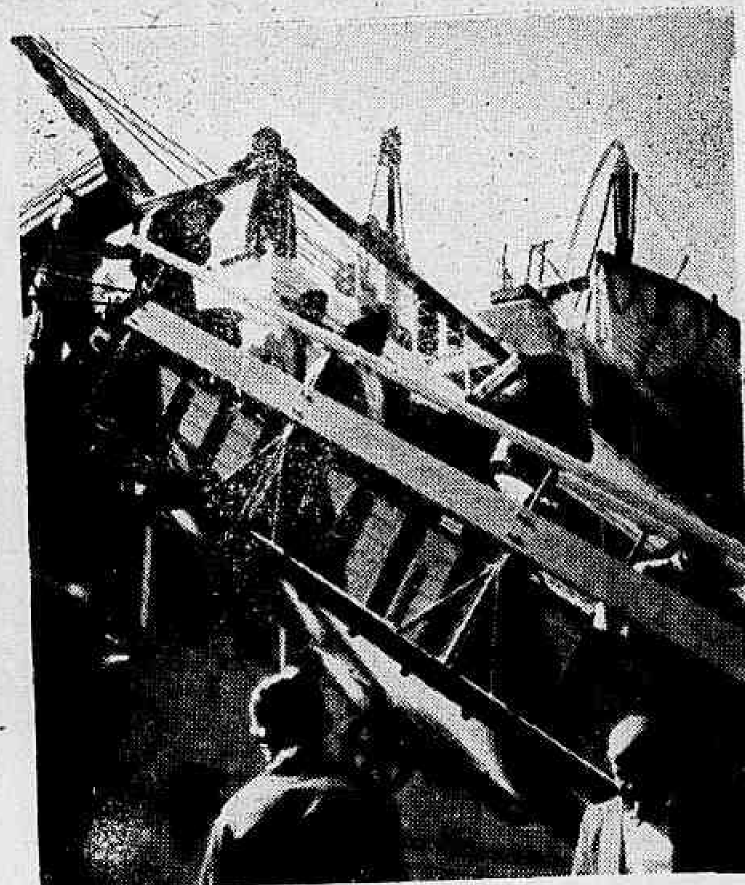


O SERPA PINTO ESTÁ NO CAIS

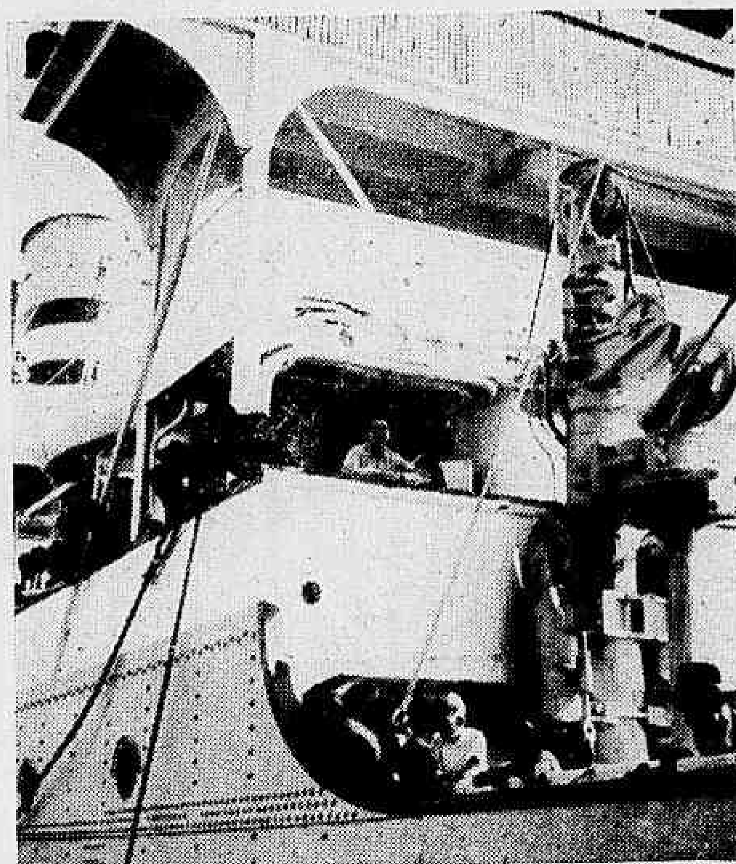


DUAS ROSADAS cachopas, vindas lá do Minho, com os seus chapéus grandes e o garrafão de vinho, desembarcaram. Em baixo sucedem-se os abraços entre a multidão. A alegria é geral entre todos.





OS CARREGADORES têm muito trabalho. Ei-los conduzindo a bagagem nas costas.



NO CONVÉS do navio os imigrantes apreciam a festa de sua chegada ao Rio de Janeiro.

espôsa de um imigrante que chega; acolá, uma carta de luto dá uma nota fúnebre... Alguém não pôde vir... Deixou de existir... Morreu sem conhecer o Brasil, esta terra que "em tal maneira é dadivosa que em se plantando dar-se-á nela tudo".

★

Constitui uma verdadeira festa a chegada do "Serpa Pinto" ao Rio de Janeiro. Serpentinas, confetes e flores são atirados aos que chegam. Quem diz "Serpa Pinto" diz Portugal. Assim, comumente, ouve-se expressões peculiares aos portuguêses como: "Ora viva o "Serpa Pinto"! E, ao deparar com um velho amigo lá da terra, os lusitanos costumam dizer: "Raios parta homem, tu estás por aqui também?" — E no café mais próximo entram para molhar a guela. Às vêzes, o desabafo é feito dentro do próprio barco, com bons copásios de vinho, coisa que todos trazem na bagagem. Isso é tão tradicional, é um hábito tão arraigado, que a Alfândega concede livre transporte até certa quantidade de vinho. O bacalhau também é outra coisa que sempre figura nas bagagens.

Mas não basta ver. E' preciso tocar. E' preciso sentir mais de perto Portugal, tocando no arcabouço do "Serpa Pinto". Daí a razão por que todos os visitantes gostam de pegar no navio. Entram. Percorrem-no todo. Sentam-se nas poltronas e ficam horas e horas matando saudade. Todavia, ao sair, dizem com o poeta: "E eu que vim matar saudades... vou de saudades morrendo". Assim aconteceu com D. Rosa Camarinha Martins e sua filha, srta. Odete Martins. Há muitos anos que aquela senhora veio lá da sua terra. Casou-se aqui. Seus filhos são brasileiros. Ela, seu marido e os filhos, vivem bem no Brasil; mas... "a saudade é doi pungente... a saudade mata a gente" — disse-nos, cantarolando em mistura de samba e fado. "Nunca



AO CLARÃO do «flash» os três disseram: «ora viva o Brasil!» Vieram de Portugal e vão residir em Santos. Fizeram boa viagem e esperam ser felizes nesta terra.

mais pude voltar a Portugal — acrescentou melancòlicamente. — Por isso, tôda vez que o "Serpa Pinto" chega venho aqui fazer um passeio a bordo. E' um modo da gente reviver a terra... vendo o navio que nos trouxe..."

D. Rosa resfolga-se na poltrona macia. E, correndo os olhos pelos cantos, divisa uma plantazinha lá de sua terra. Levanta-se e apanha uma muda, dizendo que é para plantar. Um garção cruza o salão. Ela, autoritária, como se estivesse dando ordens em sua casa, diz:

— Garção, traga vinho e pão para nós.

A filha, que é uma linda jovem de 18 anos, sorri e diz: "Mamãe! Que é isso, mamãe?"

— E' isso mesmo. Traga vinho e pão, moço.

Minutos depois bebíamos a valer; bebíamos pelas cantoneiras. Assim, pela primeira vez na vida, êste repórter bebeu vinho português, puro, genuíno e saborosíssimo. E isso o levou a dizer também, entre o encher e o esvaziar dos copos: Ora viva Portugal!

★

O "Serpa Pinto" faz, geralmente, uma viagem por mês entre Portugal e o Brasil, com escalas nos principais portos do país, principalmente, Recife, Bahia, Rio de Janeiro e Santos. Vem sempre lotado, regressando com muitos passageiros. E' o navio mais preferido por todos, apesar de haver o "North King" e o "Santa Cruz", que fazem a mesma rota. Ùltimamente, vem sendo comandado pelo sr. Raul Barbosa, competente oficial da Marinha Mercante Portuguêsa, que, agora, completa a sua terceira viagem ao Brasil. A uma pergunta nossa, disse: "Por mim jamais mudarei de itinerário, pois adoro viajar para êste país. Aqui, a gente sente-se como se estivesse em casa. O povo não é amigo; é, sim, irmão". Sôbre o histórico do seu barco, acrescentou: — "O navio tem o nome do visconde Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto, notável explorador do continente negro, que nasceu em Tendais, distrito de Vizeu, em 1846 e morreu em 1900. Tendo apenas 2 anos de idade veio para o Brasil, onde estêve até 1854. Regressando à Europa, entrou para o Colégio Militar em 1858, sentando praça, depois, em infantaria. Sendo tenente em 1869, ofereceu-se para fazer parte da coluna que ia atacar o Bonga. Regressou, muito depois, cheio de glórias. Foi também deputado em duas legislaturas: a primeira por Sinfães e a segunda por Lisbôa, isso em 1890. Em atenção aos seus relevantes serviços, o govêrno agraciou-o com o título de visconde. Agora, a Marinha Mercante da minha terra orgulha-se de ter um barco com o seu nome."

★

Entre os passageiros que chegaram nesta última viagem do "Serpa Pinto", destacam-se os nomes do pintor português Artur Jorge, já bem conhecido no cenário artístico de Portugal, que vem expor no Brasil alguns dos seus trabalhos, sob o patrocínio do Secretário Nacional da Informação; o do compositor luso Jayme Mendes, um expoente da música ligeira e popular portuguêsa, e o do dr. Carlos de Barros, que vem de ser nomeado cônsul-geral no Brasil.

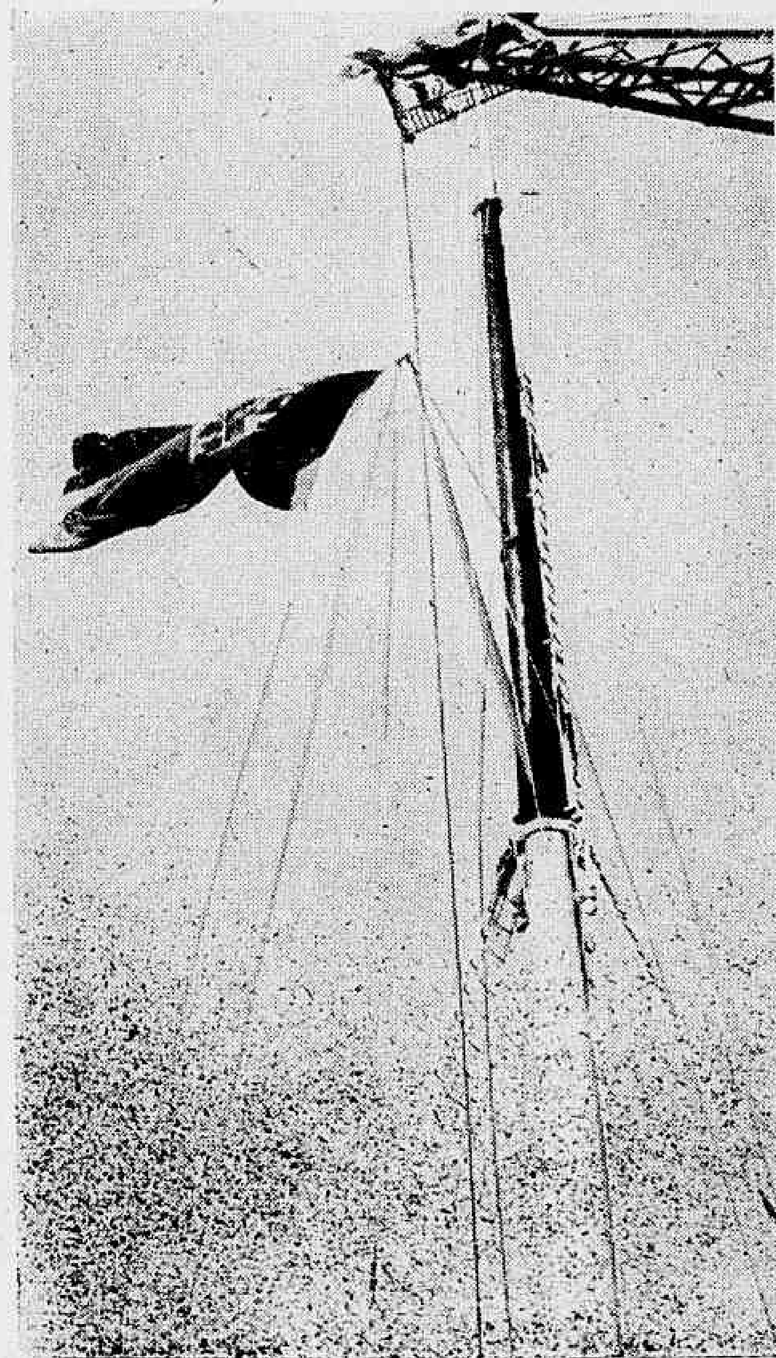
Ainda a bordo, falando aos jornalistas, o dr. Carlos de Barros assim se expressou:

— "Ao ocupar, pela terceira vez, um pôsto consular na Pátria Irmã, as minhas primeiras palavras são de agradecimento pelas cativantes manifestações de simpatia com que os organismos associativos do Rio de Janeiro me distinguiram e tanto me sensibilizaram.

"Conheço já de tradição as grandes qualidades de trabalho, caráter, inteligência e civismo dos portuguêses desta cidade maravilhosa — que do alto do Corcovado nos abre cristãmente os braços — os seus olhos, padrões de benemerência e cultura, o seu patriotismo inexcedível.

"Chego, por isso, cheio de fé e disposto a trabalhar, na medida das minhas fôrças, com entusiasmo e perseverança, pela continuidade das boas relações entre os dois países e pelo alto renome da minha Pátria."

(Cont. na pág. 54)



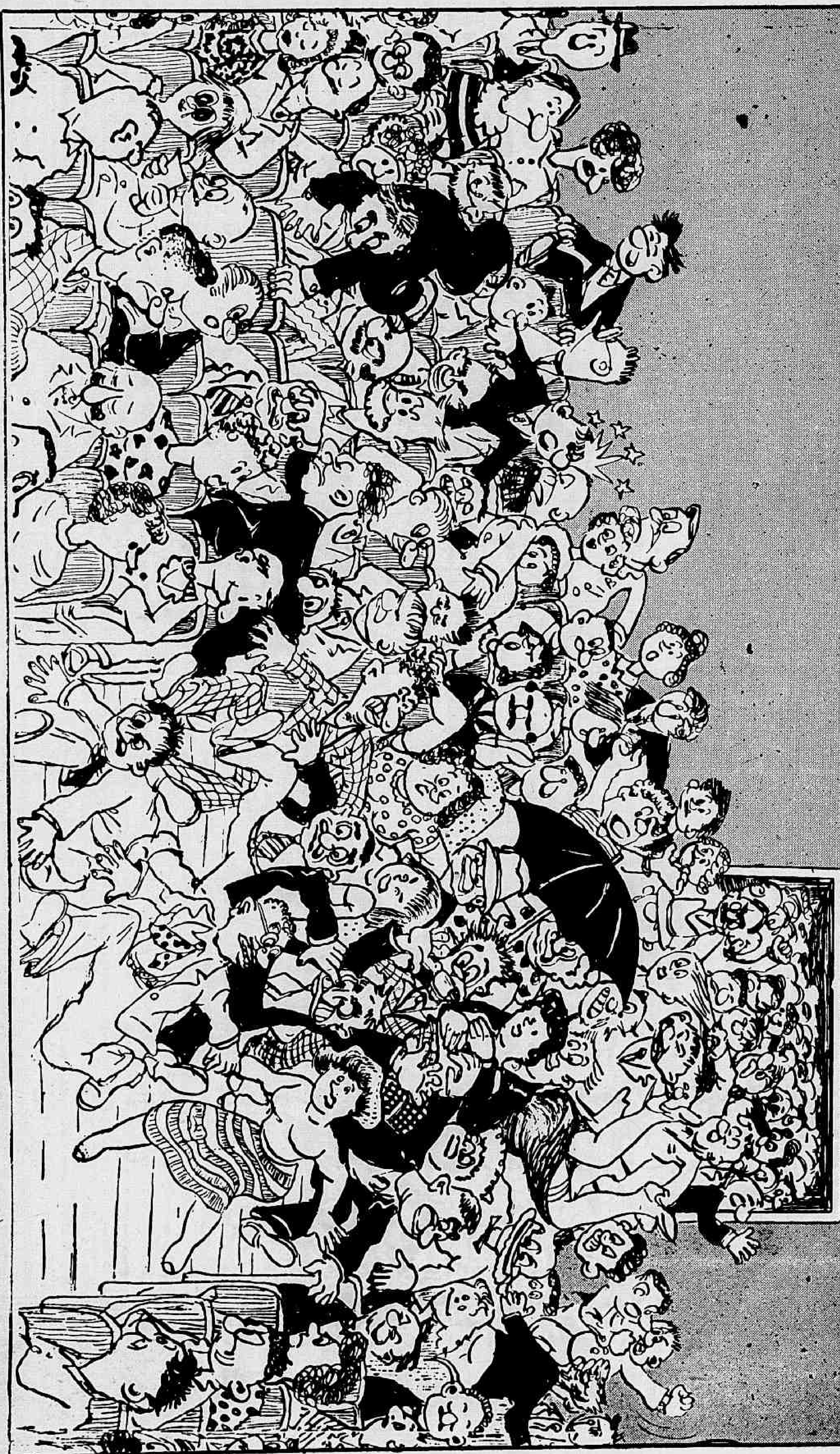
NO TOPO do mastro do «Serpa Pinto» tremula o pavilhão português.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

9 - SESSÃO DAS 8 - Entrada



TIO SAN PROTEGE UM PILÔTO JAPONÊS



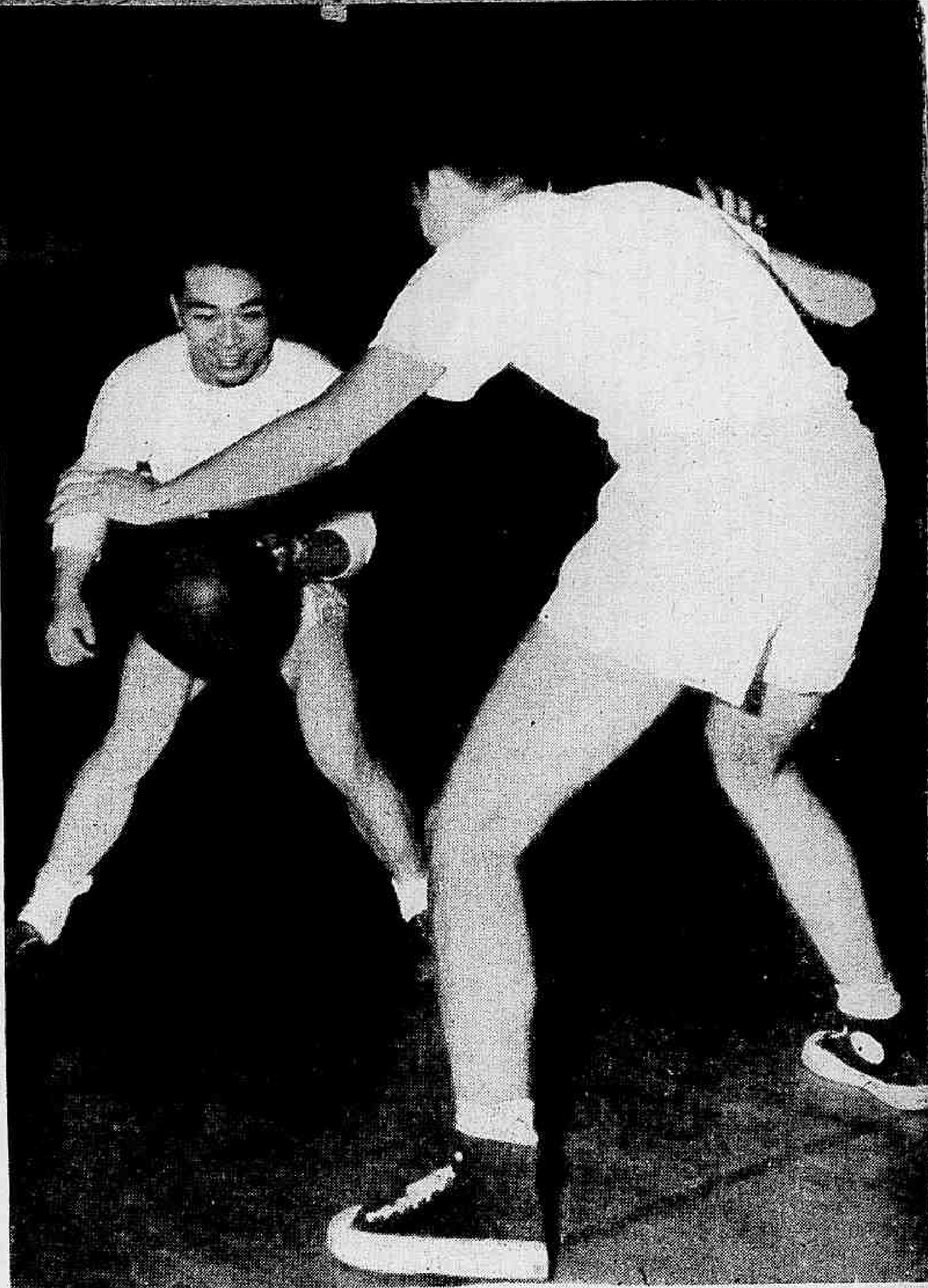
O JAPONÊS Robert Nishiyama palestra com o reitor do Colégio Lafayette, em Easton, Estado de Pensylvania.

De JACK L. SMITH

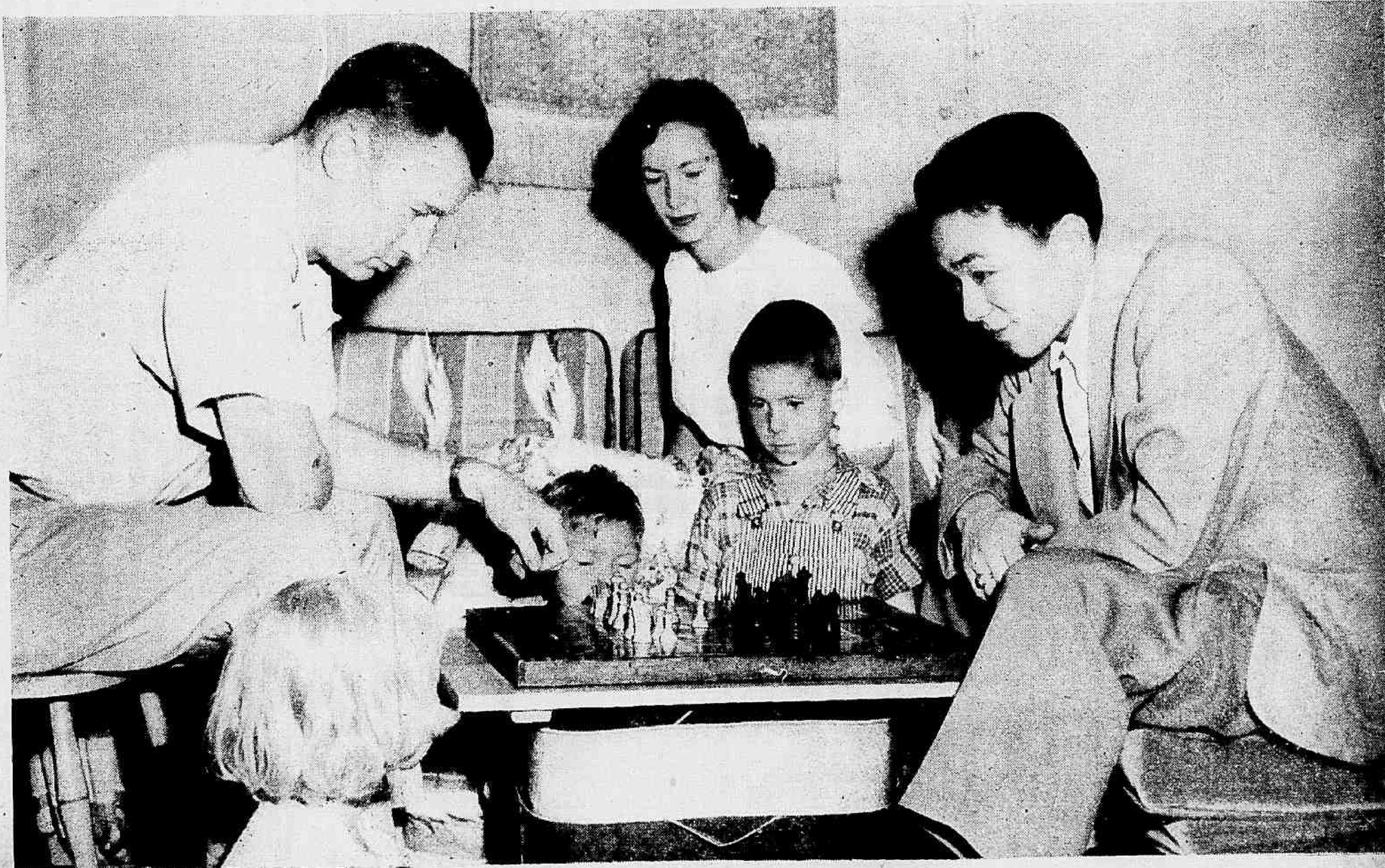
HÁ seis anos, aí por volta de 1946, pouco antes de terminar a segunda grande guerra, o jovem Robert Yukimasa Nishiyama lutava com as fôrças japonêsas na Coréia, pouco mais ou menos onde neste momento se desenvolvem novas expedições. E' um militar nipônico disposto a dar conta do seu dever, só porque havia sido convocado e sua missão consistia nisso mesmo, em atirar contra as fôrças aliadas, ou melhor dito, contra os norte-americanos. Mas acontece que ao mesmo tempo, um soldado dos Estados Unidos, chamado Robert Johnstone, cuja idade não ia além das dezoito primaveras era morto na Ilha de Luzon, nas Filipinas. Sua missão era idêntica à do jovem nipônico, ali estava porque para isso mesmo havia sido convocado. E a sorte não lhe sorria. Ela bem o prostrou, porque as balas da guerra não levam endereço certo.

Pouco antes de morrer, Robert Johnstone havia pedido aos seus pais, em uma carta escrita do "front", que destinassem seu seguro de vida, no valor de 10.000 dólares, à educação de um soldado inimigo de sua pátria. Isso deveria ser pôsto em prática logo que terminasse a guerra e assim foi feito. Muita gente estranhou a atitude do rapaz, admitindo que êle não deveria andar no seu juízo perfeito ao escrever aquela carta. Como admitir que um militar, esperando morrer em campanha, mandasse beneficiar, não a um seu compatriota, mas justamente a um inimigo? Vez alguma, anteriormente, qualquer soldado havia tido tão estranha idéia.

Mas a verdade é que a idéia de Johnstone não havia sido outra, e foi criada, uma vez feito o armistício, uma bôlsa de es-



NISHIYAMA é um dos bons jogadores da seleção de basketball do colégio. Em 1945 lutava contra os americanos.



BOB JOGA xadrês com seu amigo Rusty Wilson. E quando o casal vai ao cinema, o japonês fica em casa tomando conta das crianças.

NISHIYAMA (ao centro) divide seu jornal com o indiano Roman Patel (à esquerda) que estuda para engenheiro eletricista, e Jod Wat, norte-americano. A estátua de Lafayette os protege.

tudos com o propósito de beneficiar um soldado inimigo. Nesse sentido os pais do jovem soldado deram os necessários passos, e seus superiores não encontraram outro jeito a não ser o de cumprir a sua última e tão estranha vontade...

Entre centenas de outros japonêses, Robert Yukimasa Nishiyama candidatou-se também. Candidatou-se e foi êle quem levou a melhor, abiscoitando essa bôlsa de estudos, cobiçada por tantos de seus compatriotas. A sorte lhe sorriu, embora Nishiyama nada fizesse de mais para merecer a preferência, pois a preferência era ainda a resultante de um sorteio.

Segue-se que neste momento êle é estudante de terceiro ano no Colégio Lafayette, em Easton, no Estado de Pensylvania. A princípio receiou que não fôsse bem recebido pelos seus novos condiscípulos, mas bem depressa se certificou do contrário: os estudantes americanos recebiam o ex-inimigo com grande espírito de compreensão, de solidariedade humana e muita noção de filantropia. Desde que o simpático japonês ali estava por determinação da vontade de um combatente "yankee", restava-lhes recebê-lo de braços abertos, e foi assim que o receberam. Ninguém mais se lembrou que aquêle cidadão de olhos amendoados e tez amarelada, pouco tempo antes manejava uma arma para tirar a vida de outros norte-americanos. E ninguém procurou saber se, por uma dessas caprichosas eventualidades, não teria sido êle quem, porventura, houvesse eliminado a Robert Johnstone...

A verdade é que a educação do japonês continua sendo paga com o dinheiro do seguro do falecido Robert Stansbury Johnstone e acabou-se a história.

Bob Nishiyama está se especializando em assuntos internacionais, e planeja lecionar em sua terra natal, após receber o diploma, em junho de 1952. Tem sido um excelente aluno; houve sorte na sua escolha, não é êle um nipônico fanático, mas, e ainda mais agora, embuído das mais altas noções de solidariedade humana, democrata até à medula e apreciando, com grande sinceridade, o progresso e o desenvolvimento da grande pátria de Uncle Sam.

Quando, em meados do ano vindouro, êle estiver diplomado, pensa em voltar para um Japão que já se recobrou, quase que inteiramente, da Segunda Guerra Mundial, e que se tornou em forte elo da corrente defensiva do mundo livre.

— Podem ficar certos, jamais esquecerei o serviço inestimável que me prestaram vocês, os norte-americanos — diz Yukimasa Nishiyama aos seus companheiros de estudo. Não serei apenas um cidadão agradecido, mas compreendendo muito bem as intenções do meu protetor, a quem desejaria ter conhecido em vida, trabalharei para que as nossas pátrias sempre e cada vez mais se irmanem. Serei um paladino do Japão, pautado pelas normas de-



O JAPONÊS e seus amigos conversam em um dos dormitórios do colégio, e ninguém se lembra que há seis anos aquêle jovem oriental fazia parte das fôrças japonêsas da Coréia, lutando contra os norte-americanos.

mocráticas desta terra em que aprendi a olhar com senso fraternal a todos os meus semelhantes.

Quando deixar os Estados Unidos, êle deixará amigos verdadeiros no Colégio Lafayette, os quais sempre se lembrarão da sua pessoa, amigos que ficarão perdurando pelo tempo adiante. Deixará, também, seus pais adotivos, o senhor e a senhora Robert Johnstone, que estão, hoje, plenamente orgulhosos de seus dois filhos, ambos com o mesmo nome (Bob), Robert. Um morreu no campo da luta, combatendo o inimigo comum japonês. Outro foi para o seu lar, dêsse mesmo Japão, mas esclarecido e preenchendo o lugar do primeiro.

— Ninguém melhor do que o protegido de nosso saudoso filho poderia ocupar o seu lugar em nossa mesa — disse o sr. Johnstone. E esperamos que, ao nos deixar, dentro de um ano, êle não esqueça o rumo da nossa casa: sempre o receberemos com afeição, e se algum dia pudermos ir a Tóquio, onde êle pretende viver, esperamos que ali nos receba com a mesma hospitalidade. Nesse particular, não alimentamos a menor dúvida. Somos tão felizes quanto o podem ser um pai e u'a mãe de um soldado morto no cumprimento do seu dever. Deus quis que fôsse assim e não cabe a nós — a mim e minha espôsa — modificar o destino divino.



O COLÉGIO Lafayette dá refeições grátis: Nishiyama serve-se de um pedaço de torta e leva sua bandeja ao longo do balcão.



HISTÓRIA é uma das matérias mais importantes para o simpático japonês, considerado um dos melhores alunos do professor Coddington.



VIVIEN LEIGH, a inesquecível Scarlett O'Hara de «...E o Vento Levou», é atualmente a artista de maior sensação da capital britânica, em face dos papéis que faz, alternadamente, interpretando a famosa Cleópatra.

VIVIEN LEIGH, CLEOPATRA DE DOIS AUTORES



JULGADA PELA CRITICA COMO A MAIOR ARTISTA DO MOMENTO ★ A SENSAÇÃO ARTÍSTICA DE LONDRES

QUEM não se recorda de Vivien Leigh no famoso papel de Scarlett O'Hara, em "E o vento levou"? A estrêla inglêsa atingiu o auge da fama e da glória com êsse papel, ao qual deu todo o vigor de seu talento incomparável. Mas Vivien Leigh é uma artista de recursos inacreditáveis e, também, no palco, [illegible] autores diversos, como Bernard Shaw e Shakespeare, embora no papel de personagens idênticas, saía-se ela coberta de louros.

★

A MAIOR artista do momento, pela manhã é Cleopatra de Shakespeare, e, à noite, Cleopatra do imortal Bernard Shaw.

OLIVIER, no papel de Antônio, e Vivien Leigh, como a Cleopatra de Shakespeare, a mais sensual e cortesã dominadora de todos os tempos.





A SEVERA e majestosa Cleópatra do drama de Shakespeare, com o seu negro manto, dando-lhe uma magnitude oriental. No segundo horário, Vivien Leigh aparece no palco interpretando a outra Cleópatra, a de Shaw.

O que está ocorrendo com Vivien Leigh atualmente em Londres é a prova provada de que a bela espôsa de Laurence Olivier é um dos mais formosos talentos da cena, seja a do palco, ou a da tela. Críticos e espectadores de todos os países continuam a manifestar seu entusiasmo em face das performances alternadas de Vivien Leigh, nos papéis de Cleopatra. Desde o dia 10 de maio último até hoje, ela é, num horário da tarde, a Cleopatra de Bernard Shaw, mulher ardilosa, sagaz, astuciosa, diferente da outra de Shakespeare, sensual, imponente, dominadora. Vivien Leigh consegue êste milagre entre a tarde e a noite, arrebatando as platéias da grande cidade.

Bernard Shaw escreveu "César e Cleopatra". William Shakespeare nos deixou "Antônio e Cleopatra". No teatro St. James, em Londres, Vivien Leigh interpreta as duas Cleopatras: a de Shakespeare e a de Shaw. Embora se trate de uma só personagem, uma das mais famosas mulheres do mundo, cada autor lhe deu um caráter diferente. O temperamento de Shaw não podia produzir uma Cleopatra com o feitio moral e psíquico daquela de Shakespeare. Mas a grande Vivien Leigh vence tôdas as dificuldades e, no espaço de algumas horas, representa as duas Cleopatras, através de duas obras monumentais, porém de interpretação diferente, no sentido da compostura moral da grande rainha do Egito.

No papel de Antônio está Laurence Olivier, espôso de Vivien Leigh e uma das maiores figuras do drama e da tragédia do teatro britânico. Também êle, um dos grandes astros do cinema, à cena, arrebata os espectadores londrinos, que fazem, depois, confrontos culturais e artísticos entre as duas Cleopatras, exaltando a figura da grande intérprete, Vivien Leigh, cuja beleza física é emoldurada pelos fulgores de sua capacidade artística. O imortal Shakespeare, morto em 1616, se estivesse vivo, verificaria que o seu drama foi levado à culminância da perfeição cênica, da magnitude trágica, com a interpretação de Vivien Leigh.

A Cleopatra de um, é dramática, trágica, misteriosa, sensual; a do outro, é uma Cleopatra moderna, ardilosa, dengosa e envolvente, dando ao desenvolvimento da peça o sabor de comédia. Duas obras-primas que estão sendo levadas à cena pela mesma artista. Um dia uma, outro dia outra, as duas Cleopatras se revezam, produzindo na alma e na sensibilidade dos espectadores, as mais díspares emoções.

A história é uma só; mas o tratamento pessoal não é. Shaw fêz comédia; Shakespeare, um drama. Para interpretar êsses dois papéis de uma mesma mulher, através de temperamentos tão diferentes, é preciso ser gênio, especialmente se entre uma representação e outra medeiam horas e não meses e anos.

A curiosidade do público é absoluta. Todos aplaudem a idéia que teve Laurence Olivier de realizar tão consagrador espetáculo, pois foi o próprio marido de Vivien Leigh quem o imaginou e pôs em prática. Numa página, Vivien é a Cleopatra de Shakespeare, conforme a imaginou o imortal dramaturgo falecido em 1616; na outra, surge como a Cleopatra de Bernard Shaw, já não aquela trintona do Egito, mas uma *girl* diabòlicamente linda, sensual e ardilosa, dominando o seu Antônio com outros processos de amor, que não os realizados pela outra Cleopatra. O duelo de sensações empolga o público de maneira sensacional, e o triunfo alcançado por Vivien Leigh, ao lado de seu espôso, é um dos maiores acontecimentos dêstes últimos anos em matéria de teatro de alta classe. O assunto despertou interêsse desmedido em Hollywood, recebendo o casal, ofertas tentadoras para que apareçam juntos num filme.



NOVELA DE **EDGAR DE SOUZA MACHADO**

ILUSTRAÇÃO DE **A. ZALUAR**

VELHA CADEIRA DE BALANÇO

(CONCLUSÃO)

FOMOS recebê-la. Fazia um ano que não a via. Esperava abraçar uma criança e, no entanto, beijava uma mulher feita. Fiquei amargurada e acanhada. Eugênia não parecia ter apenas quinze anos. Todavia, sua beleza e elegância deixaram-me orgulhosa e deslumbrada.

Não se passavam muitos dias e já Ricardo e Eugênia se tornavam muito amigos. Eu nada pude evitar. Continuava temendo que minha filha desconfiasse. Passei uma noite em claro, pensando no momento em que tudo deveria dizer-lhe. Chorei, as lágrimas ensoparam meu rosto. Eu me sentia enciumada; teria razão?

Mais algum tempo decorreu. Não havia dúvida. Eugênia caíra por Ri-
...do. E uma pergunta sua fêz-me
... a realidade:

— ...amãe, Ricardo não tem namo-
...o gosta de ninguém? E' tão
...sto de homens assim. Em
...ons maridos.

... Fiz o elogio de Ri-
... — como fui má —
...ue êle ...stava de
...
...afastados.
...ós dois,
...ssei que
...as delica-
... de que
...m se acha-
entretanto,
gostar do

rapaz de São Paulo. Pedia sempre, por carta, à minha irmã, notícias dêle. E, soube depois, fôra minha filha a causa do rompimento. A culpada de tudo. Minha irmã omitiu os detalhes. E à minha filha nada perguntei, receiosa de magoá-la, ainda mais. Contudo, ela não deixava Ricardo. Agarrou-se a êle como sêlo à carta. Não cheguei a compreender o temperamento de minha filha. Tão diferente de mim... Seria a educação que tivera noutro meio, distante?

Não quis lutar. Que poderia fazer? Tomei tudo como consumado, mais uma vez. As mães têm sempre que se sacrificar pelos filhos. Não há outra alternativa. Meu amor por Ricardo era muito forte, mas já estava acostumada ao sofrimento. A minha filha precisava ser feliz. Achava-a, confesso, inconstante e fútil. E temia por isto. Apesar de vinte anos mais velho, Ricardo seria o homem ideal para ela. E, sem compreender no momento, ia cometer o mesmo êrro de minha avó, quando me lançou aos braços de meu primeiro marido.

Ricardo não me falou mais em casamento; silenciou e eu também. Uma intrigante vizinha me disse:

— Sabe? Vi ontem Ricardo com sua filha no cinema. Você não se incomoda?

— Por que vou incomodar-me? Desejo que se casem e sejam muito felizes.

— Mas... e você?

— Eu? Não compreendo a sua pergunta...

Não insisti, todavia. Êste diálogo me fêz tomar atitude definitiva. Falei a Ricardo. Disse-lhe que esquecesse o que houve entre nós. Pensando bem, não devia mais casar-me. Seria até ridículo com filha já moça! Ricardo olhou muito para mim — pareceu-me triste e magoado — e disse:

— Está bem, Luiza, contudo, poderíamos esperar mais um pouco.

Dei-lhe um "não" enérgico e decidido e foi encerrado o assunto. Não soube naquele momento definir os seus sentimentos. Como fui tôla! De fato, até àquele momento Ricardo fôra para Eugênia apenas amigo. A minha vizinha viera gerar em mim o receio e a desconfiança.

Não houve rusgas, aborrecimentos, nada. O noivado e o casamento com minha filha vieram em condições normais. A fim de não os magoar, declarei-lhes que seguiria para São Paulo, a passeio. Precisava divertir-me. Para despistar deixei que o meu quarto ficasse intacto, com tôdas as recordações de meu passado. Parti com o coração sangrando, certa de nunca mais voltar. Longe, encerrei-me em casa de minha irmã. Para mim a vida estava encerrada. Ajudava minha irmã, que era pobre, em todos os deveres da casa, e tomava conta dos filhos. Meu afã era não parar, a fim de não ser assaltada por pensamentos e saudades. Sentia-me feliz, a meu modo. E, apesar de meu retraimento, de minha indiferença — talvez vocês não acreditem no que vou contar-lhes — achei outro casamento. Era viúvo, já ultrapassava os cinqüenta anos. Bom partido, porém eu recusei. Minha mana e cunhado ficaram magoados, pois muito o estimavam. Eu não o simpatizei bastante. Tinha pavor de ser infeliz outra vez, ademais não havia amor por êle, ém meu coração. Digo: em cada coração há um só amor. Fora disto é ilusão.

Eugênia e Ricardo me escreviam sempre, principalmente o último. Sentia-me tão sensibilizada que as lágrimas apareciam constantemente. As cartas dêle eram longas e deixavam transparecer profunda tristeza. Por quê? Não seria feliz com minha filha?

Minha mana me disse um dia:

— Ricardo parece estimá-la muito, Luiza...

Não soube, nesta ocasião, manter atitude impassível. Abri no chôro. Desconfiei, desde logo, que, pelo meu modo de responder, minha atitude e lágrimas derramadas, havia deixado escapar algo, e muitos anos depois, Ângela, minha irmã, declarou que havia compreendido tudo naquele momento.

Veio o primeiro filho de minha filha. Apesar dos reiterados pedidos de Ricardo, não regressei. Depois, aproximou-se o momento do segundo. Eugênia não ia passando bem. Ricardo escreveu-me, ansioso, a respeito, deixando-me preocupada. Resolvi voltar. Por que Deus iria castigar-me com tal suplício? Já me achava integrada na nova vida. Desejava assim viver até o fim. Depois de quase três anos, regressei a esta casa. Afetuoso e comovente abraço dei em Eugênia e Ricardo. Não me pude dominar e chorei bastante. Depois a alegria voltou. Minha filha, para banir a tristeza, disse:

— Como mamãe está jovial! Nem pareço sua filha...

Observei-os, então. De fato, estavam mudados, mais velhos, principalmente Eugênia.

Com o decorrer dos dias, notei que não havia felicidade nesta casa. Ricardo e Eugênia eram tão indiferentes um para o outro, como o são as estrêlas lá no céu e os peixinhos nas profundezas do mar. O meu êrro se reproduzira em minha filha. E passei a sofrer também. Eu, que havia tido um marido que nunca me amara, sabia muito bem o tormento de um casal, quando um não ama o outro.

À noite não saíamos de casa. O ambiente jamais deixarei de revivê-lo em mente. Se eu fôsse pintora, pintá-lo-ia para vocês. Não. O ambiente não expressaria o que de fato ia na alma de cada um. A expressão que eu desse a cada fisionomia, estaria muito longe de revelar a verdade. Se eu própria ignorava tudo que se passava entre êles naquele momento...

O estado de Eugênia inspirava cuidados. Nós três, como múmias, permanecíamos ali, na sala de jantar, daquele lado, estão vendo? Eu, cosendo; Ricardo lendo ou trabalhando; e minha filha estirada nesta velha cadeira de balanço pensando... não só ela, como todos nós! Uma vez ou outra, dizia-se qualquer coisa, e o silêncio, em breve, voltava a imperar. Eu jamais olhava para Ricardo ou lhe dirigia a palavra. Ficava, à miúdo imaginando: "Que estará pensando minha filha? E Ricardo? Por que não se falam?

Minha filha, coitada, sempre inesquecível em meu coração, morreu ao dar à luz o meu segundo neto. Mais um sofrimento, mais uma cruz que arrastei na vida.

Preparei-me, dias depois, para regressar a São Paulo. Desta vez, realmente, o pano da vida descera sôbre mim. No meu coração não havia pretensão nenhuma em ser feliz. Queria deixar tôdas estas recordações o mais depressa possível. Tinha muita compaixão de Ricardo. Nada podia fazer por êle e nem pelos filhos. Ademais, uma irmã dêle viera fazer-lhe companhia por algum tempo. Cabia-me regressar.

— Ricardo — disse, após decorridos dez dias da morte de Eugênia — já mandei separar minha passagem de volta. Regressarei no dia 15.

Êle me olhou desvairadamente e disse:

— Será o meu fim. Você não tem... pena de seus netos? Não po-

(*Cont. na pág.* 50)

ESTAMPADOS

ALGUNS alegres e coloridos modelos estampados para as diversas horas do dia, é o que apresentamos nesta página, para a sua escolha. Em cima, em sêda estampada, temos dois vestidos para a manhã, em duas peças, ambos originais e elegantes; em baixo, sugestivo modêlo para a tarde em tafetá azul-marinho estampado. Note-se o elegante traspasse na blusa, e o grande lano no lado da saia; a seguir um modelinho esportivo, com alças, em algodão branco, estampado com flores em côres vivas. Próprio para passeio, poderá também ser usado sem o bolero. Saia bem franzida, com grandes bolsos aplicados.







UMA POETISA QUASE DESCONHECIDA

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA é uma das mais doces vozes da poesia feminina do Brasil. Entretanto, é também uma quase desconhecida para a nova geração. Recentemente, a revista mineira "Acaiaca" dedicou uma edição ao município de Pouso Alegre e, então, recapitulou, em pequenas notas biográficas, os vultos eminentes que tiveram como berço a encantadora cidade serrana do sul de Minas, entre os quais Presciliana Duarte de Almeida. Nesta página, dedicada a assuntos femininos, transcrevemos hoje a nota de "Acaiaca", evocando a figura da suave poetisa montanhesa. E' a seguinte:

"Nasceu em Pouso Alegre, em 5 de junho de 1867. Desde cedo, ainda menina, já se dedicava às letras, fundando por êsse tempo um semanário escrito à mão — "O Colibri", apreciadíssimo na cidade. Fundou e manteve, por muitos anos, a revista "A Mensageira", das primeiras e mais impressivas manifestações do talento de uma mulher no meio intelectual brasileiro. Em colaboração com Maria Clara da Cunha Santos, sua prima e também escritora, publicou "Pirilampos e Rumorejos", seu primeiro livro de versos. Já casada com o ilustre filólogo Dr. Sílvio de Almeida, professor do Ginásio local, foi para São Paulo, onde teve brilhante e definitivo aparecimento nas letras. Autodidata, ilustrou-se extraordinàriamente, tendo sido professôra de língua italiana. Com seu livro de versos "Sombra", entrou para a Academia Paulista de Letras, honra que nenhuma outra mulher conseguiu naquele Estado. Dedicando-se à poesia infantil, publicou "Páginas Infantis", e organizou uma coletânea sob o título "O Livro das Aves". Já viúva e envelhecida, ainda publicou "Vetivér", seu último livro, versos ainda, fruto sazonado de sua inspiração inesgotável. Faleceu a ilustre mineira em 13 de junho de 1944. Em 1950, perpetuou-lhe o Govêrno de São Paulo a memória e o exemplo, dando o seu nome a um dos Grupos Escolares da Capital Paulista."

L I S E



Modelos Variados



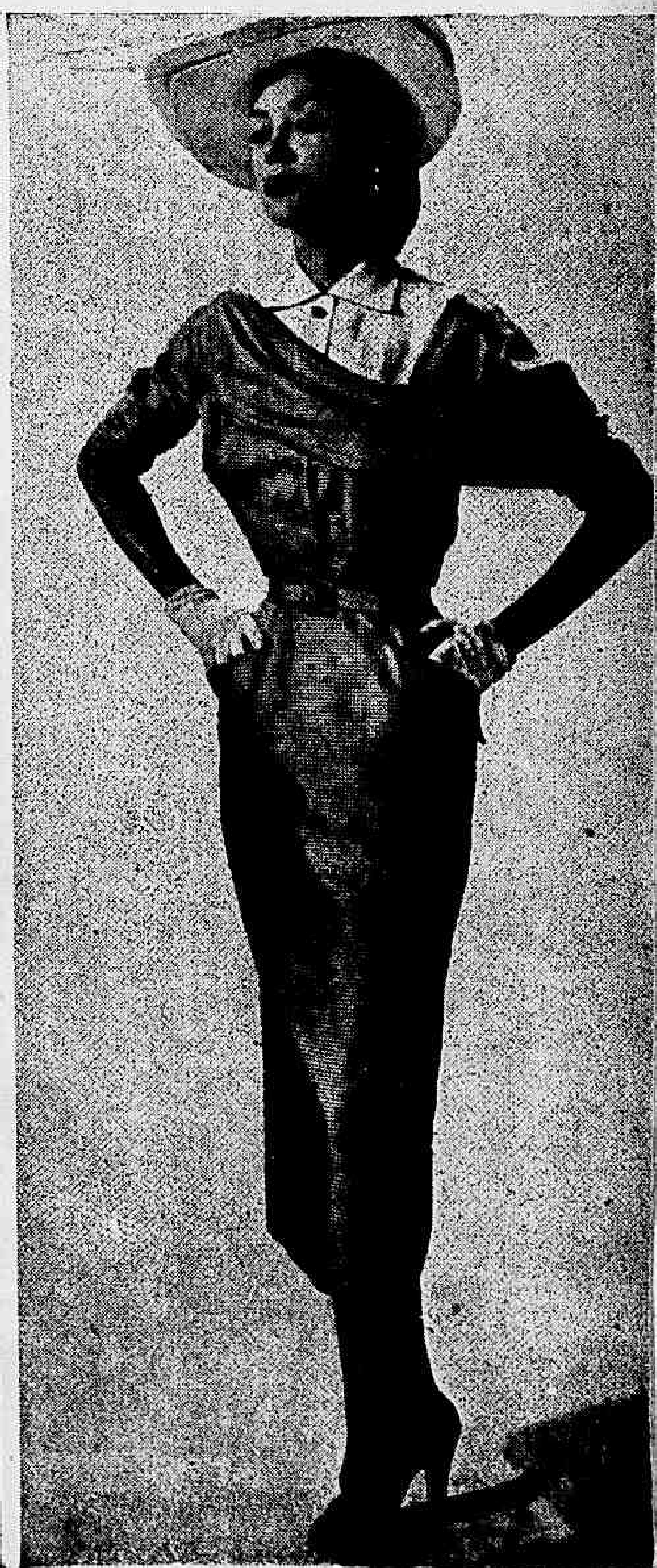
ALGUNS modelos variados e elegantes são apresentados nestas duas páginas, para a sua escolha. Em cima, dois modelos em linho claro para passeio. Em baixo, duas interessantes blusas brancas, a primeira em laise, e a segunda em linho, com bordados nas mangas. Na outra página, ao alto, para a manhã, duas criações em linho azul e branco. Em baixo, três figurinos para a tarde ou para o «cock-tail», em sêda ou tafetá, todos êles com elegantes echarches, como complemento.













Criações SUGESTIVAS

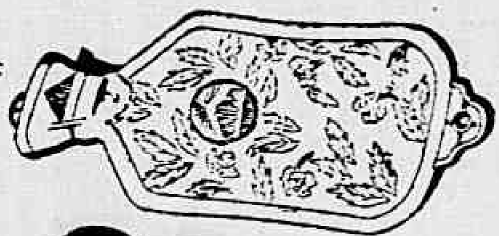


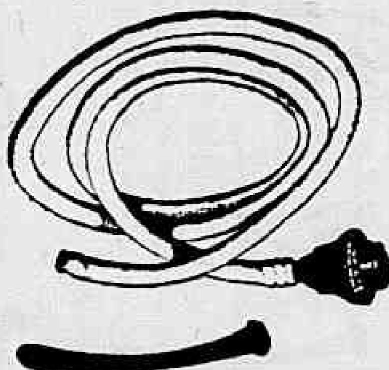
NESTE desfile de sugestões, as nossas leitoras encontrarão por certo, alguns interessantes modelos que muito a ajudarão na renovação do seu guarda-roupa, tornando-o mais variado e moderno. Na sua maioria são modelos ligeiros, próprio para passeio, não exigindo muito nas suas execuções. O linho e o algodãozinho, lisos ou estampados, são os tecidos mais indicados, para todos êles; com exceção do modêlo no canto da página ao lado, que é um vestido próprio para «cocktail», devendo de preferência ser confeccionado em tafetá claro, com «pois». Notar o original trabalho da blusa, com sugestivo decote drapeado.

PELO REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

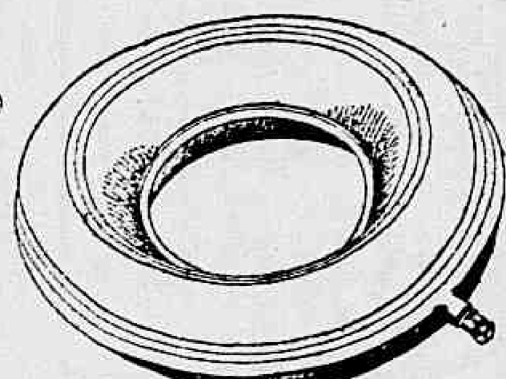
MATERIAL CIRÚRGICO E CLÍNICO EM GERAL

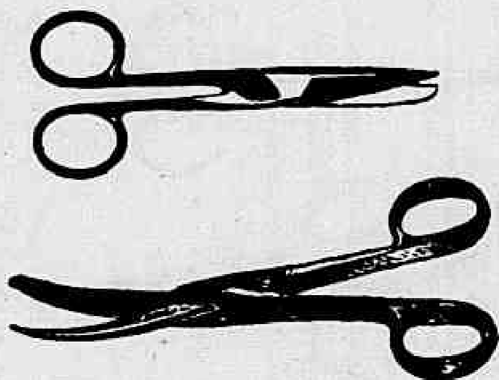
DESPESAS DE PORTE POR CONTA DO CLIENTE.



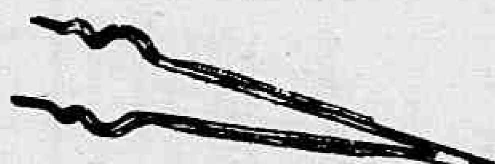


Saco de borracha para água quente, capacidade de 2 litros com tampão de metal simples. — Cr$ 38,00. — Tubo de borracha, com pertences para irrigador — Cr$ 45,00.





Assento de borracha com válvula, diâmetro de
37 cms. .... Cr$ 68,00
42 cms. .... Cr$ 95,00



5821 — Pinça para seringa e material esterilisado com 18 cms. Cr$ 25,00

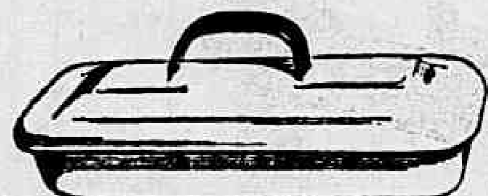


7099 — Tesoura cirúrgica reta ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 64,00.
7108 — Tesoura cirúrgica curva ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 58,00.
7115 — Tesoura cirúrgica reta ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 62,00.
7116 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 66,00.
7117 — Tesoura cirúrgica reta com 1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 63,00.
7118 — Tesoura cirúrgica curva c/1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 67,00.
7179 — Tesoura cirúrgica reta ponto fina c/10,5 cms. francesa, Cr$ 65,00.
7180 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/10,5 cms., francesa, Cr$ 72,00.

nº 1) — 5811 — Pinça dissecação nacional, com 13 cms., Cr$ 22,00.
nº 2) — 5793 — Pinça hemostática de Kocher nacional, com 13 cms. Cr$ 65,00.



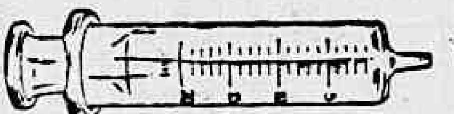
Estôjo metálico niquelado para seringa:
2305 — de 5 cc. .... Cr$ 18,50
2306 — de 10 cc. ...... Cr$ 19,00
2307 — de 20 cc. .... Cr$ 20,00



1745 — Cuba de ferro esmaltado com tampa para material esterilisado 8x12 cms., Cr$ 60,00.

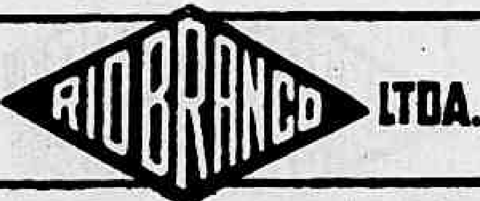


Agulhas de niquel canhão dourado, tipo americano, de: 20x6/10 — 20x7/10 — 25x6/10.
25x7/10 — 25x8x/10 — 30x6/10
30x7/10 — 30x8/10 — 40x7/10
40x8/10 — 50x7/10 — 50x8/10
Cr$ 3,60.



Seringa de fabricação estrangeira de:
6760 — de 3 cc. ...... Cr$ 32,00
6761 — de 5 cc. ...... Cr$ 38,00
6762 — de 10 cc. ..... Cr$ 50,00
6763 — de 20 cc. ..... Cr$ 60,00

IMPORTADORA E EXPORTADORA



LTDA.

Avenida Venezuela, 131 — 10º Andar — Sala 1006-8 — Fone: 23-2977 — Caixa Postal 1864 — RIO



WEEK-END

MUQUECA DE PEIXE

2 pimentões, pimenta malagueta à gôsto, tomates, cebola, cheiros verdes e coentro, 1 kg de peixe, um pouco de camarão fresco ou sêco, 1 côco frande, um pouco de azeite doce, 1 colher de azeite de dendê, sal.

Modo de preparar: Picam-se os pimentões, os cheiros verdes, a cebola, os tomates; amassa-se a pimenta e mistura-se tudo com o azeite doce, temperando-se de sal. Temperam-se também com sal o peixe e o camarão. Tira-se o leite grosso do côco. Toma-se uma panela e põe-se no fundo uma camada da mistura feita com o azeite doce; sôbre ela arruma-se uma camada de peixe misturado com o camarão, rega-se com um pouco de leite de côco, põe-se outra camada dos temperos, outra do peixe com o camarão, rega-se tudo com o leite de côco e assim se procede sucessivamente, até se empregarem todos os ingredientes, sendo a última camada de temperos. Toma-se a panela e leva-se para cozinhar em fogo brando, só com o bafo. Ao retirar do fogo, depois do peixe cozido, junta-se o azeite de dendê, prèviamente aquecido em banho-maria. Serve-se a muqueca com arroz de vatapá e farinha de mandioca.

CAMARÕES EM FÔLHAS DE ALFACE

Limpos os camarões convenientemente e lavados com água e limão, cozinham-se em água temperada de sal. Depois de cozidos e escorridos, deixam-se esfriar para, na hora de servir, arrumados sôbre fôlhas escolhidas de alface, regá-los com o seguinte môlho: 1 xícara de môlho de tomates, um pouco de picles reduzidos a pedacinhos, uma colher de môlho inglês e umas gôtas de limão. Mistura-se tudo muito bem e despeja-se sôbre os camarões. Enfeita-se com ôvo cozido picadinho.

CREME SUIÇO DE CHOCOLATE

Batem-se três claras em neve, juntam-se as gemas, bate-se mais um pouco, adiciona-se água, 1 colher de maizena e 4 de chocolate em pó. Sôbre essa mistura despeja-se um copo de leite frio, mexendo-se bem até que tudo fique perfeitamente ligado e desmanchado; leva-se ao fogo ½ litro de leite e quando estiver fervendo retira-se, adoça-se à gôsto e despeja-se, mexendo-se sempre, sôbre a mistura feita anteriormente. Leva-se tudo novamente ao fogo brando, sem parar de mexer até engrossar. Retira-se então e despeja-se numa fôrma molhada, levando-a para lugar fresco ou para a geladeira. Serve-se bem frio, assim simples ou coberto com creme Chantilly.

MILHO COM LEITE

Com uma faca bem afiada, corte de alto a baixo o milho de umas 24 espigas bem verdes e com as costas da faca raspe os sabugos. Frite tudo numa caçarola e deixe cozinhar com água e sal. E' necessário que os grãos fiquem bem macios, por isso



só se deve utilizar as espigas tenras. Estando cozido, quase sêco, soque ligeiramente na própria caçarola com um soquete, para que o môlho engrosse e fique mais delicado, sem contudo reduzir em massa. Junte ao milho duas xícaras de leite e leve a ferver; depois adicione uma boa colher de açúcar e na hora de servir acrescente uma colher de manteiga. Deve ficar na consistência de petits-pois de lata. Depois dos grãos esmigalhados não deixe no fogo sem mexer, para não pegar. E' um prato delicioso e pode substituir o petit-pois, como prato fino. Existe em lata.

VERDURA REFOGADA PARA SANDUICHES

Espinafre, acelga, ou mostarda, 1 pitada de noz-moscada, azeite, sal, pimenta, celga picada, todos os temperos.

Aferventa-se os espinafres, a acelga ou a mostarda, refoga-se no azeite com todos os temperos cortados bem miudinhos. A verdura deve ser batida ao ponto de se tornar uma massa, acrescenta-se a noz moscada para requintar o sabor. Quando a verdura estiver sêca, estará em condições de enfeitar ou rechear sanduíches.

MÔLHO DE TOMATES SIMPLES

Toste 1 colher de cebola picadinha com 1 de manteiga e 1 de açúcar, junte 1 colher de farinha e 1 de massa de tomate; toste um pouco e mo-

NA COZINHA

lhe com 1½ xícaras de caldo ou de água e leve ao fogo até ficar em boa consistência.

OMELETTES MODERNES

Misture bem 2 colheres de farinha, 2 de açúcar, 1 rasa de fermento, 1 xícara de leite, 6 gemas e 1 pitada de sal. Junte 6 claras em neve, bata depressa, e leve ao fogo numa frigideira grande, com 1 colher de banha de côco e 1 de manteiga; quando principiar a endurecer, deite dentro, ao comprido, rodelas de banana polvilhadas de açúcar, morangos, etc. Dobre em três, deite numa travessa e polvilhe de açúcar. Pouco antes de servir, leve ao forno só para esquentar.

BOLINHOS DE BATATA DOCE

Cozinhe ½ quilo de batatas doce com casca, depois descasque e passe pelo passador. Leve ao fogo para ligar com 1 colher de manteiga, 1 ôvo, 1 colher de açúcar e sal e deixe esfriar. Faça pequeninas bolas como nozes, passe em farinha de trigo, depois em ovos batidos, frite em banha e deite sôbre papel pardo para desengordurar.

FÍGADO À MILANESA

Parta em bifes finos 1 quilo de fígado e deixe repousar com sal e gôtas de limão. Depois passe em farinha de trigo, em ovos batidos, em pó



de pão torrado e frite em banha quente, sem deixar escurecer. Deite em papel pardo para desengordurar. Arrume de um lado do prato, e do outro deite um pirão de batatas bem leve. Sirva à parte, môlho de manteiga, ou môlho de tomates.

PAIO

Corta-se a carne de porco a mão, como para fazer linguiça. Tempera-se da mesma maneira que nesta, enchendo-se do mesmo modo. Derrete-se a banha, e assim se retira do fogo, derramam-se na lata, em que já se terão arrumado os paios. Deve-se deixar ourear os paios uns 4 ou 5 dias, antes de pô-los na banha.

MÔLHO DE TOMATES

12 tomates, 2 cebolas, pimentão, pimenta, sal, azeite, água.

Cortam-se os tomates, picam-se as cebolas e fritam-se no azeite, junto com o pimentão, o sal e a pimenta. Acrescenta-se um pouco de água. Guardado em vidros, êstes realizados, conserva-se durante muito tempo.

DOCE DE FIGO

Pelam-se os figos, limpando-os e deixando-os de môlho. Faz-se uma calda na proporção de um quilo e meio de açúcar para cada quilo de figo. E' um dos doces que requerem muita quantidade de açúcar para ficar bons. Põem-se os figos frios na calda fria. Deixam-se ferver um pouco e guardam-se para acondicionar no dia seguinte em vidros. Esterilizam-se durante 20 minutos e assim podem durar o tempo que se quiser.

PÊRAS COM CHOCOLATE

Pêras grandes, maduras, creme de chocolate, caldo de limão, creme Chantilly, descascam-se as pêras, cortam-se pelo meio, e tiram-se as sementes. Deixa-se depois de cozinharem em uma calda, à qual se mistura um pouco de caldo de limão quando estiverem moles, e depois de esfriarem retiram-se da calda e deixam-se escorrer, pondo-se depois em uma vasilha de cristal.

Faz-se um creme de chocolate e, quando estiver frio, mistura-se com o creme Chantilly e cobrem-se com êle as pêras.

TORTINHAS DE PRINCESA

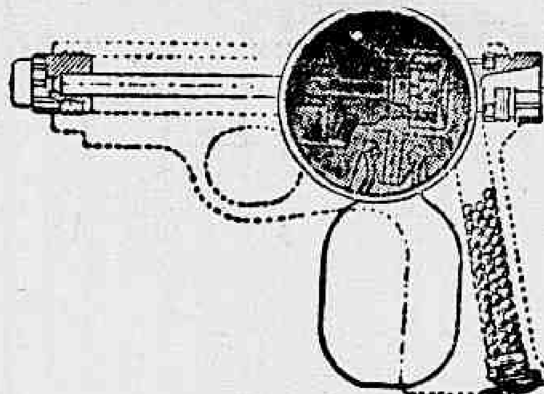
100 gr de manteiga, 3 ovos 550 gr de amêndoas raladas, 100 gr de açúcar, 100 gr de farinha de trigo, um pouco de canela e cravo em pó.

Bate-se a manteiga como creme, mistura-se com as gemas, as amêndoas, o açúcar, a canela e o cravo e bate-se durante um quarto de hora. Adiciona-se depois a farinha e, por último, as claras batidas. Untam-se forminhas e polvilham-se com semoline finíssima, põe-se nelas a massa até ao meio, alisam-se, pincela-se a superfície com ovos batidos, polvilham-se com amêndoas bem picadinhas e açúcar grosso, e assam-se em forno médio.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade .... Estado ....



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO do SUL LTDA.

para qualquer ponto do Brasil e a Buenos Aires.

Avenida Rio Branco, 128 - Fone: 42-6060.

Avenida Nilo Peçanha, 26A - Fone: 32-4177.





ANJO DE VINGANÇA

(FRENCHIE)

ELENCO:

Tom Banning	JOEL McCREA
Frenchie Fontaine	SHELLEY WINTERS
Pete Lambert	PAUL KELLY
Countess	ELSA LANCHESTER
Diane	MARIE WINDSOR
Lance Cole	JOHN RUSSELL
Clyde Gorman	JOHN EMERY
Jeff Harding	GEORGE CLEVELAND
Carter	REGIS TOOMEY
Rednose	PAUL E. BURNS
Jim Dobbs	FRANK FERGUSON
Tony	VINCENT RENNO
Bartender	LARRY DOBKIN
Dealer	LUCILLE BARKLEY

Produção em TECNICOLOR de MICHEL KRAIKE ★ Direção de LOUIS KING ★ Apresentação da UNIVERSAL-INTERNATIONAL.

MUITA gente, ao passar pela frente ds cinemas, dá de ombros ao ver cartazes com cenas de filmes de «Far-Weste». Todos êles são parecidos. Ver um é ver todos. Êste raciocínio, até certo ponto, tem suas razões. Mas há filmes de «Far-Weste» que, além do excelente desempenho romântico e dramático de seus principais protagonistas, constituem documentário de primeira qualidade, reconstruindo aspectos, usos e costumes da vida dos pioneiros no seu meio ambiente, quando a sociedade humana daquelas regiões ainda selvagens, estava apenas a desabrochar.

No cine-romance que publicamos a seguir, a história encerra um dos mais curiosos aspectos da psicologia feminina: a da vingança. Atualmente, estando a sociedade muito mais bem armada e poderosa para castigar os delinquentes de tôda espécie, especialmente os homicidas, a idéia de vingança se abrandou em face da Justiça e do Direito. O direito de punir não é permitido pela ciência do direito. Se a sociedade humana está aparelhada para aplicar penas, até a de morte àqueles que matarem por perversidade, não é lícito deixar-se à vítima o direito de fazer justiça com as próprias mãos.

No filme de que nos ocupamos nestas páginas há uma personagem, Frenchie (Shelley Winters) que reconstitui, com a maior naturalidade o «direito de punir» pelas próprias mãos. E êsse direito é executado por uma jovem que vira o pai cair morto pela crueldade de bandidos, quando ainda era ela pequenina. Mas, em sua alma de criança a fisionomia dos matadores de seu pai não desaparecera





com o perpassar dos anos. Cada dia, cada mês, cada ano que se passava, mais avultava o desejo de vingança naquele coração feminino, mais feito para o amor e o perdão, do que para lavar em sangue o sangue derramado de seu genitor.

O plano de que lançou mão essa formosa mulher no vigor de sua mocidade fascinante é a base moral e histórica do filme. O ambiente é o de «Far-Wests», mas a tese é humana, universal. Torturada pela idéia de vingar o autor de seus dias, ela não descansa enquanto não cevar todo o rancor de seu ódio sôbre os assassinos de Frank Dawson.

Em tôrno dêsse drama do século XIX, avultam ainda os lances de ciúme, de despeito, de inveja, tudo bem urdido através de uma história dos velhos tempos em que a lei era determinada pela pontaria dos revólveres e a coragem dos primeiros representantes da ordem social. O amor de uma jovem adventícia, criada muito longe daquele meio turbulento, precipita as cenas mais inesperadas e emocionantes. Ela, que viera vingar-se, julgando que, depois disso voltaria a outros meios mais elevados, não pôde libertar-se das tarrafas do amor, e se deixou envolver cariciosamente pelo olhar daquele que, se atravessara em seu caminho, como o seu eleito.

Mas, para isso, teve Franchie Fontaine que lutar contra outras concorrentes. Como o ambiente não era de delicadezas e finuras de espírito, de diplomacias e jogos de salão, a jovem vingadora recorreu à fôrça dos músculos e se atracou com as que desejavam desviar-lhe a felicidade apenas vislumbrada nas clareiras de sua vida.

Frenchie viveu anos pensando em vingança. Quando chegara o momento, ela sentia que o amor procurava amenizar a idéia fixa de matar o assassino de seu pai; mas não se deixou envolver pelo lirismo dos suspiros e conversa com a lua; marchou impávida para a ação, embora procurasse, paralelamente, cumprir o seu dever de filha e órfã.

Anjo de Vingança, hoje, não teria mais razão de ser. A humanidade está mais avançada na estrada do direito e da justiça; mas, nos velhos tempos da colonização e do povoamento do Oeste longínquo, até uma jovem formosa e bem formada de coração, tinha que recorrer à mira de sua arma para abater aquêles que tanto mal lhe fizeram quando ainda era garotinha inocente e incapaz de compreender a maldade do mundo em tôda a sua extensão. «Anjo de Vingança» é filme de «Far-West»; mas possui emotividade e beleza artística que merecem ser vistas e sentidas pelos amantes da sétima arte.

★

ENRÊDO

Depois de se certificar que seus disparos ficaram no ar, os dois misteriosos cavaleiros deram uma volta e se perderam atrás de uma nuvem de pó. No longínquo Oeste, um moribundo teve apenas fôrças para extender à sua filhinha uma pequena bôlsa de pele com seus parcos haveres e fê-la abandonar o lugar a cavalo.

Passaram-se anos. Certo dia uma carruagem parava em Bottleneck e dela se apearam duas mulheres, uma era Frenchie Fontaine (Shelley Winters) uma loura cheia de vida, a outra a Condessa (Elsa Lanchester), de formas exuberantes e com ares de mandona. Frenchie trazia em seu íntimo o desejo fervoroso de vingar a morte de seu pai. Ela ainda se lembrava de um dos assassinos, restava-lhe agora descobrir o parceiro dêste. A primeira coisa que fêz foi adquirir o cabaret «Anjo Rubro», embora o banqueiro Clyde Gorman tudo fizesse para que ela não se metesse em semelhante negócio, pois o dinheiro empregado não iria render-lhe lucros, considerando que o lugarejo era muito socegado, tendo para tanto trabalhado o delegado Tom Banning.

Franchie manda vir de Nova Orleans suas amigas acompanhadas de Lance Cole (John Russel), o qual, por sua vez, estava apaixonado por Franchie. Pete Lambert (Paul Kelly) um dos assassinos, dono de uma salão de jôgo, denominado «Ficha Azul» e situado nas redondezas de Chuckalul, logo que soube da chegada das raparigas, de revólver em punho, pos a cidade em polvorosa, atirando a torto e a direito, querendo assim amedrontar as recém-chegadas. Da diligência, entretanto, descia um rapaz alinhado, de porte másculo, que não era outro senão Tom Banning (Joel McCrea) o novo delegado, e graças a quem os planos de Pete foram por água à baixo.

Durante uma de suas solitárias visitas ao túmulo de seu pai, Frenchie se encontrou com o delegado, estava ela de semblante triste olhando a sepultura daquele que fôra seu conselheiro e amigo, o autor de sua vida. Ambos sentiram uma atração mútua quando Frenchie soube que êle havia sido abandonado pela espôsa havia 3 anos, a qual assim procedera para se casar com Clyde.

Frenchie não mede esforços para descobrir o comparsa do assassino de seu pai, chegando até a propor à Lambert uma sociedade para a exploração do negócio, cabaret e cassino, mas Pete, muito astuto, fugiu ao encontro, escondendo-se em sua casa.

Diana Gorman, sentindo renascer em seu coração o amor por Banning e sem medir as consequências, confessou-lhe o fracasso de seu casamento, com Clyde, dando-lhe na ocasião um beijo. Mas havia escolhido um momento desastroso, pois o banqueiro percebeu o que estava fazendo e guardou o incidente na memória para uso posterior.

O jôgo e as mulheres campeavam livremente em Bottleneck, enquanto que a Ficha Azul estava na iminência de falência, pois o negócio do «Anjo Rubro» florescia a olhos vistos. Lambert, forçado pelas circunstâncias, foi visitar Frenchie, querendo então aceitar a proposta que ela fizera anteriormente. Enganado pelas aparências, correu êle a informar Gorman sôbre o que estava acontecendo com sua espôsa e o outro. Diana, porém, contou à Frenchie as verdadeiras intenções de Pete, certa de que a aventureira assim abandonaria o lugar, mas assim também deu a entender à Frenchie o receio que tinha dela com Banning.



As duas mulheres se engalfinham que nem duas leoas, travando uma luta feroz de corpo a corpo, tombando no chão, ferindo-se bastante, tudo diante de uma assistência numerosa e muito interessada no desfecho da briga. Usando de uma fôrça sobrenatural, o delegado consegue apartar as duas mulheres. Nenhuma delas, embora apresentassem um estado lastimoso, se deu por vencida. Ambas continuaram nutrindo o mais feroz rancor pela outra.

Gorman, por sua vez, aproveitou-se da cena entre sua espôsa e o delega-

(Cont. na pág. 51)

ESTÁ À VENDA

O ÁLBUM DE

A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE

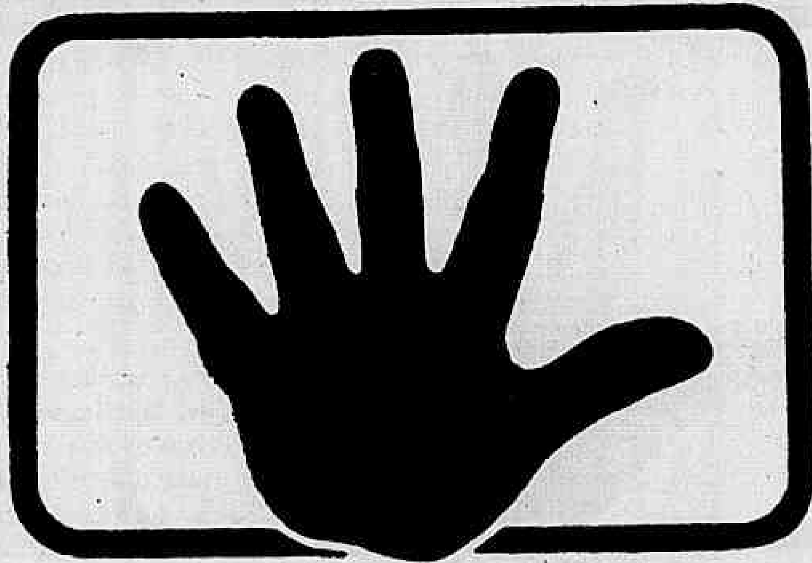
CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.
— Biografias completas no verso de cada foto.
— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música
— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor

COMPRE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

TIÃO

(Cont. da pág. 34)

êste. "D. Ruth morreu na madrugada de hoje. Coração."

Tião pestanejou, incrédulo. E então, como que hipnotizado, arregalou muito os olhos. Finalmente, quando se moveu, levou a mão direita à bôca, sentindo uma súbita tristeza apertar-lhe o coração.

— "O que posso eu fazer, "seu" Alfredo?" — perguntou com voz trôpega.

— "Nada, Tião. Que podemos nós fazer contra a morte?"

Sentiu-se desamparado, vazio. Ficou olhando para a gorda figura do gerente, contendo a custo os soluços. Juntou as mãos nervosas e num impulso inqueriu:

— "Quando,, quando é o entêrro?"

— "Amanhã às oito horas."

— "E os serviços, por favor?"

— "Na sinagoga."

Balançou a cabeça, voltou-se e caminhou vagarosamente. Andou assim muito tempo antes que se desse conta de estar no outro lado da cidade, perto de sua casa...

Dormiu mal àquela noite. A maior parte do tempo, passou falando com a mulher sôbre D. Ruth. E quando veio a manhã, vestiu o terno azul marinho que ela lhe dera no Natal, dirigindo-se para o templo.

Muita gente aglomerada frente à sinagoga. Algumas faces demonstrando tristeza, outras fadiga, uma ou outra, surprêsa.

Avisou o caixa e alguns empregados da loja. Caminhou até êle e perguntou-lhe onde estava D. Ruth.

— "Desejo vê-la pela última vez."

O caixa pareceu não escutá-lo. Fitava-o confusamente. Depois apontou para uma porta. Tião dirigiu-se para lá. No centro do recinto avistou o ataúde. Procurou pelo velho Levi, mas não pôde encontrá-lo. Tomou lugar na fila.

Quando chegou a sua vez, contemplou o corpo dela no caixão. Parecia dormir. Aquêles tristes olhos haviam se apagado para sempre. Dormiam, agora, o grande sono da paz eterna. A sala abafava.

Quando o velho Levi entrou, encontrou-o sentado na última fila de cadeiras, esfregando os olhos com as costas das mãos.

Mais gente entrava e saía. Um rabino começou a falar, a mencionar o nome de D. Ruth, a dizer quão bondosa alma fôra ela e como haveriam de tê-la em seus corações quando tiveram a ventura de conhecê-la. Tião ouviu um soluço. Viu alguém correr para o velho Levi com um copo d'água na mão. O rabino calou-se. Alguns homens avançaram para o ataúde. Para levá-lo.

Tião desejava ajudar. Desejava avançar, também, e oferecer a sua última ajuda, mas não podia. Ficou distante, vendo o caixão passar. O velho Levi ia nos braços de dois homens.

Fora, avistou-os colocando o ataúde no carro funerário. Todos corriam para os seus automóveis. O velho Levi, com os dois homens, entrou numa grande limousine negra, logo atrás do carro fúnebre. Um polícia dirigia o tráfego, e quando o séquito começou a se movimentar, a rua ficou intransitável.

Tião adiantou-se. O carro fúnebre passou lentamente. Depois, o auto do velho Levi. Súbito, houve uma parada brusca. Avistou o velho, poucos passos à sua frente, sentado entre os dois homens, os olhos fixos no coche.

Teve uma vontade louca de dizer qualquer coisa ao velho. Queria dizer-lhe que também êle sentira. Desejava perguntar-lhe se poderia acompanhar o entêrro, dizar-lhe o quanto ansiava por prestar o seu último respeito à mais delicada das damas que conhecera. E se o velho Levi tivesse voltado os olhos para êle, certamente teria dito tudo isso. Mas, o velho não lhe dirigiu o olhar e silenciosamente o séquito reiniciou o seu lento andar.

Percebeu alguém ao seu lado. Outra vez o caixa.

— "Eu gostava muito dela" — comentou. "Era uma bela pessoa. Um boníssimo coração. Você vai ao cemitério, Tião?

Tião abanou com a cabeça.

— "Então" — acrescentou o caixa — "iremos no carro do gerente. Está para o fim da fila."

Tião meneou a cabeça outra vez e imediatamente os seus olhos ávidos avistaram o carro do gerente movimentando-se vagarosamente em sua direção. Ergueu-se nas pontas dos pés e quase abanou com a mão, o receio de que o gerente não os avistasse avolumando-se no peito. Mas o gerente os avistou e freiou o carro. O caixa adiantou-se Tião ouviu que o primeiro dizia:

— "Lugar sòmente para um, Carlos. Você vem?"

Viu o caixa entrar no carro, no banco da frente. Viu o seu rosto, viu-o encolher os ombros, como a dizer: Sinto muito, Tião. E assistiu ao partir do carro, lento, seguindo o acompanhamento...

Pouco depois, todos os autos haviam passado. E o trafego da rua normalizava-se.

Voltou para a sinagoga. No peito, sentia uma vaga palpitação. Avançou penosamente para o recinto. Parou. Olhou em redor. O lugar vazio. Não se apercebeu de que estava pensando: Ela teria encontrado um lugar para mim — repetidamente, até que, afinal, as palavras formaram sentido e êle murmurou baixinho:

— "Ela teria encontrado lugar para mim. D. Ruth não..."

Fêz uma pausta, pensando no que estava a dizer. Uma morta teria encontrado lugar para êle no seu próprio entêrro? Os cantos da bôca se contrairam em rugas, enquanto ainda olhava para o recinto.

Caminhou até lá. Avistou as cadeiras enfileiradas de ambos os lados. Pouco adiante, estava o copo d'água que alguém levara ao velho Levi. Fitou-o e sentiu a vazia quietude ambiente. Por fim, sentou-se na última cadeira.

Olhou para a mesa sôbre a qual estivera o ataúde. Ficou sentado ali em completo silêncio, por alguns minutos. E então, respeitosamente, tirou o chapéu, depositou-o no colo e encarou o lugar onde o caixão de D. Ruth pouco antes estivera.

VELHA CADEIRA...

(Cont. da pág. 40)

deria esperar mais um pouco? Você, Luiza, sempre foi precipitada...

— Engana-se, Ricardo. Você compreende... — e não fui adiante.

Êle se levantou, andou de um lado para o outro, numa inquietação que me punha nervosa. Tão calmo que era! Que se estava passando com êle? Naqueles segundos, sòmente o ruido sêco desta cadeira varava o espaço.

Depois disse:

— Luiza, você nunca me perguntou por que fomos infelizes, eu e sua filha. Nunca me censurou, por quê?

— A felicidade e infelicidade entre dois têm raizes muito profundas, às vêzes indevassáveis, inexprimiveis, que devem ser respeitadas seja lá por quem fôr. Como iria torturá-los com perguntas que têm sempre o sabor da curiosidade, da censura, da discórdia, da animosidade?

— Não há dúvida, Luiza, que você é uma mulher admirável. A arma que usa é o silêncio, o conformismo. Deve detestar-me por me ter deixado arrebatar por sua filha, a quem, confesso, nunca amei.

— Não, Ricardo, pelo contrário, fui sincera ao entregá-lo à minha filha. E' falsa a tese de que a amizade vem com o tempo. Compreendi isto muito tarde. Desejei que fôssem muito felizes. Parecia-me que ela o amava e precisava muito mais de apoio na vida do que eu. Sempre confiei em mim, nos princípios morais e religiosos em que fui criada. Minha filha tivera outra educação, longe de mim. Soube manter-me nos momentos mais dramáticos de minha existência, quando abandonada totalmente pelo meu marido e sem êle, acima das tentações. Você, que compartilhou de minha amizade durante algum tempo, deve ter compreendido isto. Eu estava feita moralmente; minha filha estava para se fazer. E' um verdadeiro pesadelo, hoje, para as mães, neste mundo sem direção, ter uma filha, jovem, solteira e sedutora. Vivia muito preocupada com ela. E me pus em plano secundário.

— Sim, tudo bem... — disse calmamente — mas por que sua filha não se manteve acima do sofrimento? Por que se tornou cruel para comigo? Estou certa que tinha sempre o pensamento no Sul, a que adorava. E dizia que detestava a terra onde nasceu. Era como se vivesse numa prisão. Há fatos que você deve saber.

Senti-me empalidecer. Pulei desta cadeira e perguntei a Ricardo com voz trêmula:

— Será que minha filha descobriu o nosso segrêdo?

— Sim, Luiza; ela leu, por acaso, a carta que lhe escrevi, pedindo-a em casamento. Você a deixou trancada na gaveta de seu quarto. Ela abriu para procurar umas fotografias, se não me engano. Começou, desde então, a fazer mau juízo de nós. Ela era das tais que não acreditava em honestidade. Tinha por hábito falar de todo o mundo. Que temperamento! As discussões eram freqüentes. Um dia me lançou esta na cara: "Patife! Amante de minha mãe". E eu, Luiza, desvairado, a esbofeteei. Desde então, o silêncio quedou entre nós dois. Perdoe-me. Não desejo ir lém. E você é mãe, a quem não devo mais magoar, pois eu a estimo muito Luiza. Sempre me arrependi por não me ter casado com você, não ter lutado quando me repeliu tão decididamente.

Durante algum tempo fiquei calada. Meu pensamento estava em Eugênia. Senti todo o meu sangue subir à cabeça, só em pensar que estivera em frente a ela, sabendo o meu segrêdo e fazendo juízo tão mau! Compreendi então, por que ela se descuidava de si mesmo. Jogava o remédio fora. Fazia mil e uma asneiras que me deixavam desanimada. Parecia mesmo que desejava morrer e me fazer sofrer. Não, meu Deus, não devo assim pensar. Ela sempre foi tão boa para comigo! De certo modo eu fui culpada de tudo, por ter-lhe ocultado o meu segrêdo.

Limpei os olhos e falei a Ricardo:

— Eu compreendo, perfeitamente, a sua atitude. Já notou como muitas vidas se tornam uma tragédia quando, por questão de zêlo, às vêzes de brio, receio ou ridículo, não agem de acôrdo com os ditames de seus corações? Quanto sofremos por isto!

— Já. E é por isto que não reproduzirei aqui o meu êrro de outrora. Se não deseja mais aceitar-me por marido, leve meus filhos com você, porque desta data em diante eu não me responsabilizarei nem por mim e nem por êles.

Vocês compreenderam o final. Logo depois casei-me com Ricardo.

Contei-lhe tudo que, de triste, aconteceu-me na vida. Após o meu segundo casamento, obtive felicidade plena, até a morte de Ricardo, há cinco anos atrás. Êle nunca me deu razão de queixa. Vivi a vida de casada que sempre almejara. Não lhe vou pintar as côres. Vocês já foram demasiada pacientes comigo.

A felicidade é uma só, inconfundível. Quando se diz "ela é feliz" imaginamos logo como é. Mas quando se declara "ela é infeliz" surge-nos um mundo de interrogações. E' que a infelicidade se veste de aspectos diferentes e seus terríveis tentáculos cingem a criatura de tôdas as maneiras. E' por isto que, em sua maioria, as histórias narradas têm sempre o sabor da tragédia. Um drama feliz é um drama insôsso.

Meus netos e filhos são uns anjos. Eu uma vez me vi confusa quando Marta, minha neta, perguntou:

— Vovó, que é Mário (meu filho) de mim? Diz êle que não é meu irmãozinho...

Repito, meus queridos amigos, só há em cada coração um determinado amor, insubstituível. Não se iludam.

Tudo se foi na voragem da vida. Fiquei só, em companhia de minhas lembranças e desta velha cadeira de balanço.

Em breve o sol nascerá. Vê-lo-ei ainda? Sinto-me cansada. O sono não vem. Vou aproveitar ainda esta madrugada para queimar minhas velhas cartas e recordações do passado. Já é tempo. Sinto-me tão sem fôrças... Adeus, adeus...

ANJO DE VINGANÇA

(Cont. da pág. 49)

do, procurando tirar-lhe a vida sob o pretexto de que fôra êle quem destruira a paz do lugar. Mas um certeiro tiro disparado por Frenchie na hora H arrebatou de suas mãos a arma que empunhava. Naquele mesmo dia, Gorman era assassinado. Frenchie tinha suas suspeitas, achava que o autor dessa morte tivesse sido Lance, acontece, porém, que Banning foi acusado, porque em seu revólver faltava uma bala.

Na escuridão da noite, dois homens, a mando de Frenchie libertam Banning. Chegara uma carta de Dodge City explicando a associação de Lambert e Gorman, como sendo os dois criminosos que Frenchie procurava, tudo isto provocou em Tom a suspeita de que ela fugira para acusá-lo como culpado.

Um cavaleiro salta de sua sela e avisa a Banning que um bando se preparava para assaltar o cabaret «Anjo Rubro». O delegado saiu incontinente a fim de evitar tamanha desgraça.

Durante a luta, Diana Gorman, a qual juntamente com outras pessoas estava escondida numa igreja, ao ver que Lambert havia esgotado tôdas as munições de seus inimigos, e prevendo o assalto, temendo a morte de Banning, resolveu sair do esconderijo e em voz alta culpou-se a si mesma do assassinato. Um dos componentes do grupo pôs fim à sua existência. Enraivecidos, os vizinhos dos povoados se aliaram à causa de Frenchie, enquanto Lambert fugia para Cchuckaluk, seguido pelo delegado, e acabou morrendo dentro de seu cassino «A Ficha Azul».

No meio da confusão que se estabeleceu, Frenchie, por sua vez, conseguiu fugir, seguida por um bando de homens armados. Foi prêsa e encerrada na prisão, mas Banning veio salvá-la, carregando-a em seus braços para a paz de um doce lar.



De maio a setembro a Grã-Bretanha receberá o mundo

Impossível descrever tôda a grandiosidade do Festival de Artes e Indústrias que o povo britânico está organizando e que abrange todo o país. Nêsse festival será posto em exposição — de uma ponta a outra — o território das Ilhas Britânicas, perante os nacionais e perante os estrangeiros. Seja, o senhor também, um dos visitantes da Grã-Bretanha, que se prepara condignamente para o receber. E para essa visita, viaje pelo ar. A tripulação da B. O. A. C. se caracteriza pela prática e experiência em vôos a longa distância e é famoso em todo o mundo pela gentileza e atenção que dispensa ao passageiros.

VÔE PELA B·O·A·C

COM A TRADICIONAL CORTESIA BRITÂNICA



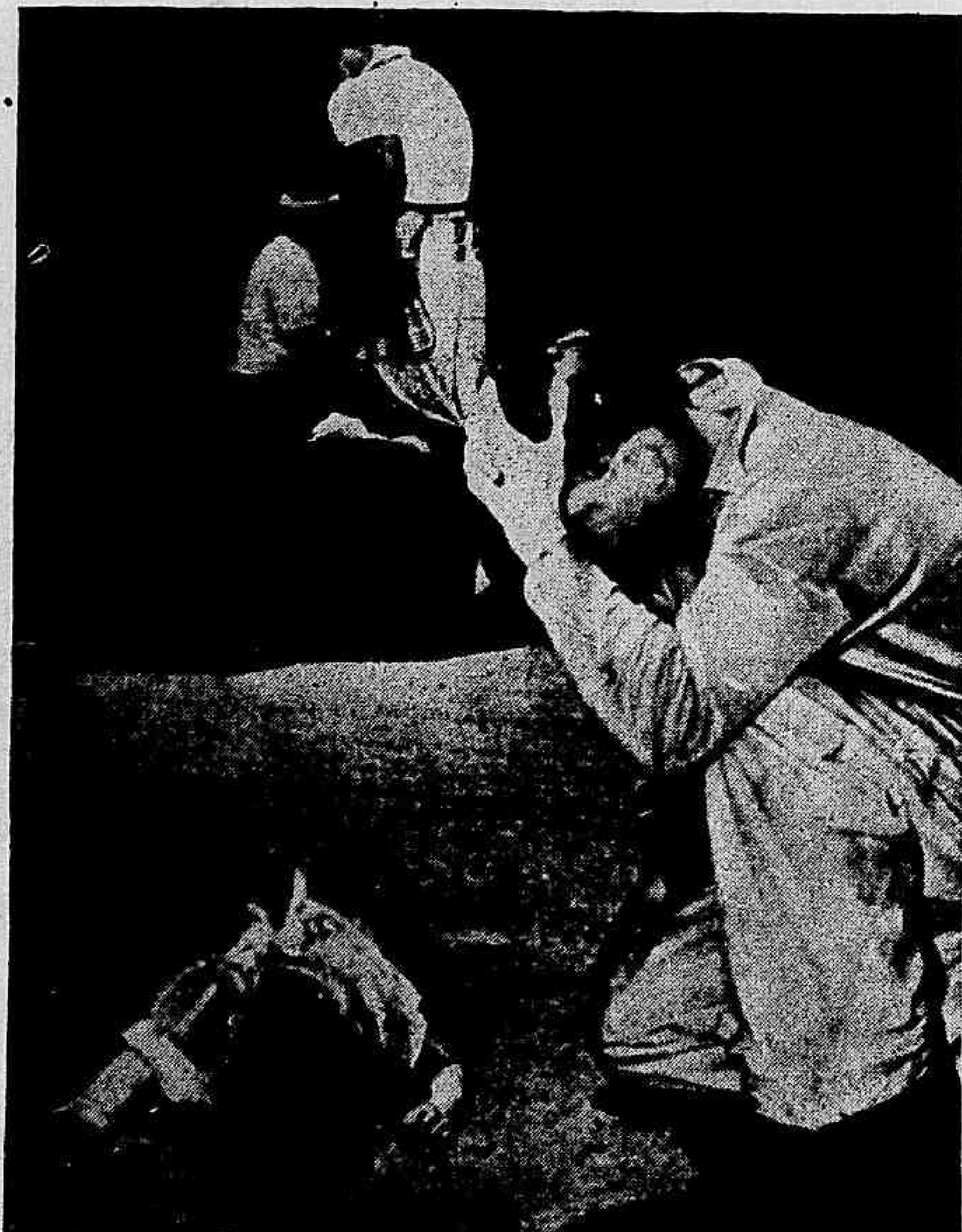
BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE





A POPULARIDADE DE Bruno Morini, escultor italiano, é cada vez mais empolgante. Admirador do Presidente Roosevelt, Marini fêz uma estatueta do saudoso político e a remeteu como lembrança à viuva de Roosevelt, por intermédio do cantor Frank Sinatra, que se vê ao lado de Eleanor Roosevelt. Por detrás, o filho de Roosevelt, James, não pôde ocultar sua satisfação pela excelente mostra de talento do artista que executou tão delicado trabalho. Quando Sinatra estêve na Itália cantando para os soldados norte-americanos, fêz questão de conhecer Bruno Morinini, para quem posou para uma estatueta.



UM DOS MAIS DOLOROSOS casos de acidentes de tráfego se verificou há pouco tempo em Los Angeles. A pequenina Mary, de ano e meio de idade, estava brincando em frente à sua casa, o que fazia sempre. Um caminhão em desabalada carreira a apanhou, matando-a num segundo. Quando os pais de Mary acorreram já era tarde. Aqui vemos o doloroso quadro de piedade e sofrimento: Harold Dahler, seu pai, chora a morte da filhinha, enquanto sentada sôbre um caixote ao pé da cêrca, sua esposa, mãe de Mary, é consolada por uma vizinha

TUDO ISTO

OU VAI OU ARREBENTA

NÃO há mais triste nódoa em nossa vida de nação civilizada do que a da imensa percentagem de analfabetos. A população que não sabe ler nem escrever é, no Brasil, um ponto doloroso. E' verdade que já foi maior essa mancha; contudo, ainda está muito longe de ser lavada de nossos mapas estatísticos e de não nos envergonhar perante outros povos, mesmo da América do Sul. De quem a culpa? Dos governos? Não apenas dêles. Os próprios pais de família são réus perante a pátria. Por isso, o juiz de direito da comarca de S. Manoel, Estado de S. Paulo, Dr. Waldemar Silveira, decidiu aplicar recursos legais para acabar com o analfabetismo em terras de sua jurisdição. Em comunicado que fêz publicar para conhecimento de todos os daquela zona, o juiz declara que serão processadas criminalmente tôdas as pessoas que negligenciarem na instrução primária de seus filhos de 7 a 14 anos de idade. E não ficou apenas nessa advertência. Comunicou também que instaurara processo criminal contra o lavrador José Guerra, residente na fazenda "Pau Dalho", pelo fato de



haver deixado de dar instrução primária a duas filhas menores. Com essas providências dentro da lei, o juiz espera que, dentro da área de sua comarca, nenhum menor de sete a quatorze primaveras fique sem instrução primária. Aí está um exemplo que devia ser seguido por tôdas as autoridades judiciárias do interior do Brasil, e a nação inteira lucraria com isso.



CASAMENTO POR CORRESPONDÊNCIA



NÃO é novidade o que vamos comentar neste tópico; mas, o caso atual está revestido de certas características um tanto originais. O casamento através de cartas mantidas entre desconhecidos já tem sido objeto de comentários, aqui mesmo, nas páginas desta Revista. Episódios passados na Alemanha de após guerra, tendo como protagonistas algumas «frauleins» germânicas e futuros pretendentes às suas níveas mãos arianas, deram certo, e as alemãezinhas casaram e estão muito felizes. Vá lá que na Europa, nas zonas devastadas pela guerra, onde sobram moças e escasseiam rapazes, as jovens casadouras recorram aos anúncios para conseguir marido. No Brasil, porém, o caso é singularíssimo e um tanto estranho aos nossos processos românticos em face do amor. Que isso fôsse comum entre princesas de 'sangue real, é da História e todos sabemos que o Conde d'Eu só veio contemplar o rosto de Isabel quando chegou ao Rio, o mesmo sucedendo com as duas princesas que desposaram Pedro I. Mas isso era mais política de alianças do que de amor «fotogênico»... Em São Paulo, porém, já se faz anúncio de moça pedindo namorados. O nosso colaborador Afonso Celso de Oliveira, de Sorocaba, recortou de um diário da capital bandeirante um anúncio de «Jovem do interior de São Paulo, 19 anos, muito graciosa, educação esmerada, deseja corresponder-se para fins matrimoniais, com jovens experientes, boa posição, cultos, etc., brasileiros ou estrangeiros de 25 a 30 anos». Fim de mundo...



AMÉLIA JAPONÊSA

A guerra causou episódios verdadeiramente assombrosos. Casos de renúncias, de dramas e tragédias dignos de um Homero. Mas êsse caso da ilha de Anahattan merece um poema. Sua grande heroína se chama Kazuko Kika, tem 29 anos de idade e pode contar coisas que muitos velhos e velhas de cem não conseguem sonhar, ao menos. Estava Kika na ilha com seu espôso quando desembarcaram ali 31 soldados japonêses empurrados de outros postos pela ofensiva americana nos mares asiáticos. Era ela a única mulher da ilha, espécie de Robinson Crusoe de saias e quimono. Sucedeu que o marido de Kasuko morreu e surgiu êste terrível problema para o comandante da companhia militar que se refugiara em Anahattan: uma mulher viuva, diante de 31 homens derrotados. Então, o japonês que chefiava os seus homens ordenou: Kika Kazuko casa com qualquer que convier. E ela escolheu um novo espôso que fôsse uma barreira em face das tentações do demônio japonês, um sujeito muito mais feroz do que os demais diabos espalhados por outras nações dêste mundão desmiolado. Sucedeu então que morreu o segundo



espôso de Kika. O comandante mandou que ela casasse com outro. Kika casou. Mas êste terceiro marido morre e o chefe japonês impõe outro Adão. Kika se submete. Meses depois fica viúva pela quarta vez. Quando o japonês lhe deu ordem para casar com o quinto patrício, ela fugiu e foi salva pelos norte-americanos em maio de 1950. Que filme!

ACONTECEU

JANGADEIROS



NINGUÉM vai aos Estados do Norte, de Sergipe ao Ceará, que não se comova diante do heroísmo dos jangadeiros ante a fúria dos mares bravios daquela região dos coqueirais à beira-mar. Como é belo e empolgante ver-se o regressar das jangadas com suas velas brancas ou coloridas, surgindo no horizonte e aproando velozes pela crista das vagas até à praia, onde as esperam amigos e pessoas da família. O jangadeiro é um símbolo de bravura, de audácia, de resignação. Orson Welles ficou tão exaltado com a figura dos jangadeiros que veio ao Brasil a fim de realizar um filme no Ceará, o qual ficou perdido com o trágico fim do famoso "Jacaré". Roulien também vivia sonhando com o seu filme "Jangada", o qual, quase no fim da rodagem pegou fogo e o artista não pôde mais refilmá-lo por falta de recursos. Desde muitos anos que os jangadeiros do Ceará procuram autoridades de lá e do Rio, no sentido de serem resolvidos vários problemas de imediato interêsse da classe, que é vultosa e mártir. O pescador e jangadeiro cearense, Jerônimo André de Sousa, um dos quatro que fizeram o "raid" Fortaleza-Rio em 1941, estêve recentemente na Capital Federal como delegado de seus colegas de luta, tendo falado com o Presidente da República, no sentido de serem os jangadeiros atendidos em seus desejos. Voltando à sua terra, André de Sousa disse que "o presidente Vargas o atendeu prontamente e prometeu satisfazer as reivindicações de melhoria de vida dos jangadeiros nordestinos". E querem tão pouco!



O PREÇO DE UM DIVÓRCIO

GILDA, a famosa estrêla cinematográfica, Rita Hayworth, que também não é nada disso, porque é Cansino, está firme na decisão de acabar seus vínculos matrimoniais com o milionário Aly Khan, um príncipe indiano, cheio de sonhos orientais e de dólares em profusão. Rita teve dêle uma menina a que deram o nome de Yasmin, atualmente com ano e meio de idade, ignorando, portanto, todo o drama materno. Rita veio da Europa em busca de seu divórcio na América, mas exige três milhões de dólares do espôso. Aly Khan achou muito e ofereceu 250 mil para a filha e 750 mil a Rita, num total de um milhão. Como vemos há sensível diferença contra a estrêla, ou sejam dois milhões de dólares, isto é, em moeda brasileira e ao câmbio de Cr$ 20,00, teremos a bela sôma de 40 mil contos de réis. Convenhamos que a diferença é muito grande para uma estrêla desistir de recebê-la. E Rita insiste, não desiste. Que faz então Aly Khan? Procura convencê-la de que também não é assim. Êle oferece um milhão de dólares, dividindo a bolada entre a espôsa e a filha, o que já representa alguma coisa, isto é, vinte mil contos de réis. Mas Rita amarrou-se na idéia fixa de 3 milhões, ou seja o total de 60 milhões de cruzeiros. Nem um tostão menos, se é que êle quer vê-la pelas costas. E declara que, para ela não quer um vintem. Tudo é para Yasmin, vítima inocente da briga. Mas aly é matreiro e acaba de mandar para a filha um pacote de brinquedos no valor de 100 dólares.

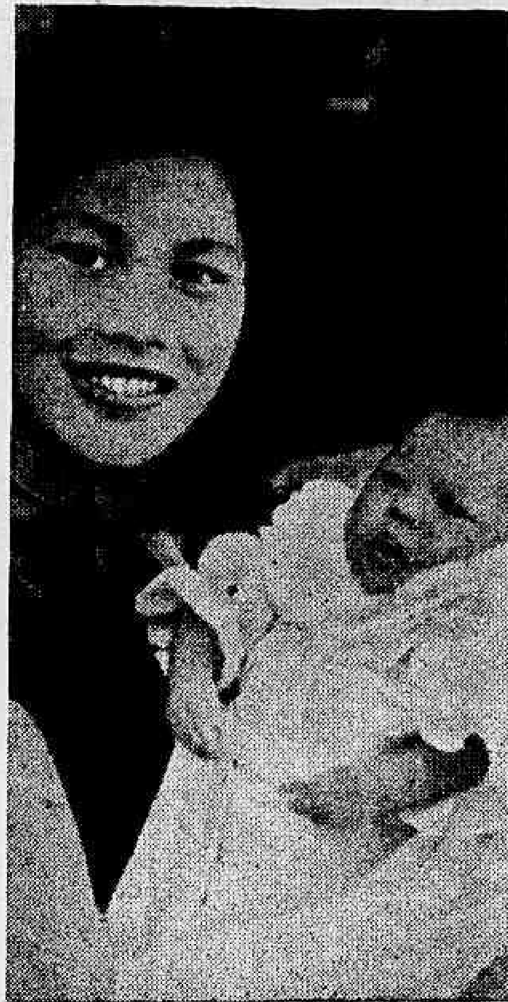




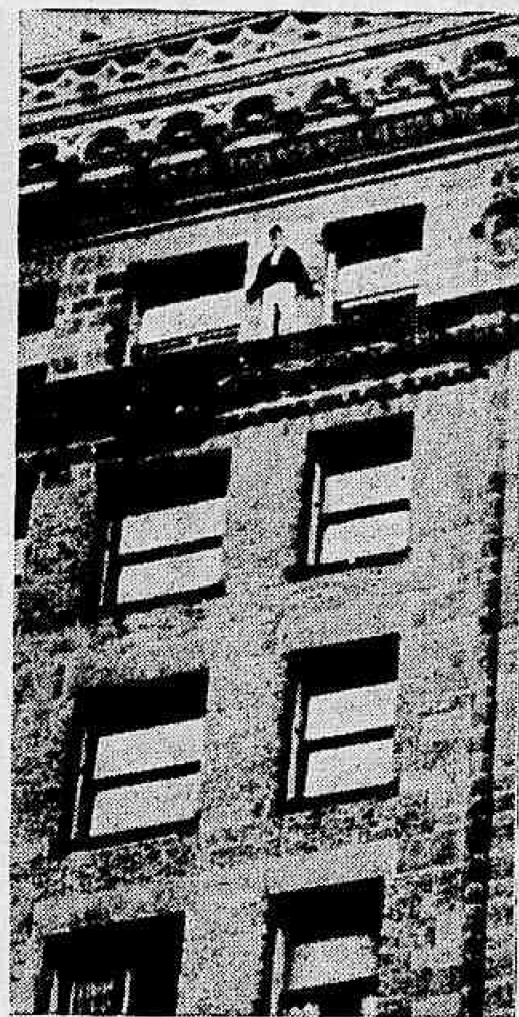
DOIS SÉCULOS DEPOIS



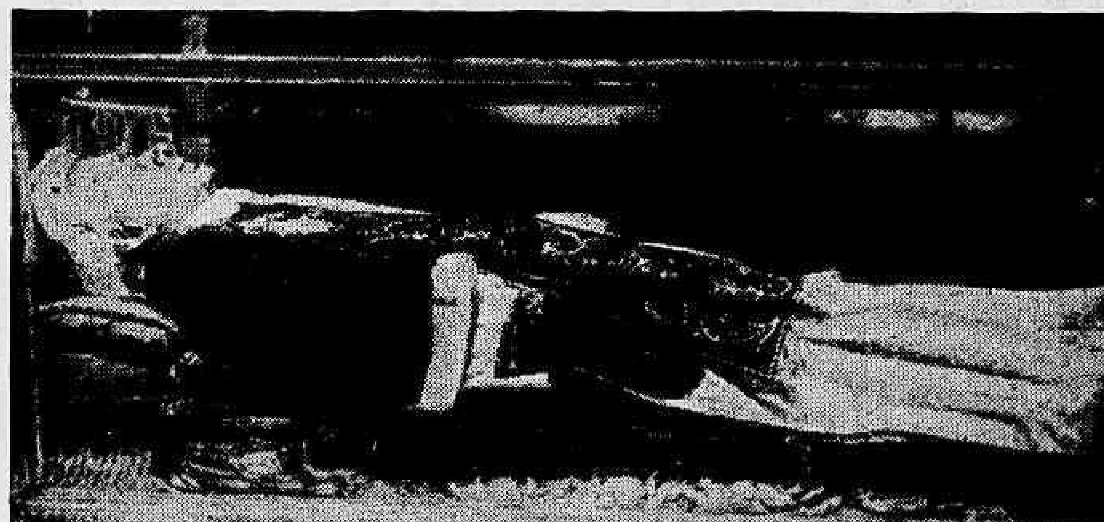
*AÍ pelo ano da graça de 1758, no famoso e encantador lago de Wurm, cujas águas alimentam o poético Danúbio, sobreveio uma catástrofe de que guardam memória as velhas crônicas da Baviera. Fernando Maria era dono de um navio das "Mil e uma noites", cujas decorações eram a ouro e de ouro recobertos os seus remos. Chamava-se "Bucentaurus" e despertava as admirações dos barões feudais daqueles velhos tempos. Era êsse navio o mais luxuoso da frota do chamado Eleitor da Baviera. Todo o seu interior era um deslumbramento. Havia nêle 150 remos dourados, numa réplica aos remos de prata da famosa Cleopatra. O custo dêsse barco principesco era motivo de todos os comentários, e o orgulhoso Senhor dos Alpes Bavàricos se enchia de orgulho. Um dia, há cêrca de duzentos anos, uma tempestade levou para o fundo do lago, que também se chama Starnberg, tôda aquela maravilha de jóias e belas-artes. Todos os anos, quando os veranistas acorrem de tôdas as partes da Alemanha, da Europa e de outras partes do mundo para as férias e repouso à beira do Wurm, na deliciosa vila de Starnberg, a história do naufrágio do "Bucentauro" vem à baila e várias histórias são contadas aos veranistas. Pois agora dois **mergulhadores de Munique descobriram os restos do navio, retirando do mesmo algumas obras de arte folheadas a ouro, vasos preciosos, julgando os localizadores do navio que muita coisa ainda sairá dos seus destroços a 40 metros de profundidade.***



A RAINHA SIRIKIT, do Sião, com sua filha de um mês de idade, a princesa Nabol. O rei Phumiphon, seu pai, levou a espôsa para uma clínica em Lausanne, onde se verificou o parto. A raínda estêve em sério perigo de vida, mas tudo passou



LUÍS TUTINI, desprezado por sua namorada, decidiu suicidar-se. Tudo se passou na cidade de Boston. Tutini está ali no parapeito do nono andar, disposto a atirar-se ao solo. Grande multidão se aglomerou na rua, e um sacerdote o demoveu do suicídio.



A TRÊS DE JUNHO último, num domingo, viveu Roma, a capital do cristianismo, um dos seus mais fulgurantes dias de glória. Cêrca de duzentas mil pessoas assistiram às solenidades litúrgicas da beatificação do Papa Pio X na igreja de S. Pedro. Pio X nasceu em Riese (Treviso) em 1835 e morreu em 1914, depois de ter reinado na cadeira papal pelo espaço de onze anos. O mundo inteiro conhece o quanto o coração do Pontífice se amargurou com a eclosão da primeira grande guerra, não tendo mesmo resistido aos efeitos morais da tragédia.



SEISCENTOS CÃES DE CORRIDA foram transportados, cem de cada vez, em Clippers da Pan American World Airways, de Miami para Havana, capital de Cuba. Essa invasão canina foi motivada pela inauguração da nova pista para cães, naquela capital, fato que constituiu um dos mais retumbantes acontecimentos sociais da cidade. Os velozes galgos viajaram de mordaça e corrente, mas com os seus movimentos livres. A nova pista para corrida de cães em Havana custou um milhão de dólares e tem capacidade para vinte mil espectadores.

TRAGÉDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito êste título sugestivo: «A TRAGÉDIA BIOLÓGICA DA MULHER». Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de tôda ordem, dores, mau estar, nervosismo, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora: não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar seus males femininos, porque é fabricado de acôrdo com a natureza dêles — Regulador Xavier. O Regulador Xavier nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier Nº 2 na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 de acôrdo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde e vida alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

O NAVIO DA SAUDADE

(Cont. da pág. 33)

Três dias demorou-se o "Serpa Pinto" no cais da Cidade Maravilhosa. Seguiu depois para Santos, cumprindo, assim, todo o percurso da sua rota. Se mais dias demorasse, mais teria sido visitado. Na volta, ficou poucas horas, passou sòmente para apanhar os passageiros que se destinavam à Europa. Apesar disso, o embarque foi muito concorrido, porém diferente da chegada. Não havia serpentinas, nem confetes, nem flores. Apenas o pronunciamento de uma tênue saudade já se fazia sentir; pois, como disse o poeta: — "Quem parte leva a saudade de alguém, que fica chorando de dor."

Eram 17,30 horas. O sol declinava lentamente. Ao longe, o arrebol tinha um colorido multicor. O "Serpa Pinto" se distanciava do cais, vagarosamente. Dir-se-ia que não queria partir. Mas, pouco a pouco, foi diminuindo de vulto, à proporção que se ia distanciando, até que não se podia vê-lo mais. Todos se retiraram. O repórter, entretanto, fumou um cigarro e ficou a admirar o crepúsculo. Como é bom sentir o mistério da noite que cai lentamente! Nas grandes cidades a vida é tão agitada que a gente não tem tempo de apreciar a beleza do ocaso. E como é belo um ocaso em meio ao oceano, pensamos. Não sabemos explicar bem, mas, naquele momento, o nosso pensamento se voltou para u'a moça loura que estava debruçada no tombadilho do navio e que sorria melancòlicamente. Sorria sem saber por quê. Não falava. Sorria, apenas. Era um sorriso misterioso, triste, como o sorriso da noiva que vai para o altar casar-se com um homem a quem não ama.

Quando a noite chegou ainda nos encontrou sentado na beira do cais pensando na moça loura que, de bordo, via o ocaso no mar e que, naturalmente, deve ter lembrado êstes conhecidos versos:

"O céu a valva azul de uma concha semelha
De que outra valva é o mar ouriçado de escamas;
No ponto de junção, o sol, molusco em chamas
De bissos, eleva a incendida centelha.

Listões de intenso anil, raias de côr vermelha
Grandes manchas de opala, arabescos e lhamas;
Da luz todos os tons, da côr tôdas as gamas
Brilha na valva azul que a valva verde espelha.

Mas, todo êsse fulgor esmaece e se apaga.
Tímido o olhar do sol bóia de vaga em vaga...
Porque uma sombra investe a sua concha enorme.

É a noite. Como um polvo, insidiosa se eleva
Desenrola os seus mil tentáculos de treva
E o sol, vendo-a crescer, fecha as valvas e dorme."

AMOR OU AMIZADE?

(Cont. da pág. 21)

intrincado em um caso de amor. O *chansonier*, que tantos amôres tivera em seus quarenta e poucos anos de vida, que deixara o lar materno para partir para Hollywood, já quase quarentão, se apaixonou por Marlene Dietrich e dentre os dois floresceu um amor abrasador. Yvonne o forçou a pedir divórcio, indo os dois perante o tribunal a fim de romper os laços daquela união.

Depois veio o fracasso no cinema. Chevalier, no entanto, soubera tirar partido de seus anos de sucesso, empreendendo tournées à Europa durante o intervalo de um filme para outro. Sentia uma ânsia de dinheiro, uma ambição que tinha por base o seu desejo inconsciente de afastar-se o mais possível da pobreza que enfrentara durante a infância, de seus anos de *gavrocherie*.

A guerra abalou o mundo. Chevalier permaneceu na França. Ao terminar o sangrento conflito, êle já fôra colocado na "lista negra" dos nacionalistas franceses, acusado de colaboracionista.

Livre do processo que contra êle foi movido, no qual logrou provar a sua inocência, Chevalier voltou a empreender excursões através do mundo. Tomou parte em dois filmes na França "Le Silence d'Or" e "Le Roi", êste último ainda inédito entre nós. Recebeu uma proposta da Paramount para voltar a filmar em Hollywood, tendo sido negado um "visa" para entrar no país. Passaram-se seis anos.

Chevalier, grisalho, batido pelos anos e cansado, empreende uma viagem à América do Norte. Atua no Canadá, em Nova York e vem até ao Brasil.

Voltamos à realidade. No "foyer" do Vogue avistamos o pianista de Lady Patachou. Aproximamo-nos, pedindo cinco minutos de seu tempo. Respondeu-nos evasivamente, parecendo empenhado em evitar a reportagem mas, devido à nossa insistência, ficou marcado um encontro para mais tarde.

Entretanto, por acaso, concretizamos o nosso intento, ao encontrá-lo em um bar, fazendo seu lanche.

Começamos a palestrar e aos poucos Walter Eiger, êsse é o seu nome, foi-nos inteirando de alguns detalhes que desconhecíamos.

— O rumor de um romance entre Chevalier e Patachou vem varrendo todos os lugares onde nos apresentamos: Canadá, Estados Unidos e agora Brasil... — disse-nos Walter.

— E como pianista de Patachou, convivendo, pois, com ela e Chevalier, qual a sua opinião?

— Creio que não passa de simples amizade. Patachou é casada, viajando em companhia de seu espôso, o que bem prova isso. Chevalier é simplesmente um amigo íntimo. Quando Patachou não se encontra em Paris Chevalier passa a maior parte de seu tempo em casa de sua genitora e brincando com o filho desta cantora, um garotinho de três anos de idade.

— Acaso você sabe como nasceu esta amizade?

— A amizade surgiu quando Chevalier a ouviu e gostou de sua voz. Desde então tornou-se o seu "protetor", apresentando-a em todos os lugares para aonde ela é contratada. Há cêrca de seis meses atrás, chegou mesmo a ir a Londres sòmente para apresentá-la ao público britânico — respondeu-nos Walter, entre dois goles de guaraná.

— E' claro, — continuou êle — que faz isso sòmente por amizade. Infelizmente, Jean Billon não é artista, e sim o dono de um "night club" parisiense onde ela atua, mas não a deixa por um só momento, acompanhando-a em tôdas as suas viagens. Por isso, enquanto Chevalier ajuda-a na parte artística, protegendo-a sob o seu manto de ídolo

(Cont. na pág. 57)

A BELEZA DOS SEIOS — **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



ARCHIMEDES



CIA. T. JANER

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 85 — 11.º/12.º andar

SÃO PAULO — Rua Falcão Filho, 56 — 12.º andar

FILIAIS EM:

B. Horizonte, Belém, Pôrto Alegre, Recife e Curitiba — Agentes em todos os Estados

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Respostas ao teste:

1—São João de Macaé
2—Quatralvo (cavalo com os quatro pés alvos)
3—Sacerdote católico
4—155 mil quilos.
5—Desde o século IV
6—A que vem da água
7—No mesmo lugar
8—Bahia
9—Planeta
10—Laringoscópio
11—Pacífico
12—Michigan
13—Austrália
14—Três (as guianas inglêsa, francesa e holandesa)
15—O Báltico

O PROFESSOR DE GOLFE



Quando deixamos o golf...

Você parece que sabe por que eu ensino golf, Hope. Desde que a encontrei na Flórida, em férias, desejo estar perto de você.

Sempre procurei uma garôta como você... E já que a encontrei, quer casar comigo, Hope?

Oh! Ralph, eu também o adoro!

PODERÁ MARGIE CONQUISTAR RALPH, DESTRUINDO O CORAÇÃO de HOPE?















Continúa

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — QUAL O NOME TODO DA CIDADE DE MACAÉ:

N.S. de Macaé?
São João de Macaé?
Macaé de Imbitiba?

2 — DE ONDE VEIO A PALAVRA QUARTAU, DADA A CERTOS CAVALOS NO NORDESTE:

De quatralvos?
De quartos largos?
De quadril?

3 — QUEM ERA JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA, UM DOS ARQUITETOS DE NOSSA INDEPENDÊNCIA:

Advogado?
Jornalista?
Sacerdote católico?

4 — QUAL O PÊSO MÉDIO DE UMA BALEIA ADULTA, COMUM:

Vinte toneladas?
155 mil quilos?
Cem arrobas?

5 — DESDE QUE SÉCULO FOI ADOTADA A DATA DE 25 DE DEZEMBRO PARA A COMEMORAÇÃO DO NATAL DE JESUS:

Do quarto?
Do décimo primeiro?
Do século I, da éra cristã?

6 — QUE SIGNIFICA FÔRÇA HIDRÁULICA:

A que vem da água?
A gerada na atmosfera?
Ou a muscular?

7 — QUE QUER DIZER A PALAVRA LATINA «IBIDEM», ENCONTRADA EM CITAÇÕES DE LIVROS:

De autor estrangeiro?
No mesmo lugar?
Palavras traduzidas?

8 — EM QUE ESTADO DO BRASIL HA UMA CIDADE COM O NOME DE JACOBINA:

Em Pernambuco?
No Maranhão?
Na Bahia?

9 — JUPITER É:

Planêta?
Astro?
Satélite?

10 — QUE NOME TEM O APARELHO DE REFLEXÃO EMPREGADO PELOS MÉDICOS PARA EXAMINAR A LARINGE:

Ortopédico?
Laringoscópio?
Estetoscópio?

11 — QUAL DÊSTES OCEANOS É O MAIOR:

O Pacífico?
O Índico?
O Atlântico?

12 — QUAL O LAGO QUE BANHA A CIDADE DE CHICAGO:

O Michigan?
O Huron?
O Superior?

13 — A CIDADE DE CAMBERRA É A CAPITAL DA:

Nova Zelândia?
Groenlândia?
Ou da Austrália?

14 — QUANTAS COLONIAS ESTRANGEIRAS HA NA AMÉRICA DO SUL:

Uma?
Três?
Duas?

15 — QUAL O MAR QUE BANHA A POLONIA:

O do Norte?
O Mediterrâneo?
O Báltico?

(Respostas na página 54)

AMOR OU AMIZADE?

(Cont. da pág. 54)

universal, Jean se encarrega de conseguir passaportes, comprar passagens, etc. Em outras palavras: é o seu "manager".

— E, daqui, os dois continuarão viajando juntos? — perguntamos.

Walter tomou o último gole de sua guaraná, levantou-se e respondeu, antes de se encaminhar para a porta:

— Não. Chevalier seguirá para Buenos Aires e Patachou voltará a Paris, para onde êle seguirá mais tarde...

Despedimo-nos. Certamente a assertiva de que tudo não passa de mera amizade não é o bastante para o público. A curiosidade parece descansar na mente de todos; mas se, realmente, trata-se de mais um "caso amoroso" na vida de Maurice Chevalier, talvez sòmente se poderá saber quando o sexagenário *chansonier* publicar o terceiro volume de suas memórias...

REVOLUÇÃO DE SAIAS

(Cont. na pág. 5)

— Somos pela conservação dos Estatutos...

— Mas...

O nosso "mas" ficou no ar, porque êles mergulharam novamente na palestra que estava bastante agradável, pelos sorrisos e gestos que notamos.

A opinião dos acadêmicos, como se pôde concluir dos depoimentos acima, acusa uma minúscula parcela de favoráveis às mulheres. Outros são contra, peremptòriamente, outros ainda pela conservação do estatuto. Não precisamos ser profetas para vaticinar e apostar que o projeto não passará: as mulheres, se bem que o mereçam, como êles próprios reconhecem, continuarão de fora... Até quando?

FALAM AS INTERESSADAS

Da Academia mesmo, telefonamos a D. Rachel de Queiroz, marcando entrevista. Quase não pudemos concluir nosso telefonema, porque os gatos que fazem ponto na Academia, do lado de fora, não deixavam falar. Miau, miau. Uma barulheira infernal.

Mas, aos trancos e barrancos, conseguimos marcar a entrevista. Fomos à residência de D. Rachel, na Ilha do Governador.

Em lá chegando, depois das apresentações, perguntamos:

— Que acha, D. Rachel, sôbre a entrada das mulheres na Academia?

Depois de frisar que não é literata e que vive inteiramente devotada às suas galinhas, aos seus cães e à sua própria vida, aquela simpaticíssima cearense, que diríamos simbolo da grandeza de nossa intelectualidade feminina, se isso não fôsse ferir terceiros, respondeu:

— Acho que as mulheres devem entrar na Academia.

— Por quê? — voltamos a inquirir.

— Por quê — respondeu ela com outra pergunta — só os intelectuais hão de aproveitar as delicias acadêmicas e o prêmio da imortalidade?

Aproveitamos a deixa para voltar à carga:

— Que pensa da Academia, Dona Rachel?

— A única página que lamento na história do "augusto sodalicio" é aquela da eleição, não do sr. Getúlio Vargas literato, mas do sr. Getúlio Vargas ditador. Contudo, nem isso nos deve afastar da Academia. Seria o mesmo que a gente se recusar a ser deputado, porque em 1937 a Câmara votou o estado de guerra que permitiu o golpe de Estado, ou não querer ser vereador porque há um integralista que também o é..

Ficamos ainda por minutos, ouvindo D. Rachel divagar sôbre vários assuntos, com sua palestra agradável e, ao voltarmos à cidade, havíamos inserido em nosso imaginário caderno de recordações e impressões inolvidáveis, aquêles rápidos instantes com a insigne Rachel.

Encontramos D. Dinah, de quem já tivemos ocasião de falar em trabalho anterior, no qual dissemos de nossa admiração, muito gripada e quase que não pudemos conseguir a sua abalizada palavra sôbre o assunto do momento. Mas ela, sempre gentil, não encontrou na gripe impecilho para a entrevista e respondeu:

— Sou de opinião que as mulheres mereçam penetrar na Academia, porque, em matéria de intelectualidade, são iguais perante êles. Agora, acho que uma mulher deverá, quando chegar a ocasião de pedir votos aos acadêmicos, sentir um certo constrangimento...

— A senhora seria candidata?

Nessa altura da palestra, D. Dinah desconversou:

— Há cêrca de vinte mulheres que merecem um lugar na Academia.

— Poderia citá-las?

Nova evasiva de D. Dinah que, com muita graça e sorrindo, disse:

— Não, eu poderia esquecer alguma...

Demos por encerrada a rápida entrevista e fomos procurar ouvir D. Lúcia Benedeti, que, para quem não sabe, informamos ser espôsa do admirável politico, teatrólogo e jornalista Raymundo Magalhães Júnior.

A questão de as mulheres entrarem ou não na Academia é debatida sistemàticamente cada vez que há uma vaga. Assim como aparecem as ondas de frio, de gripe ou de calor, essa pergunta vara de vez em quando tôdas as camadas, sacudindo grupos e movimentando as pessoas mais pacatas. Por outro lado, pode parecer frivolo haver escritoras dentro da Academia, quando há tantos nomes masculinos de renome como Érico Veríssimo, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Rubem Braga e tantos outros. Mas a coisa não tem nada de frivolo. É um assunto muito sério. Quem duvidar do que digo, vá um dia visitar a própria Academia.

— Por que, D. Lúcia?

— E' uma casa sonolenta, empoeirada, com milhares de gatos espichados ao sol da varanda. Dá uma impressão de aridez, de escritório comercial, onde as mulheres que escrevem recebem uma gorgetinha de quando em vez. O próprio Machado de Assis, sentado tristemente naquele desvão de janelas, parece estar esperando alguém que não chegou. A melancolia de Machado nunca foi tão evidente como ali, naquela situação de quem fiscaliza a entrada, como antigamente colocavam leões de pedra ou dragões. A primeira coisa que uma mulher faria ali dentro seria melhorar a situação do velho Machado.

Como assim, D. Lúcia, voltamos à carga.

— Numa Academia onde houvesse mulheres, êle não ficaria de guarda-noturno. Por outro lado, o Brasil está atualmente tão bem servido de mulheres que escrevem, que não poderia causar espanto a ninguém se uma Dinah Silveira de Queiroz, uma Rachel de Queiroz, uma Carolina Nabuco, Helena Silveira, Maria de Lourdes Teixeira e uma Leandro Dupré, ou qualquer dêsses nomes recebesse a consagração acadêmica. Mas o diabo são os acadêmicos. Será que êles deixam?

Nesta altura, quisemos fazer uma aposta com D. Lúcia. Apostaríamos tudo contra nada como êles não vão deixar. Ela não aceitou a aposta, é evidente.

Depois de D. Lúcia, procuramos ouvir a palavra da insigne poetisa D. Cecília Meireles que, de maneira nenhuma, se furtou à entrevista.

— De vez em quando, — começou ela pausadamente — ressurge o problema do acesso das escritoras à Academia Brasileira de Letras. A meu ver, é um constrangimento, para as

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS
Preferidos no Brasil
BANGÚ
Grande sucesso em Buenos Aires
EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

"Que surprêsa desagradável"

quando se encontra no armário uma roupa roída pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas, nem cheiro.

Use a lata grande - a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

Leiam a CENA MUDA

REVISTA SEMANAL DEDICADA AO

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA

HEMORRÓIDAS
E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o líquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



H-10-2 Ag. Pettinati

escritoras, terem de falar no assunto, uma vez que estão em causa os seus interêsses.

— A quem caberia, então, falar? — perguntamos.

— À Academia é que se impunha esclarecer devidamente a questão. Nos seus Estatutos, tal como foram redigidos em 1797, diz o art. 2º: "Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de Literatura, publicado obras de reconhecido mérito, ou, fora dêsses gêneros, livro de valor literário". De acôrdo com êsse pensamento dos fundadores da Academia o que se levava em consideração era o valor literário da obra. E quanto aos seus autores, a qualidade de *brasileiros*. De modo que não vejo como possam ser excluídas as escritoras, em face da singeleza dessa redação.

— Quem dizer que sua posição é de defesa da mulher?

— Não há dúvida. Não preciso defendê-las, aliás; suas obras aí estão, até para serem confrontadas com muitos escritores do outro sexo. Há, portanto, em literatura, obras femininas de real valor. E, sendo as suas autoras "brasileiras", deviam estar incluídas no artigo 2º acima citado.

Depois de servido um cafèzinho, D. Cecília continuou:

— Já em 1850, foi proposta, por Joaquim Norberto e outros, para membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico, a poetisa Beatriz Francisca de Assis Brandão. Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias, encarregados de estudar o caso, foram de opinião que, pela natureza de sua obra, o lugar daquela escritora seria numa Sociedade Literária e, como o Instituto se propunha, então, fundar uma Academia Brasileira, aconselharam esperar-se pela sua instalação, para lá remetendo a proposta.

Chamando a empregada, a fim de guardar as xícaras, D. Cecília, sem interromper o fio de seu pensamento, continuou falando:

— Se tudo isso foi sincero, já em 1850 não era pensamento estravagante o de admitir-se uma escritora a uma alta instituição de ... como devem ser as Academias literárias. O que se verifica, ... é haver decorrido um século, sem que se chegasse a uma conclusão sôbre o assunto.

— Quer dizer que a senhora acha que a Academia deve pronunciar-se, antes de mais nada?

— Claro, é ela que deve falar, para que o público possa ser informado com acêrto e poder discutir, opinar, julgar. Enfim, para que o problema deixe de existir.

— A senhora seria candidata?

— Quem fala como eu falei não é candidata a nada. Até preferia responder com esta pergunta: nos tempos atuais, vale a pena, literàriamente, pertencer-se a alguma Academia?

Eis aí, leitor, o depoimento de alguns acadêmicos e de alguns dos maiores valores femininos do Brasil. Agora você deve tirar suas conclusões, que devem ser igual à nossa. Somos... bem, é segrêdo profissional.

FLAMENGO — O. . .

(Cont. da pág. 13)

"goals" certos, ou possíveis. O jôgo final tem a duração de sessenta minutos, com mudança de campo em trinta.

DOZE TIMES EM AÇÃO

Ao torneio Início de 1950 concorreram 12 clubes, os 11 da primeira divisão, e o campeão da segunda divisão de amadores, o Manufatura, como homenagem dos times profissionais. Estiveram em exibição no Maracanã nada menos de 135 artistas da pelota. Estêve presente todo o abecedário, com excessão das duas últimas letras, X e Z, e isto teria sido possível se o Fluminense tivesse pôsto em campo o seu médio Xatara e o Botafogo o seu centro-avante Zèzinho. Entre os exóticos, encontramos: no Manufatura, um Cardeal; no Canto do Rio, Carango e Binha; no Madureira, Galego, Davidson e P. Bala; no Flamengo: Pavão, Bigode e Índio; no Fluminense, Pé de Valsa e Carlyle; no Botafogo, Neca; no Bangu, Sula, Mirim (que é grande), Pinguela e Vermelho (que é pretinho da silva); no Bonsucesso, Manga (não sabemos se é de camisa ou fruta), Urubatão, Lusitano e Cola; no Vasco, Tesourinha, Edmur, Ipojucan e Dejayr.

SEIS HORAS DE ESPETÁCULO

Foram disputadas 11 pelejas no Torneio Início de 1951, que rendeu 334.778 cruzeiros; poderia ter sido maior a importância, mas, tratando-se de uma festa popular, foram cobrados ingressos três vêzes mais baratos do que na Copa Rio. Portanto, o preço do Torneio Mundial, a assistência teria oferecido uma arrecadação superior a um milhão de cruzeiros. A renda de 1951 foi cêrca de 50 vêzes superior à primeira arrecadação do Início em 1916.

No primeiro jôgo, o São Cristóvão venceu ao Manufatura por 3x2; no segundo, o Bonsucesso eliminou o Canto do Rio por 1x0; no terceiro, o Flamengo impôs-se ao Madureira por 2x0; no quarto, o Fluminense triunfou sôbre o Olaria por 1x0; no quinto jôgo, após empate sem abertura de contagem, o São Cristóvão eliminou o Botafogo na cobrança de penalties, por 2x1; no sexto, o Bangu só conseguiu vencer o Bonsucesso nos penalties, por 3x1; no sétimo, o Flamengo continuou a sua marcha invicta, derrubando o vice-campeão carioca, o América, por 1x0; no oitavo, o Fluminense eliminou o Vasco, campeão carioca, nos penalties, por 3x2; no nono, o Bangu classificou-se para a final, derrotando o São Cristóvão por 1x0; no décimo, o Flamengo obteve o direito de ser finalista ao vencer o seu tradicional rival, o Fluminense, por 2x0. No décimo-primeiro, final, o Flamengo conquistou o título, derrotando o Bangu por 2x1.

CINCO ANOS DEPOIS

Foi em 1944, que o Flamengo conquistou o seu último título de campeão carioca. Em 1936 obteve o título de campeão do Início. Desde então, estêve divorciado da liderança do futebol carioca. Agora a boa estrêla de Flávio Costa parece ter devolvido o "mais querido do Brasil" aos braços da glória. Após uma temporada invicta na Europa, dez jogos, dez vitórias, duplamente invicto porque empatou sem abertura de contagem com outro clube brasileiro que, em onze jogos na Europa, também não sofreu o amargor de um só revés, a Portuguêsa de Desportos, logrou o Flamengo o título de campeão do Torneio Início, conseguido em quatro partidas, numa campanha que durou duas horas. Ganhou do Madureira de 2x0, "goals" de Índio e Hermes. Venceu ao América pela contagem mínima, "goal" de Esquerdinha. Derrotou o Fluminense por 2x0, tentos de Hermes. Finalmente, no último jôgo, impôs-se ao Bangu, campeão do torneio no ano passado por 2x1, tentos de Índio. Marcou sete "goals" a artilharia do rubro-negro e o arco de Garcia foi apenas vazado uma vez, por Moacir Bueno, do Bangu. Hermes e Índio foram os construtores da vitória, com três "goals" cada, e Esquerdinha ajudou com um tento a vencer o América.

Bom começo de temporada para o rubro-negro, e não é sem razão que os componentes da maior torcida do Brasil exclamam agora jubilosos: o FLAMENGO É O MAIOR!



ÁGUA INGLÊSA GRANADO



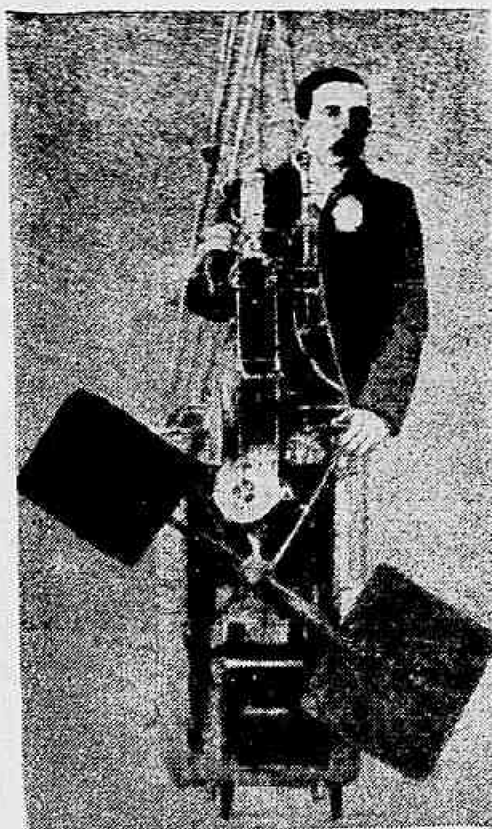
Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

A REVISTA Há 50 anos

(11 de agôsto de 1901)

ATUALIDADE UNIVERSAL



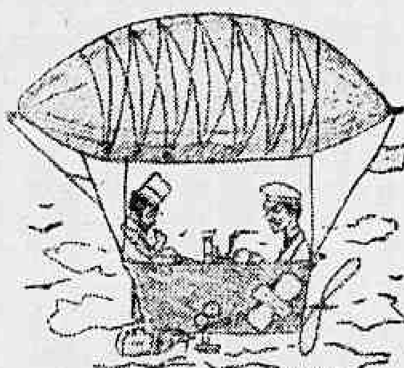
Santos Dumont na barquinha do seu balão dirigível, com motor de quatro cilindros, construído pelo sr. Buchet, em Paric.

ESTÁ finalmente resolvido o importante problema de dirigir os aero tatos, pertencendo êsse grande comet.mento a um cidadão brasileiro, o Sr. Alberto Santos Dumont, nascido no Estado de Minas Gerais, e continuador dos estudos do autor da primeira aeronave que franqueou o espaço ao homem, o jesuíta Bartolomeu L.urenço de Gusmão, também brasileiro, natural do Estado de São Paulo. Desde muito criança que o Sr. Dumont se afeiçoara à mecânica, dando-se particularmente ao estudo da aero tát.ca, sempre nutrindo a esperança ardente de que a sua dirigibilidade não vinha longe. Em uma de suas viagens fêz uma ascensão ao Monte-Branco e desde então mais se lhe afervorou a idéia de navegar pelo espaço, fazendo, no ano de 1897, vinte ascensões. Primeiramente construiu um balão que denominou "Brasil", c.nvencendo-se de que a forma esférica não seria nunca dirigível. Construiu em seguida um de forma cilíndrica terminando por dois cones, utilizando-se do motor de petróleo de Dion Bonton. Fêz ainda um outro que não deu os resultados esperados, um terceiro que descrevia círcul s, obedecendo à hélice e ao leme, o quarto evidenciando sensíveis aperfeiçoamentos práticos e finalmente o que acaba de torná-lo um dos maiores inventores do século atual, no mundo inteiro. Tem apenas 28 anos, pois nasceu em 1873, estando portanto em plena pujança da vida, que Deus certamente lhe prolongará, para que realize as melh ras agora relativamente fáceis de que o seu invento neces ita. ..E' uma glória do Barsil e da raça latina que parece, felizmente, renascer do abatimento em que na última parte do século findo caíra, iniciando uma nova época de brilhos nas ciências e nas artes.

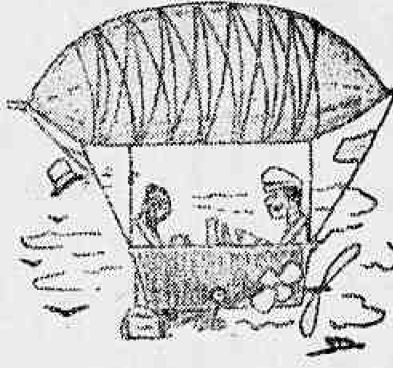
TEATRO — Muito inferior a outras revistas de Sousa Bastos, a que sob o título de "Talvez te escreva" subiu à cena no Apolo, com Palmira Bastos, Alfredo de Carvalho, Gomes e Rebocho. No Lucinda representou-se "A Tomada da Bastilha"; no Santana exibiu-se "A Mãe dos Escravos", havendo também récitas no Coliseu Teatro e na Guarda Velha. O São Pedro de Alcântara apresentou, esta semana, "O Poeta e a Inquisição e Judas em sábado de Aleluia". No Moulin Rouge, variedades do costume. Para o Recreio Dramático virá uma companhia de zarzuela e ópera ligeira.

POR ÊSSE MUNDO — Na Alemanha, a iluminação pelo gás acetileno tem tomado ùltimamente, grande desenvolvimento, atingindo a 200.000 pelo menos o número de bicos atualmente em uso naquele país. — A Universidade de Paris foi freqüentada em 1900, por 13.460 estudantes. — A 30 do mês findo foi solenemente festejado o 25.° aniversário da entrada de Guilherme II para o exército germânico.

PELOS ARES (A PROPÓSITO DE SANTOS DUMONT Charge de Raul)



— Então, que tal acha o meu invento?
— E' de se tirar o chapéu.



— E o vento é de tirar o chapéu...
— ! ! !

CRÔNICA

Vingará a nova tentativa de uma associação de jornalistas? Pode ser que sim; pode ser que não. Em todo o caso vale a pena experimentar. Basta que cada um de nós abdique de uma parcela, uma pequenina parcela de sua vaidade, para que a idéia vá por diante. Eu sei que êste "basta" representa uma montanha a remover, mas tantos e tão fortes empurrões tem o pedregulho levado que, afinal, há de ruir por essas quebradas afora, deixando livre o acesso a êsses lindos Campos Elísios, onde, em alamedas umbrosas e frescas clareiras arrelvadas, poetas conversam com poetas sem se esmocar, romancistas e autores dramáticos confabulam sem deprimir-se e jornalistas cavam na santa vinha da liberdade sem recorrer ao calão dos escrunchas e sem mùtuamente exumar, com uma paciência digna de melhor causa, velhas injúrias de barregã, têrmos obsoletos do vocabulário dos "poissardes". Porque a isso, principalmente a isso, deve consagrar-se a nova agremiação. Fazer compreender aos que trabalham na imprensa brasileira, para que o público também o compreenda, que o jornalismo não é precisamente um lavadouro de roupa suja, um cinzeiro ou uma escarradeira, um jornalista um mister de crápulas, de desocupados, ou de ineptos. E estas são as noções que a opinião tem de nós, ó con'rades que acabais de fundar o Círculo de Imprensa! Com razão? Sem ela? Que cada um dos que mourejam nesta ingrata courela, mêta a mão na consciência e responda. Eu que nao sou dos piores não resistiria a um exame de consciência feito com t.do o escrúpulo de uma confissão em regra.

JACQUES BONHOMME



A MODA — Um leão da Rua do Ouvidor. (Charge de Bambino).

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 32 ★ 11-8-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.° andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

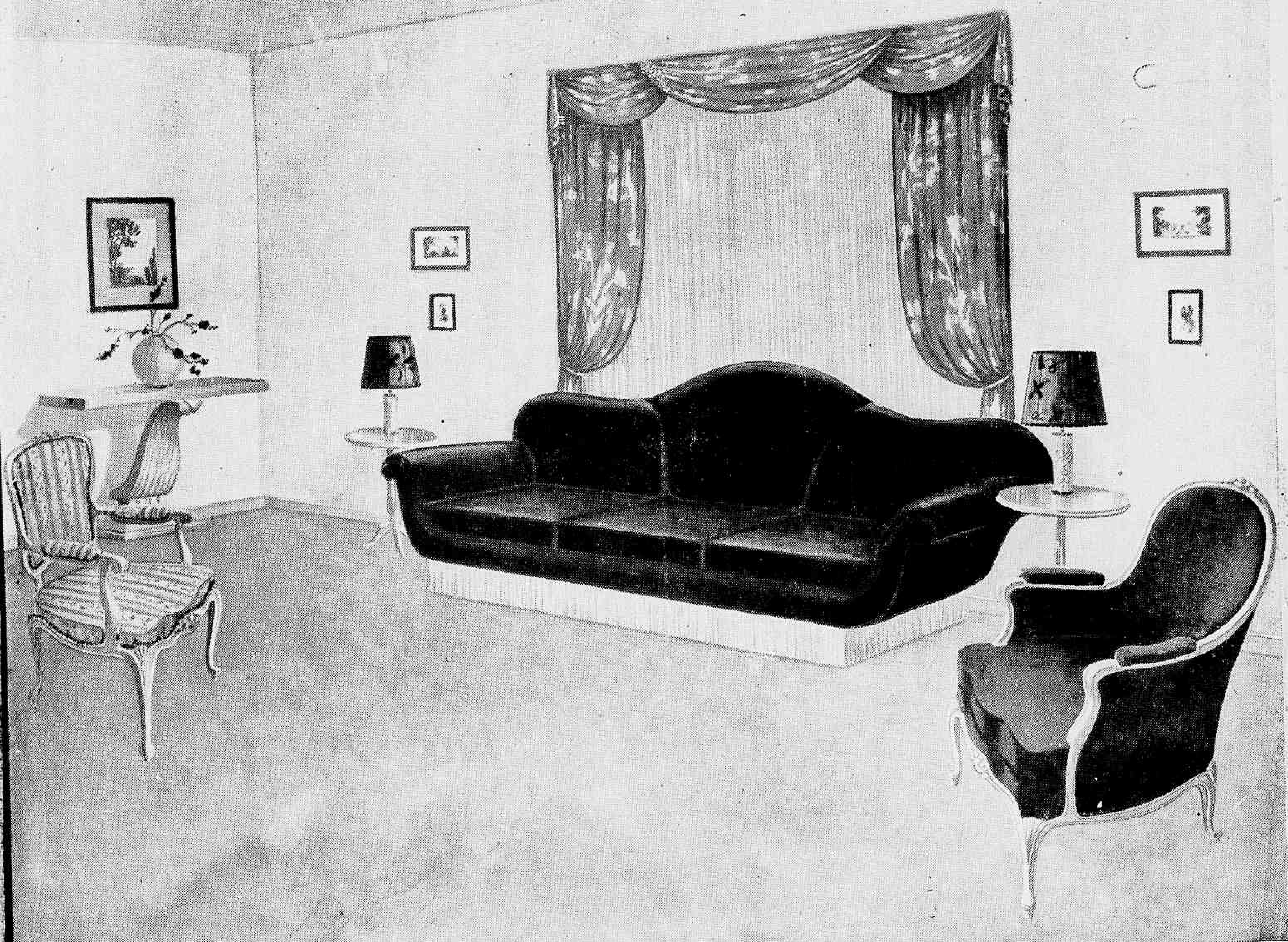
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

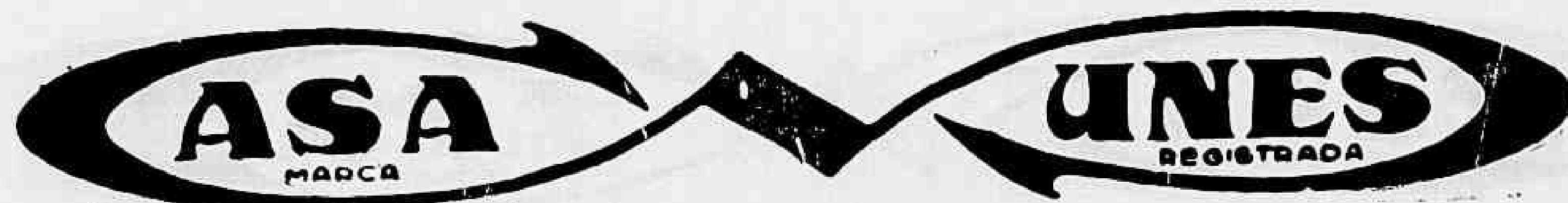


MÓVEIS E DECORAÇÕES

Projetos executados por
técnicos-decoradores

Grande sortimento de
Tapêtes e Passadeiras
de tôdas as côres e dimensões

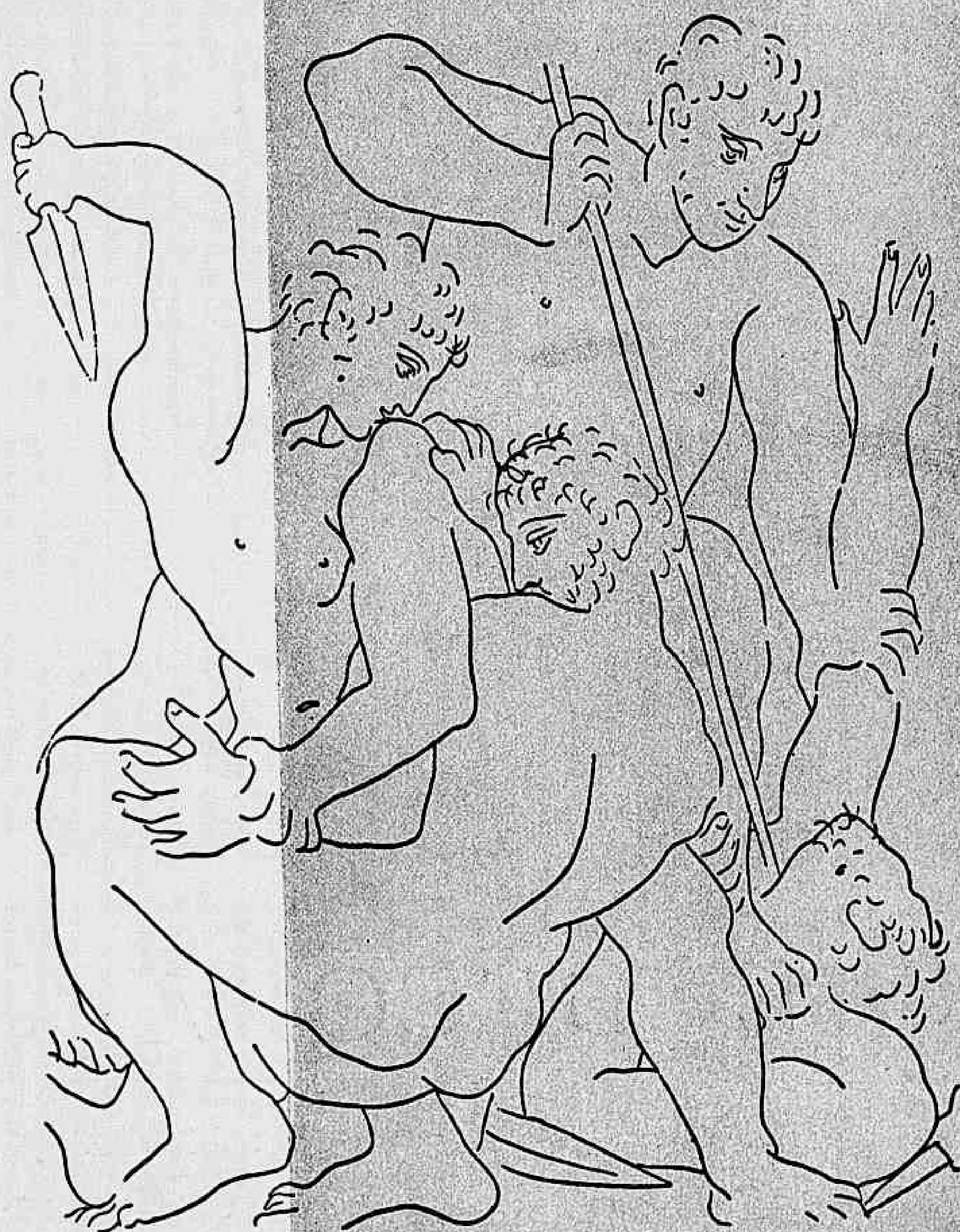
Grupos estofados
— uma especialidade de nossas oficinas



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO


VELASQUEZ: AUTO-RETRATO

Os amantes da arte preferem Hollywood


PICASSO: AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar
um Velasquez ou um Picasso,
sòmente um bom cigarro
satisfaz — Hollywood,
mistura feliz de tabacos
da mais alta classe.
Hollywood conta hoje com mais
fumantes que todas as outras
marcas da mesma categoria
combinadas. Você, como
pessoa de bom gosto,
não pode dispensar
Hollywood!



cigarros Hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.077